



**ARMINDA SOUSA DA
COSTA**

**AUSÊNCIA DO ARTIGO DIANTE DE SUBSTANTIVO
NO PORTUGUÊS DO NORTE DE MOÇAMBIQUE**



**ARMINDA SOUSA DA
COSTA**

**AUSÊNCIA DO ARTIGO DIANTE DE SUBSTANTIVO
NO PORTUGUÊS DO NORTE DE MOÇAMBIQUE**

dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Línguas, Literaturas e Culturas (2.º ciclo) – *Estudos Portugueses* realizada sob a orientação científica da Doutora Urbana Maria Santos Pereira Bendiha, Professora Auxiliar do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro.

Dedico este trabalho ao meu pai, Cândido Izidro da Costa, que muito me elogiava pelas minhas audácias, o que me estimula bastante a superar as barreiras da vida. O teu 'petromax', pai, ficou sempre aceso na minha mente! Que Deus te tenha ao Seu lado! À minha inesquecível filha, Inocência Amina de Sousa, o meu anjo e guia inseparável, a quem tenho pedido forças nos momentos de tentação para o desespero. De ti, filha, fica a eterna saudade!

A ti, mãe, Amélia, vai a minha compreensão! Que Deus te tenha! À vovó Handia, cujos ecos de educação continuam soando nos meus ouvidos!

Um longo abraço vai para o meu querido irmão, Domingos! Descansa em Paz!

o júri

presidente

Prof. Doutor Carlos Manuel Ferreira Morais
Professor Auxiliar da Universidade de Aveiro

Prof.^a Doutora Maria Helena Serra Ferreira Ançã
Professora Associada com Agregação da Universidade de Aveiro (arguente)

Prof.^a Doutora Mónica Sofia de Almeida Bastos
Professora Assistente da Universidade Pedagógica de Moçambique – Pólo da Beira

Prof.^a Doutora Urbana Maria Santos Pereira Bendiha
Professora Auxiliar da Universidade de Aveiro (orientadora)

agradecimentos

O presente trabalho resultou da colaboração de muitas pessoas, desde os informantes, a colegas de serviço e familiares. É um gesto singelo e traz-nos tranquilidade de espírito o saber agradecer por tudo quanto recebemos. Não há atitude mais baixa que o ser ingrato! Assim, aproveito este momento para manifestar a minha grande satisfação por tudo quanto recebi de apoio para que esta pequena viagem ao conhecimento fosse concretizada. Ao Professor Doutor Carlos Morais, Diretor do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, por me ter encorajado a versar sobre este tema ainda pouco explorado e que suscita muita curiosidade para os estudiosos da Linguística; À Professora Doutora Urbana Pereira, da Universidade de Aveiro, minha tutora, que nunca lhe faltaram *inputs* para uma melhoria constante do projeto; Aos meus filhos: Wilson, carinhosamente tratado pela família e amigos por Sony, pela grande ajuda técnica na solução de vários problemas surgidos no processamento deste trabalho; à Candinha, pela coragem que me tem dado, ao continuar confiando nas capacidades da mãe, o que me tem revigorado a mente; ao Gildo, que, com seus sistemáticos modos agressivos na prossecução de seus objectivos, e porque é meu lema *mergulhar profundamente em reflexões quando os mais variados desafios se me colocam*, me ajudou a dedicar-me mais à investigação. Em especial, vai o meu imensurável agradecimento ao meu colega do curso, Sérgio Omar, com o qual trilhei os sinuosos atalhos por estas terras montanhosas do interior do Norte de Moçambique, procurando e auscultando os falares dos *amakhuwa*. Muito obrigado, mano Sérgio! À Elsa e outros colegas, que muitas vezes compreenderam e deram seu apoio, direto ou indireto, para a realização desta dissertação. A todos os que aqui não mencionei, mas que, de facto, me deram mão e moral, para que pudesse levar a um bom termo, esta obra que constitui a primeira armada, nesta minha viagem dos descobrimentos! A todos os meus entes queridos, porque me iluminaram e me acompanharam a todos os becos deste vasto Moçambique, o meu muito Obrigado! Bem hajam todos!

palavras-chave

Português Europeu, Português Moçambicano, Sintagma Nominal, Determinante Artigo, Interferência de línguas.

resumo

O presente trabalho, intitulado *a ausência do artigo diante de substantivo no português falado no norte de Moçambique*, propõe-se divulgar uma das características distintivas da língua Emakhuwa: a determinação do nome por prefixos nominais e a ausência do determinante artigo junto de substantivo nesta língua. Definido como objetivo do trabalho estudar as regras de organização da frase e do SN no PE e no Emakhuwa, analisou-se a estrutura interna dos sintagmas nominais nas duas línguas, com base em amostras recolhidas de falantes nativos do Emakhuwa. Partindo da problemática de determinação dos nomes no português moçambicano, o trabalho discute a ausência do determinante artigo diante de substantivo no português das províncias nortenhas de Moçambique, por influência das línguas faladas nesta zona do país. Identificaram-se os determinantes do nome nas duas línguas; estabeleceu-se uma comparação dos constituintes da frase e do sintagma nominal no Português e no Emakhuwa; descreveram-se os elementos que indicam o género e o número no PE. Levados pela hipótese de interferência da língua Emakhuwa sobre o português, organizou-se uma lista de frases que foram traduzidas por falantes nativos do Emakhuwa, naturais e residentes em alguns distritos das províncias de Nampula, Cabo Delgado, e Zambézia. Analizadas as amostradas recolhidas, concluiu-se que: 1. A estrutura dos sintagmas nominais, nas línguas do grupo macua-lómuè, é típica, pois os grupos nominais são determinados, à esquerda, por morfemas gramaticais, de classe nominal, (que precedem o nome, mas sem ocupar a posição que seria do artigo), indicando a área semântica a que o nome pertence e, à direita, por modificadores (unidades lexicais) colocados depois dos nomes. 2. O determinante artigo é uma categoria vazia nas línguas do grupo macua-lómwè.

keywords

European Portuguese, Mozambican Portuguese, Nominal Syntagmy, Determiner Article, Languages Interference.

abstract

The present work, entitled *the lack of article towards the noun in Portuguese spoken in the region of Mozambique*, tends to show up one of the major distinctive characteristics of Emakhuwa language: The determination of the name by nominative prefixes and the lack of the determiner article together with the use of the noun in this language. As defined as the objective of the work to study the organization rules of the expressions and NS (Nominal Syntagmy) and EP (European Portuguese) and in Emakhuwa, has been analysed that the internal structure of the nominal syntagms on the two languages, based on the collected samples of the Emakhuwa native speakers. Starting from the problematics of the determination of the names in Mozambican Portuguese, the work discusses the lack of the article towards the noun in Portuguese of the northern provinces of Mozambique, caused by the influence of the spoken languages in this zone of the country. They have been identified the determiners of the two languages; was established a comparison of the continuities of the expression and of the nominal syntagmy in Portuguese and in Emakhuwa; were described the elements that indicate the gender and the number in the EP (European Portuguese). On the base of the interference hypothesis of Emakhuwa language about Portuguese, was organized a list of expressions that were translated by Emakhuwa native speakers and local residents of some districts of Nampula province, Cabo Delgado and Zambézia. After the collected samples been analysed, it was concluded that: 1. The structure of the nominal syntagms in the Macua-Lómuè language group, is typical, thus the nominal groups are determined from the left by grammatical morphemes, of the nominal class, (that precede the name but without occupying the position that belongs to the article), indicating the semantic area that the name belongs to the right, by the modifiers known by (lexical unities) placed after the names. 2. The determiner article is a plain category in the of Macua-Lómuè languages.

Molumo arukurenrye

Ekunya yokhopela, Ekunya yomoçambique, masina, nihimo nelopwana ni nethiyana, ilavulo sinkumana sinamwi sihittharanaka.

Oviina

Muteko ola, oniitthaniwa “onihimya wi masina amwimakhuwa khankhalana nihimo n’elopwana ni n’ethiyana”. Molumo ala ankhapela woneyiha wi masina antthariwa ni nihimo nin’himya wi ensina ti na mwaanama, ti na mwaamuthu, ti n’ethu, ti na miri. Siso, matthokelo ala amphavela oshuttheyha mota anttharanaya molumo ni masina mwimakhuwani. Yahilempwa molumo mwikunyani khuvahiwa anan’munsine, anlavula Emakhuwa, ale khuhimyaka mota an’himmwaya mwimakhuwani. Atthuene yala yakohiwa anamlaponi owamphula, oCabo Delgado, ni oZambézia. Molumoene yala, yattamanihanaka nimolumo ni masina a mwikunyani, aathonyihera wi: 1. Masina aEmakhuwani ampattanyheriwa, wopadjerani, ni nihimo; Womalelani, masina ampattanyiheriwa ni nulumo ninlamula etipitthu. 2. Mwimakhuani, khinikhanle nulumo ninthonyherya wi nsina ti nelopwana ni ti nethiana.

Índice

Capítulo I. Introdução	- 1 -
1.1. Contextualização	- 1 -
1.2. Dados sobre a língua Emakhuwa	- 3 -
1.3. Problema da investigação	- 4 -
1.4. Hipóteses da pesquisa	- 5 -
1.5. Objetivos do estudo	- 6 -
1.6. Relevância do estudo	- 6 -
1.7. Organização do trabalho	- 7 -
Capítulo II: Revisão da literatura e Metodologia da pesquisa.....	- 8 -
2.1. Quadros teóricos.....	- 9 -
2.2. Sequência dos constituintes da frase no PE.....	- 11 -
i. Sujeito e sua constituição.....	- 15 -
ii. Predicado	- 16 -
iii. Complementos verbais.....	- 18 -
a) Objeto direto.....	- 18 -
b) Objeto indireto.....	- 19 -
c) Predicativo do sujeito, do objeto direto e indireto.....	- 19 -
d) Agente da Passiva.....	- 20 -
iv. Cmplementos da frase.....	- 20 -
i. Adjunto adnominal	- 20 -
i. Adjunto adverbial	- 21 -

ii.	Aposto.....	- 21 -
iii.	Vocativo.....	- 22 -
2.2.3.1.	Mobilidade dos termos dentro da frase.....	- 25 -
ii.	Factores de natureza gramatical.....	- 25 -
2.2.3.2.	Frase e os tópicos marcados.....	- 28 -
2.3.2.	Constituintes do sintagma nominal no português europeu (PE).....	- 33 -
(i)	Núcleo do SN.....	- 33 -
(ii)	Complementos dos sintagmas nominais.....	- 36 -
a)	Restritores do sintagma nominal.....	- 36 -
i.	Sintagma nominal no sujeito.....	- 37 -
ii.	Sintagma nominal nos complementos verbais.....	- 37 -
1.	No objeto direto não preposicionado.....	- 37 -
2.	No objeto direto expresso por uma oração substantiva:.....	- 38 -
3.	No predicativo.....	- 38 -
4.	No agente da passiva.....	- 38 -
5.	Sintagma nominal no aposto.....	- 39 -
6.	Aposto na posição de sujeito:.....	- 39 -
7.	Aposto no complemento nominal:.....	- 39 -
k)	Aposto no objeto direto:.....	- 39 -
8.	Aposto no objeto indireto:.....	- 39 -
9.	Aposto no agente da passiva:.....	- 39 -
2.6.	SN e operações de determinação.....	- 41 -
2.6.1.	Determinante Artigo.....	- 41 -
2.6.3.	Sintagmas nominais sem o determinante <i>o</i> (artigo definido).....	- 43 -

2.7.	Constituintes da frase nas línguas bantu	- 44 -
2.8.	Estrutura do grupo nominal em Emakhuwa.....	- 44 -
2.8.1.	Morfologia nominal e as classes nominais.....	- 44 -
2.9.	Relações gramaticais realizadas pelo GN	- 49 -
2.9.2.	Modificadores.....	- 49 -
2.10.	Determinação dos nomes em Emakhuwa	- 56 -
2.11.	Metodologia da Pesquisa	- 56 -
Capítulo III: Ausência de artigo diante de substantivo no português moçambicano.....		- 62 -
4.1.	Omissão do artigo de acordo com a norma do PE	- 63 -
i)	Antes de substantivos usados de um modo geral	- 64 -
ii)	Numa sequência de nomes diferentes.....	- 65 -
iv)	Substantivos comuns como expressões de enumeração:	- 65 -
v)	substantivos comuns no plural com um sentido genérico.....	- 66 -
vi)	Antes de substantivos abstractos	- 67 -
vii)	Antes de nomes próprios geográficos	- 67 -
ix)	Antes de substantivos determinados por outras classes de palavras:.....	- 68 -
4.1.2.	Omissão do artigo em frases onde este deveria ocorrer para:	- 69 -
i)	Designar o valor referencial dos nomes.....	- 69 -
ii)	Distinguir, nomes de diferentes seres ou realidades.....	- 71 -
iii)	Marcar o grau superlativo relativo.....	- 72 -
iv)	Determinar expressões de outras categorias gramaticais	- 72 -
4.2.	Resumo da seção.....	- 73 -
4.3.	Resumo do capítulo.....	- 74 -
Capítulo V. Ausência de artigo no Emakhuwa.....		- 79 -

5.1.	Organização da frase em Emakhuwa.....	- 79 -
5.2.	Sintagma nominal em Emakhuwa.....	- 81 -
5.3.	Morfologia Nominal do Emakhuwa.....	- 82 -
5.3.1.	Classes e Prefixos nominais do Emakhuwa	- 83 -
5.3.2.	Prefixos de concordância com o sujeito, objeto e possessivo.....	- 92 -
5.4.	Resumo da secção:	- 98 -
5.5.	Resumo do capítulo:	- 99 -
Capítulo VI: Conclusões e Recomendações.....		- 102 -
Bibliografia:		- 111 -
Apendices:.....		- 116 -
1.	Textos manuscritos sobre a violência doméstica;	- 118 -

Lista de figuras

Figura 1.	A frase e seus constituintes.....	13
Figura 2.	A representação do sintagma nominal sujeito.....	33

Lista de tabelas

Tabela 1	___ Os prefixos nominais nas línguas Bantu.....	47
Tabela 2	A constituição da amostra.....	57
Tabela 3	O conhecimento de regras da gramática.....	72
Tabela 4	Sobre o hábito de leitura.....	73
Tabela 5	Os prefixos nominais em Emakhuwa.....	81
Tabela 6	Os nomes das classes 9 e 10.....	86
Tabela 7	___ O que distingue o determinante artigo do prefixo de classe.....	94
Tabela 8	___ Confrontação de estruturas ___ Exercícios.....	102
Tabela 9	___ Sintagmas nominais sem o determinante artigo ___ Exercícios	103

Abreviaturas

Adj. __ adjetivos

Adv. __ advérbios

BV __ Base Verbal

COMP __ Complemento de frase

DT/ DET __ Determinante

GN __ Grupo Nominal

L1 __ Língua primeira (materna)

OB. / OBJ=__Objectos (Directo/ Indirecto)

OD __ Objecto Directo

OI __ Objecto Indirecto

P __ Preposição

PE __ Português Europeu

PM __ Português de Moçambique

PRED __ Predicado

P.30; P.31; P.32... __ referem diferentes línguas do grupo linguístico macuwa – lómwè (P.30).

SN __ Sintagma Nominal

SUJ. __ Sujeito

SVO __ grupo constituído por: Sujeito, Verbo e Objectos (Directo e o Indirecto)

TN __ Tema Nominal

V __ Verbo

Capítulo I

Introdução

1.1. Contextualização

A presente dissertação destina-se à conclusão do grau de Mestrado em Línguas, Literaturas e Culturas, ministrado na Unizambeze, em Moçambique, pela Universidade de Aveiro (Portugal). A pesquisa assenta-se no *princípio da determinação dos nomes*, e faz um estudo descritivo da estrutura da frase e da morfologia do sintagma nominal do português europeu, comparada à morfologia do grupo nominal das línguas do grupo Macua-Lómué e respetivas variantes. Visa, por isso, identificar o princípio da determinação dos nomes nas línguas em estudo, para situar o Emakhuwa no quadro dos diferentes tipos de línguas, em função ou da rigidez da estruturação sintática e da morfologia do sintagma nominal, ou da variação paramétrica na determinação dos nomes. As gramáticas generativas defendem a existência de uma gramática universal (GU), entendida como a “soma de princípios geneticamente determinados, específicos à espécie humana e uniformes através da espécie” (Raposo, 1992). Segundo esta teoria, a espécie humana é dotada de uma capacidade inata, que lhe permite adquirir ou aprender qualquer língua natural. O modelo da gramática universal (GU) encontra-se estruturado em módulos autónomos, cada um deles com uma organização e princípios independentes à base de diferentes domínios da linguagem, integrando dois tipos de princípios: os universais (rígidos e invariáveis), comuns a todas as línguas naturais. O outro tipo de princípios é o conhecido por parâmetros, que as gramáticas de línguas particulares actualizam de forma diversa. Neste sentido, a GU é a teoria geral das línguas naturais e uma gramática é uma teoria de uma língua particular. Roberto (1997), afirma que os princípios da GU estão associados a parâmetros variáveis, isto é, um determinado princípio pode atualizar-se através de diferentes formas paramétricas em diferentes sistemas gramaticais particulares. Os parâmetros de variação são os responsáveis pelas diferenças entre línguas e estes dizem respeito às características funcionais. A variação relevante para a gramática é aquela que

atinge as características como *flexão, complementador, determinante, negação*, mas não *nome, verbo* e *adjectivo* (Chomsky, 1993). Um dos princípios rígidos e invariáveis (universais), previsto pela Gramática Generativa (GG), e que qualquer gramática de uma língua particular deve incorporar, é o *Princípio de Projeção*, segundo o qual, “ as orações das línguas humanas se estruturam segundo uma sequência rígida e possuem necessariamente um núcleo nominal (SN) Sujeito, (determinado por elementos lexicais) e um (SV) Predicado” (Raposo, 1992). O Parâmetro associado a este princípio é o do *Sintagma Nominal sem o determinante artigo*. É sobre este parâmetro que vai constituir o foco da presente pesquisa, que tem como língua-objeto o Emakhuwa. Portanto, o estudo visa identificar as principais estratégias que esta língua utiliza para a determinação do nome, para depois, situar o Emakhuwa no quadro das tipologias de línguas, no que concerne ao parâmetro da determinação de nomes.

Esta dissertação resulta da verificação, durante a prática de longos anos de docência e de convivência com falantes da língua Emakhuwa, de um constante e generalizado desvio à norma do PE, no uso do determinante artigo. Na província de Nampula, onde a língua local para a maior parte dos seus habitantes é o Emakhuwa, tem sido frequente a omissão do artigo em presença de sintagmas nominais, pelos alunos de todos os níveis, incluindo os do nível superior, concretamente nos falantes desta língua. Vezes há em que o artigo é chamado para contextos onde a regra do PE não recomenda o seu uso.

Moçambique é, à semelhança da maioria dos países africanos, um país multilíngue, podendo encontrar-se, numa mesma província, mais de três a cinco línguas africanas, pertencentes ao grande grupo linguístico bantu. Por esse facto, na região norte do país, onde a língua de base é o Emakhuwa, o Português coexiste com várias outras línguas e suas variantes. É natural que nesta convivência entre línguas, se registem influências de umas sobre as outras e de interferência entre elas, originando fenómenos como empréstimos, estrangeirismos, neologismos, e até “erros” estruturais. É neste contexto que se regista recorrente a omissão de artigo para determinar os nomes, um problema actual na comunicação entre os falantes do português moçambicano, comparado ao português europeu. O uso de artigo antes de nome é, realmente, um problema nos falantes do Emakhuwa como língua materna. Eles (os falantes), não conseguem saber se devem ou não usar o artigo nas suas produções orais e escritas. O

impulso imediato é o de o omitirem, talvez por não conhecerem os contextos e o porquê do uso ou da sua omissão. Esta constitui a motivação que está na origem da presente pesquisa, cujo tema é “ A omissão do artigo diante de substantivo no Português do Norte de Moçambique”. O quadro teórico privilegiado na análise de dados é o da morfologia nominal, com fundamentos no princípio de Projeção, que defende que, no PE, os substantivos se caracterizam por serem determináveis e actualizáveis por elementos lexicais (artigos e por outros tipos de determinantes), conforme Cunha, 1984.

1.2. Dados sobre a língua Emakhuwa

A presente dissertação toma como objeto de estudo aquilo que Ngunga (2004), citando Guthrie (1967-71), considera o grupo linguístico P.30_ macua –lómue, onde se enquadram as línguas Emakhuwa, (P.31) e Elomwe (P.32), com as respetivas variantes. De acordo com dados recentes do Instituto Nacional de Estatística (INE 2010), a língua Emakhuwa é falada por cerca de 5.307.378 pessoas, em Moçambique, o que abarca um grande número da população de Moçambique. A partir destes dados, depreende-se que as línguas do grupo macua-lomue são as mais faladas, pois que, além da maior percentagem da população usuária, na razão de 26.1% do total de moçambicanos, elas ocupam a maior extensão territorial em Moçambique (5 províncias) de um total de 11.

Guthrie (1967-71), no seu trabalho de classificação geográfico-genealógica das línguas moçambicanas, agrupou as línguas que constituem macua-lómue numa zona a que designou por P.30. Os falantes deste grupo linguístico encontram-se fixados na zona geográfica delimitada pelos rios Zambeze e Rovuma, quase a aproximar-se da Tanzania, mais a norte do país. Na atualidade, em virtude de migrações motivadas por necessidades de trabalho, estudos e outras, pequenas porções de membros deste grupo podem ser encontradas em todas as províncias e mesmo fora do país.

Estudos recentes de Ngunga & Siteo e Ngunga (2000) consideram que o Macua¹ é a língua de base, da qual fazem parte as seguintes outras línguas: i) Emakhuwa (P. 31) e suas variantes

¹ Entenda-se com o termo Macua o grupo de línguas aparentadas, de que fazem parte todas as da zona P 30.

(Emakhuwana, Exirima, Emetto, Esaka, Enahara, Esankaci); ii) Elomwe (P.32) e as variantes, (Emarevoni, Emuniga e *Etakhwane), identificadas nos distritos de Pebane e Naburi, da província da Zambézia. Nesta perspectiva, os autores distinguem o Emakhuwa do Elomwe, sem definição clara dos critérios para essa diferenciação.

Victorino (1995) afirma que o núcleo central do grupo linguístico macua-lómuè é o Emakhuwa (P.31), falado especificamente na cidade de Nampula e arredores. Conforme este autor, nas províncias de Cabo Delgado, Niassa e Zambézia, assim como em algumas partes da província de Nampula, são faladas as variantes desta língua. O presente estudo, seguindo esta percepção, estabelece uma aproximação entre o Emakhuwa (P. 31), como língua de base, e as assumidas como variantes: Enahara, Emetto, Esaka, faladas nas províncias de Nampula e Cabo Delgado; Exirima, no Niassa; Elomwe, (P.32), falado nos distritos da Alta Zambézia (Gilé, Ile e Alto Molówe.); *Emarevone, falado nos distritos de Moma e Larde, prov. de Nampula e * Emuniga, no distrito de Pebane, na Zambézia. A pesquisa presente, faz uma reflexão sobre o uso do artigo definido, em construções da língua portuguesa, por falantes deste grupo de línguas e estabelece uma comparação entre a estrutura do sintagma nominal do Português e a estrutura do grupo nominal nas línguas Macua-Lómuè.

1.3. Problema da investigação

O parâmetro da determinação dos nomes por artigo definido ou indefinido tende a variar de uma língua para outra. Nalgumas línguas, o determinante artigo é obrigatório em certos contextos, enquanto noutros, ele é uma categoria vazia. Em outras línguas, o artigo parece substituído por outros itens lexicais e ou gramaticais, porém, sem realizarem todas as funções deste (como no Emakhuwa). Por esse facto, a análise comparativa dos constituintes da frase e do grupo nominal no Português e em Emakhuwa é feita visando resolver o seguinte problema da investigação:

- Por que motivo é que os falantes do Emakhuwa não usam os determinantes artigos definidos nos seus discursos orais e escritos?

Para resolver este problema, e como ponto de partida, formularam-se as seguintes questões de investigação:

1. Será o Emakhuwa uma língua sem o determinante artigo?
2. Como é determinado o nome na língua Emakhuwa?
3. Qual é a posição na frase, do elemento com funções de indicar as características de género, número e definitude?

1.4. Hipóteses da pesquisa

Pela frequência com que ocorrem desvios relacionados com a prática de omissão do determinante artigo junto de substantivo, levantam-se algumas hipóteses, de entre elas:

- O determinante artigo constitui uma categoria vazia no sintagma nominal destas línguas do grupo bantu;
- Há interferência do funcionamento das línguas macua-lómuè no português falado nesta zona de Moçambique.

Com efeito, verifica-se, no português falado nesta zona do país, ausência de artigo em sintagmas nominais, em produções de falantes do Emakhuwa. Na verdade, alguns dos nomes apresentam uma categoria vazia na posição do determinante artigo, dando lugar a um desvio, ou a uma tendência para a variação face ao português europeu. Na tentativa de explicar este fenómeno, formularam-se outras hipóteses de escalão subalterno, encabeçadas pela seguinte suposição: Os falantes de qualquer das línguas do grupo macua- lómuè transportam as estruturas e hábitos da sua L1 para a língua portuguesa, pelos seguintes supostos factores:

- (i) Pela incompleta assimilação da norma do PE;
- (ii) Pela falta do hábito de leitura, enquanto alunos;
- (iii) Pelo facto de os professores revelarem fraca competência na planificação e falta de conhecimentos metodológicos apropriados para a organização e orientação de exercícios de leitura e de análise do funcionamento da língua, pois se limitam a obrigar os alunos a memorizarem as regras das gramáticas, culminando numa aprendizagem inconsciente

da língua portuguesa.

1.5. Objetivos do estudo

1.5.1. Gerais

Constituem objetivos gerais do presente trabalho:

- Conhecer as regras de organização da frase e do SN no Emakhuwa e no Português, analisando a estrutura interna dos sintagmas nominais nas duas línguas, com base em amostra recolhida de falantes nativos do Emakhuwa e nas regras gramaticais do PE;
- Compreender as condições de ocorrência de omissão de artigo definido junto de substantivos no PM.

1.5.2. Específicos

O presente estudo guia-se pelos seguintes objetivos específicos:

- Comparar a posição dos constituintes da frase e do sintagma nominal no português e no Emakhuwa;
- Identificar os determinantes do nome nas duas línguas;
- Descrever os elementos que indicam o género, o número e a definitude no PE;
- Distinguir o Determinante artigo do PE do prefixo de classr no Emakhuwa;
- Situar a língua Emakhuwa no quadro das diferentes tipologias de línguas, do ponto de vista de variação paramétrica.

1.6. Relevância do estudo

Em muitas pesquisas realizadas acerca da determinação de nomes, há uma reserva na explicação do fenómeno ausência de artigo no PM. Na verdade, prevalece uma insegurança em se afirmar a ocorrência ou não do determinante artigo nas línguas Bantu. Das pesquisas disponíveis, tentando testar as hipóteses colocadas por Gonçalves e Stroud (1998) e Duarte *et*

al (1999), não transparece consistente uma explicação do fenómeno da omissão de artigo. Atanásio (2002), tendo baseado o seu estudo sobre o artigo no PM, em *corpus* escrito de uma amostra de alunos em contexto formal, tomou a observação como estratégia de recolha de dados. Não obstante a ausência de informação sobre a estrutura da frase e do SN da língua Emakhuwa, este trabalho foi útil para confirmar a prática da omissão do determinante artigo em produções de estudantes, falantes de umas das línguas do grupo Macua-Lómuè. Faltou, no entanto, o estudo descritivo da estrutura interna da frase destas línguas, a qual se supõe que seja transferida para o PM. Julga-se, desta feita, oportuna e necessária a efectivação deste tipo de estudo, que privilegiou a auscultação direta a falantes nativos no seu meio natural. Recorreu-se à entrevista não estruturada, que possibilitou que os informantes se pronunciassem sobre os textos propostos pelos entrevistadores, de forma livre. Com efeito, os entrevistados demonstraram a sua competência discursiva, de modo a confirmar a provável não ocorrência do determinante artigo em sintagmas nominais das línguas de raiz Emakhuwa, faladas nas províncias do norte de Moçambique. A importância do presente estudo consiste em contribuir para a distinção entre o diagnosticado como “ erro” e a variação paramétrica na determinação dos nomes em diferentes línguas específicas, em particular nas línguas do grupo Macua-Lómuè, confirmando o transporte das estruturas destas para o português.

Do ponto de vista da utilidade prática, o estudo poderá servir como um suporte para o ensino bilingue e mesmo como um auxiliar para o professor de todos os níveis de ensino, no tratamento da língua portuguesa como língua de ensino, visando orientar os profissionais no ensino das línguas para a atenção a ter em conta no tratamento das línguas, para não generalizar alguns aspetos das gramáticas específicas, forçados pelos princípios da Gramática Universal.

1.7. Organização do trabalho

O trabalho encontra-se organizado em cinco capítulos, a saber: a introdução, que corresponde ao primeiro capítulo, onde se apresenta a língua de estudo, a contextualização do tema, os

objetivos, o problema da investigação e as suas hipóteses, bem como a relevância do estudo; o segundo capítulo faz a revisão da literatura, apresentando os quadros teóricos sobre o uso de artigo em sintagmas nominais, conforme a norma europeia. Este capítulo descreve a estrutura lógica dos constituintes da frase no português europeu e no Emakhuwa, destacando a posição dos seus constituintes e as relações gramaticais e sintáticas dos seus elementos e argumentos. Ainda o mesmo capítulo se debruça sobre a metodologia usada na recolha e análise de dados. O terceiro analisa o uso e ou omissão de artigo no português moçambicano, fazendo um estudo descritivo da amostra e analisando aquela que representa o grupo de falantes do português moçambicano, com base no *corpus* de um ensaio com estudantes dos níveis secundário e pré-universitário. A análise considera os desvios na ordem de utilização de artigo; o quarto capítulo centra-se no estudo da determinação do nome na língua Emakhuwa. Este capítulo analisa a estrutura do Emakhuwa, a morfologia dos nomes desta língua e suas variantes, em confronto com entrevista realizada a falantes nativos das línguas de base macua. Durante a análise, estabelece-se a correspondência de frases nas duas línguas (Português e Emakhuwa), incorporando os diferentes morfemas de classes nominais desta última, com o intuito de se identificar uma possível existência de artigo na frase das línguas de base macua. Nesta parte, discute-se a estrutura sintática da frase no Emakhuwa e nas suas mais diversas variantes. Para o estabelecimento duma comparação entre a estrutura frásica destas e a do Português, o trabalho faz uma reflexão sobre os constituintes da frase em cada uma delas, o seu lugar e função. No quinto e último capítulo, apresentam-se as conclusões e recomendações do estudo.

Capítulo II: Revisão da literatura e Metodologia da pesquisa

O presente capítulo apresenta os principais conceitos relacionados com o tema “ausência do determinante artigo diante de substantivo no português moçambicano”. A revisão de literatura contempla um estudo sobre o SN, que, regra geral, incorpora o determinante artigo, centralizando a discussão à volta da estrutura da frase complexa do português, uma vez que o sintagma nominal pode ocorrer em diferentes grupos dos constituintes da frase, quer esta seja simples, quer complexa. Daí que, este capítulo se ocupa dos princípios básicos da sintaxe da frase no PE, da constituição de sintagmas nominais e do seu lugar dentro dessa estrutura, para

inventariar todos os contextos de ocorrência de artigo. O estudo envolve debates sobre a determinação do nome em Português e nas línguas bantu. Em seguida, descreve-se a estrutura da frase nas línguas bantu, com o intuito de pesquisar, no seu interior, uma provável ocorrência de elementos lexicais ou morfêmicos, correspondentes ao determinante artigo.

Para o estudo do sintagma nominal, focaliza-se o sujeito com realização fonética e expresso pelo nome, já que os sujeitos de 1^a, 2^a e 3^a pessoas têm, obrigatoriamente, como núcleo, pronomes pessoais (eu e tu; nós e vós; ele e eles), não carecendo, por isso, de determinantes na formação de sintagmas nominais.

2.1. Quadros teóricos

2.1.1. A Gramática gerativa, no modelo de Morfologia Lexical de Chomsky (1979)

Esta dissertação assenta no quadro da teoria de Princípios e Parâmetros, da Gramática Gerativa (GG) de Chomsky (1979, 1984), no modelo da morfologia lexical e de variação da determinação dos nomes na sintaxe da frase, sustentado pela teoria geral da GU. Um dos princípios rígidos e invariáveis, previsto pela gramática gerativa (GG), e que qualquer gramática duma língua particular deve incorporar o “Princípio de Projecção, segundo o qual, as orações das línguas humanas estruturam-se segundo uma sequência rígida e possuem necessariamente um núcleo nominal (SN) Sujeito, (determinado por elementos lexicais) e um (SV) Predicado” (Raposo, 1992). O Parâmetro associado a este princípio é o do *Sintagma Nominal sem o determinante artigo*. Especificamente a “Nova Gramática do Português Contemporâneo”, sistematizada por Celso Cunha e Lindley Cintra (1984), prevê a frase estruturada segundo uma sequência lógica, iniciando por um sujeito, seguido de verbo e seus complementos e, por fim, terminando por complementos frásicos. Ainda nesta base, considera-se que os substantivos se caracterizam por serem determináveis e atualizáveis pelo artigo e por outros tipos de determinantes. A noção de determinante no Português Europeu, de acordo com Casteleiro (1977), “relaciona-se com a função de delimitação da referência nominal, exercida pelos constituintes que se antepõem ao nome”. Casteleiro afirma que, do ponto de vista da sua ordenação no sintagma nominal, os determinantes especificadores dispõem-se antes do nome.

Deste ponto de percepção, Casteleiro considera os seguintes determinantes de nomes:

Pré-Artigos _ (i) Quantificadores Totais: (Todo, toda, todos, todas); (ii) Quantificadores Duais: (Ambos, ambas);

Artigos _ (iii) Definidos (o,a,os,as); (iv) Indefinidos (um, uma, uns, umas); (v) Demonstrativos (este, esta, estes, estas; esse, essa, esses, essas; aquele, aquela, aqueles, aquelas);

*Pós-Artigos*_ (vi) Possessivos (meu, minha, meus, minhas, teu, tua, teus, tuas; seu /dele, sua/dela, seus/dele, suas/dela; nosso, nossa, nossos, nossas; vosso, vossa, vossos, vossas); *Numerais* (um, uma, dois, duas,...; primeiro, segundo, terceiro...); (vii) Denotativos (outro, outra, outros, outras, mesmo, mesma, mesmos, mesmas, próprio, própria, próprios, próprias);

Quantificadores Indefinidos (algum, alguma, alguns, algumas, muito, muita, muitos, muitas, pouco, pouca, poucos, poucas, certo, certa, certos, certas, restante, restantes, tantos, tantas, bastante, bastantes, qualquer, quaisquer, mais, menos, cada, demais) e

Interrogativos-Exclamativos QU- (quanto, quanta, quantos, quantas, que).

De acordo com as classificações de Mateus et al. (1989), encontram-se à direita do nome, as categorias estruturais designadas por complementos dos sintagmas nominais, selecionados pelo nome para restringir a propriedade do conceito representado pelo nome. São os seguintes complementos do nome:

Complemento determinativo: Os alunos *do décimo ano* fizeram um passeio à praia;

Modificador participial: os alunos *apnhados a cabular* chumbam;

Frase relativa restritiva: O menino *que seguiu o comboio* regressou;

Frase relativa explicativa: o menino, *que muito desejava conhecer a praia*, seguiu na excursão.

2.1.2. A Gramática Léxico-Funcional (LFG), de **Joan Bresnan (1982)**

Sobre a LFG, **Joan Bresnan (1982)** considera um único nível de representação sintática, que é a estrutura de constituintes-C, que existe simultaneamente com a estrutura funcional, cuja representação integra as informações da estrutura dos constituintes e a do léxico. Neste sentido, é dissociada a estrutura sintática da estrutura argumental do predicado, o que representa a rejeição do Princípio de projeção de Chomsky. Para Bresnan (1982), enquanto a estrutura dos constituintes -C varia um pouco em todos os idiomas, a representação f-estrutura, que contém todas as informações necessárias para a interpretação semântica de um enunciado, é considerada universal para todas as línguas e, portanto, invariável. **Rolando M. Kaplan (1994)**, colaborador de Bresnan, faz incidir sobre esta teoria duas estruturas sintáticas: a estrutura dos constituintes (estrutura -C), que dá conta da ordem linear das palavras na frase e dos argumentos hierárquicos dentro da estrutura, e a estrutura funcional (estrutura -F), cuja representação integra informações sobre o léxico e trata das funções gramaticais dos elementos da estrutura dos constituintes-C. De acordo com esta perspectiva, a estrutura-C define as regras de estrutura da frase (as posições sintáticas) e representa a árvore da frase-estrutura, que serve como base para a interpretação lógica da frase, enquanto a estrutura-f visa a hierarquia das relações gramaticais subjacentes, identificando as funções gramaticais que podem ocorrer nas posições sintáticas: as de SN, SV, SADV, SP, etc.

2.2. Sequência dos constituintes da frase no PE

Dado que o tema da Dissertação está centrado no Sintagma Nominal, que corresponde à estrutura dos constituintes-C, de acordo com Bresnan (1982) e onde ocorre o artigo, importa identificar a posição deste (SN) na frase. Assim, a presente secção visa descrever a estrutura dos constituintes da frase do Português, tratando, em simultâneo, com a estrutura funcional.

Cunha e Cintra (1984), considerando a frase um enunciado de sentido completo, isto é, uma unidade mínima de comunicação, afirmam que a frase constituída de várias palavras, inclui o sujeito, constituído por um SN; inclui também o predicado com os respectivos objetos e vários complementos frásicos. Os itens lexicais, conhecidos como verbos transitivos, selecionam uma categoria sintática (um SN) que é, naturalmente, o equivalente sintático do argumento tema. Estes verbos necessitam de um SN como complemento, atribuem-lhe um papel temático e é efetivamente este conjunto formado pelo predicado verbal e o SN (tema), seu argumento interno, que funcionam como um predicado complexo.

Passamos, em seguida, a analisar a disposição dos constituintes da frase complexa, isto é, os termos essenciais (o sujeito e o predicado), os integrantes (os complementos do nome) e os acessórios (os omplementos da frase). Em geral, numa frase declarativa não marcada, a estrutura sintática (*sujeito-predicado*) corresponde à estrutura temática (*tópico-comentário*). Neste contexto, o *sujeito* tem, a função pragmática de *tópico* e o *predicado* constitui o *comentário acerca desse tópico*.

2.2.1. Sequência regular da frase no português

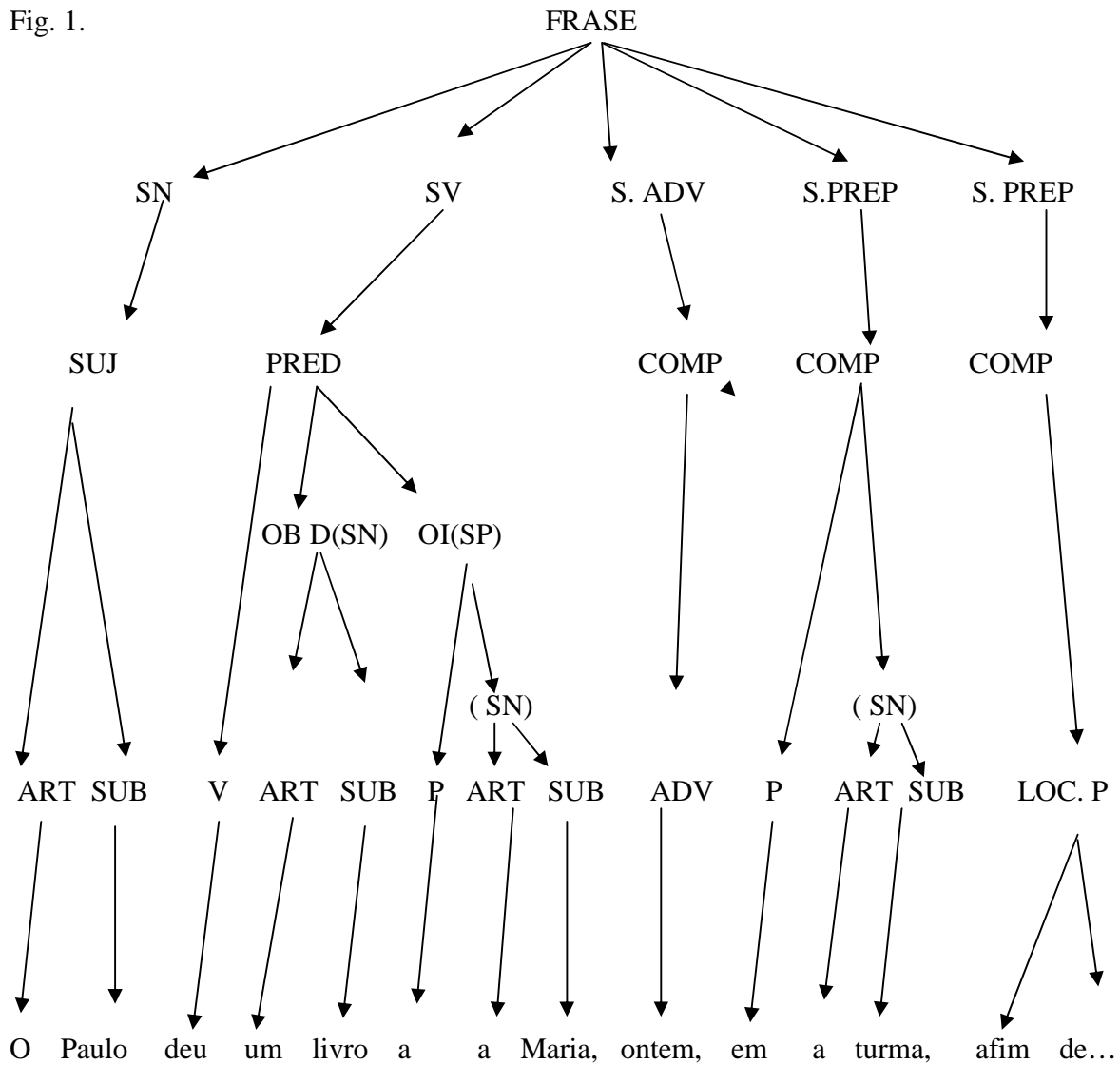
Para a construção duma frase/oração com um sujeito de 3^a pessoa (expresso por nome), toma-se como suporte o quadro teórico da gramática generativa (GG) de Chomsky (1979, 1984), que prevê o “Princípio de Projecção”, que diz que as orações das línguas humanas se estruturam segundo uma sequência rígida e possuem necessariamente um núcleo nominal (SN) sujeito, (determinado por elementos lexicais) e um SV predicado. A gramática de cada língua prescreve regras de combinação das palavras dessa língua. Na língua portuguesa, por exemplo, onde predomina a ordem direta, a frase constituída por mais do que uma palavra, forma-se obedecendo uma sequência lógica, conforme se pode observar na frase abaixo, que inclui todos os constituintes possíveis de uma frase complexa. Os exemplos que se apresentam em toda esta seção são de autoria da pesquisadora. A seguir, uma frase complexa da minha autoria, contendo determinantes e complementos:

1. O Paulo deu um livro à Maria, ontem, na turma, a fim de preparar os exercícios, com os colegas, porque terão uma prova na semana que vem.

A frase (1) apresenta a sequência típica dos elementos em ordem direta (rígida), segundo a norma do PE. Tomando-se por base a ordem canônica da frase no PE, a sequência da frase acima respeita tal lógica, pois ela inicia com os termos essenciais (o sujeito, o verbo e os complementos deste, com o qual forma o predicado). Assim, o SUJ. (o Paulo) é imediatamente seguido de um predicado (V-*deu* + Objeto Direto-*um livro* + Objeto Indireto - *à Maria*). Depois dos termos essenciais, ocorrem os diversos complementos da frase (termos acessórios): ADJ. Adv. Tempo (ontem) + ADJ. ADV. Lugar (na turma) + ADJ. Fim (a fim de preparar os exercícios) + ADJ. ADV. de Companhia (com os colegas) + ADJ. ADV. de Causa (porque terão prova amanhã). Entre os quatro elementos primários (chamados termos essenciais), há uma ligação direta e ininterrupta. A interrupção aparece depois destes, para se introduzirem os diversos complementos da frase, os quais são apresentados separados por vírgulas, o que distingue um complemento do outro. Perini (1995) entende por constituintes certos grupos de unidades que fazem parte de sequências maiores, mas que mostram certo grau de coesão entre si. Por exemplo, seja a sentença abaixo, o grupo “ O Paulo” forma um constituinte; “ deu um livro à Maria” forma um outro constituinte. Os outros constituintes são; “ontem”; “ na turma”; “ a fim de preparar os exercícios”...

O esquema abaixo (fig. 1) mostra a representação regular da frase acima, conforme a ordem lógica (rígida) no PE e de acordo com Lobato (1986):

Fig. 1.



Na representação em árvore (figura 1), as palavras são símbolos terminais. E outros símbolos como F (frase) ou (sentença), SN, SV, SADV ou SPREP são denominados símbolos não terminais. Os símbolos gramaticais como SUB, V, ART, ADV, P ou LOC. P, conforme a figura 1, descrevem a categoria da palavra, as relações gramaticais. Os símbolos SUJ, PRED, e COMP constituem a estrutura funcional e representam as funções sintáticas. Os símbolos entre parenteses (SN, SP) são os níveis hierárquicos da estrutura funcional.

Bresnan (1982) assume um único nível de análise sintática, que apresenta simultaneamente três estruturas de representação frásica: 1. a estrutura dos constituintes (SN, SV, S ADV, S, PREP) mostra a ordem linear da estrutura dos constituintes frásicos, que, de acordo com Bresnan, é o ponto de partida para identificação das funções gramaticais que ocorrem nas posições sintáticas. 2. A segunda estrutura é a funcional, que corresponde à das funções sintáticas (SUJ, PRED, COMP) e os argumentos intermédios (obj.). 3. A terceira estrutura é a lexical, a que inclui informações sobre o significado dos itens lexicais, a sua estrutura hierárquica e as relações gramaticais a que estão associados (ARTIGO, SUBSTANTIVO, VERBO...). Nas estruturas frasais observa-se uma hierarquia, isto é, a sentença possui constituintes e estes contêm outros constituintes, conforme afirma Liberato, em [Liberato 1997]: “um sintagma, pode possuir mais de um constituinte ou pode ser formado por um único constituinte, ou constituinte simples”. São exemplos disso os constituintes obj. dir. e obj ind. do constituinte Predicado.

Cada constituinte possui uma estrutura própria e pode ter comportamento sintático diferente.

Sendo na estrutura dos constituintes onde se verificam as variações nas diferentes línguas, o presente estudo focaliza sua atenção sobre esta estrutura, nas duas línguas em estudo.

i. Sujeito e sua constituição

O sujeito é “o ser sobre o qual se faz uma declaração” (Cunha e Cintra, 1984: 122), ou o agente da ação veiculada pela frase. É um dos termos essenciais de uma oração. O sujeito pode ser representado por nomes, por expressões nominais, por pronomes de 1^a, 2^a e de 3^a pessoas gramaticais, ou ainda, a frase pode ser de sujeito nulo. Neste trabalho, iremos debruçar-nos sobre o sujeito de 3^a pessoa, expresso por nomes e ou por expressões nominais, dado que é nossa intenção estudar o sintagma nominal, já que este tipo de Sujeito (de 3^a pessoa), quando tem como núcleo um substantivo, é, regra geral, constituído de sintagma nominal. Com efeito, o sujeito, na sua constituição, pode integrar um sintagma nominal, formado por determinantes e nomes, e, por vezes, pode vir acompanhado de alguns constituintes que lhe completam o

significado: os restritores do SN (complementos do nome). Os pontos que se seguem demonstram a constituição do SN.

2. *O Paulo* deu um livro à Maria.

O sujeito desta frase é o sintagma nominal 'o Paulo', ocupando a posição inicial da frase e que realiza a função temática de agente. Ele apresenta-se precedido de um determinante artigo definido 'o'.

ii. Predicado

a. O núcleo do predicado

O Dicionário Aurélio apresenta para conceito de predicado como *o elemento da oração que declara algo sobre outro, que é o sujeito*. Em língua portuguesa, o predicado pode ser nominal, verbal ou verbo-nominal. Para este estudo, interessará debruçarmo-nos sobre o predicado nominal e o verbal, porque o nosso alvo é o sintagma nominal que neles ocorre.

O predicado verbal tem como elemento principal da declaração, um verbo significativo, que pode ser transitivo ou intransitivo, trazendo uma ideia nova ao sujeito e exigindo um ou vários nomes para completar o sentido do verbo. Nesta perspectiva, são estudados o objeto direto e o indireto. Em seguida, apresentam-se alguns predicados transitivos e intransitivos, também da minha autoria:

b. Verbos transitivos

3. O Paulo deu um livro à Maria

4. A menina comeu a laranja.

5. A avó foi visitar os netos.

O verbo *dar* da frase 3 é transitivo direto e indireto, pois a ação expressa por ele transita para outros elementos da oração, simultaneamente, de forma direta e indireta. Os outros termos da

oração que lhe completam o sentido são designados por objeto direto (um livro) e objeto indireto (à Maria), sendo que nesta, o sintagma preposicional se pode desmembrar em uma preposição (*a*) e um outro sintagma nominal (a Maria), onde o nome Maria é determinado por um artigo definido (**a**).

As formas verbais *comer* e *visitar*, das frases (4) e (5), exigem outros termos para lhes completar o sentido e a ação expressa por eles é transmitida diretamente, sem o auxílio de preposição, por isso se chamam transitivos diretos. Os termos que completam o significado (*a laranja* e *os netos*) tomam o nome de objeto direto e são expressos por sintagmas nominais, determinados pelos artigos definidos 'a' e 'os'.

c. Verbos intransitivos

6. Os jovens sonham muito.

A frase (6) é exemplo de um verbo intransitivo cuja ação está contida na forma verbal *sonhar*, não passando além do verbo. O sintagma nominal ocorre apenas no sujeito. O verbo não carece de outro termo para lhe completar o sentido e, portanto, não requerendo nenhum sintagma nominal para seu complemento. O termo *muito*, de acordo com as recentes classificações, de Cunha e Cintra (1989), de Mateus et al (1989) e de Vilela (1999), é um quantificador indefinido e não determinante.

Os exemplos que se seguem fazem parte de predicados nominais, pois incorporam um sintagma nominal na sua estrutura, formado por um verbo de ligação, mais um nome predicativo, quando este é expresso por substantivo ou expressão substantiva, como se pode notar:

7. O João *é* o dono da empresa.

8. Ela *parecia* uma estátua.

9. O boato *é* um vício.

As frases acima apresentam verbos de ligação (*ser e parecer*), que estabelecem a união entre duas palavras ou expressões de caráter nominal. Estes verbos funcionam como elo entre o nome e o seu predicativo. O sintagma nominal ocorre em ambos os membros, tanto ocorre no sujeito como no nome predicativo, sendo precedido de artigo nos dois contextos.

d. Predicado Verbo-Nominal

10. A mãe chegou a casa *muito triste*.

A expressão *muito triste*, da frase (10), qualifica o nome *a mãe*, o sujeito da oração. Trata-se, portanto, de um predicativo do sujeito *a mãe*. Nesta frase, o verbo *chegar* é significativo. Embora não sendo verbo de ligação, ele estabelece um elo entre o termo *muito triste* e o sujeito (*a mãe*) a que se refere. Desta feita, o verbo *chegar* *exerce* uma dupla função: origina um predicado simultaneamente verbal e nominal, já que o predicado verbo-nominal é construído por dois núcleos significativos integrando não um nome, mas, um predicativo, ou um sintagma preposicional.

iii. Complementos verbais

São complementos do verbo os termos que completam o sentido dos verbos transitivos e os de ligação, conforme se viu acima, nos predicados verbais e nominais.

a) Objeto direto

11. A menina comeu *uma laranja*.

Sendo *comer* um verbo transitivo direto, o seu sentido é-lhe completado por um complemento ao qual está ligado diretamente (*uma laranja*) e, normalmente, sem preposição. Este complemento designa-se por objeto direto, por ser a entidade para a qual se dirige a ação verbal e é normalmente representado por um sintagma nominal, como se nota no exemplo acima. O termo *uma laranja* apresenta o nome do objeto material sobre o qual foi exercida a ação de comer.

b) Objeto indirecto

12. O Paulo deu um livro *à Maria*.

Já no enunciado (12), o verbo *dar* é ligado a dois complementos, um dos quais, por meio de preposição. O primeiro complemento (*um livro*) indica o ser para o qual se dirige a ação verbal, é o que se denomina por objeto direto e representado por um sintagma nominal. O segundo (*à Maria*) é o ser beneficiário da ação do sujeito, e designa-se por objeto indirecto, que se liga ao substantivo *livro* por uma preposição contraída a um determinante artigo, onde se pode identificar um sintagma nominal (*a + a Maria*). Portanto, aqui, também se está diante de um sintagma nominal, dentro de um preposicional.

c) Predicativo do sujeito, do objeto direto e indirecto

Tanto o predicativo do sujeito como do objeto direto ou do indirecto, quando representado por um substantivo, ou expressão substantiva, é constituído de um sintagma nominal, como se pode ver abaixo:

13. O boato é *um vício detestável*.

14. Eu considero estes jovens *os dinâmicos* do grupo.

15. A professora oferecerá um livro sobre a vida *ao aluno aplicado*.

A expressão em itálico da frase (13) funciona como um predicativo do sujeito (*o boato*) e é representado por um sintagma nominal (*um vício detestável*). Enquanto na frase (14), o adjectivo *dinâmicos* é predicativo do sintagma nominal (*os jovens*), com funções de objecto directo. Já na frase (15), o predicativo *aplicado* caracterizando o objecto indirecto (*o aluno*), serve de modificador deste nome.

Nos casos em que o predicativo é expresso por um adjectivo, aquele vêm antecedido de preposição. Nestes casos, ele não é expresso por um sintagma nominal, mas sim, por um sintagma preposicional, visto o predicativo funcionar como qualificação do substantivo.

d) Agente da Passiva

O Agente da passiva é um complemento verbal cuja estrutura integra um sintagma nominal, que corresponde ao ser que pratica a ação sofrida ou recebida pelo sujeito da oração (Cunha e Cintra, 1984). As frases abaixo confirmam tal estrutura:

16. Esta carta foi escrita por *um moçambicano*.

17. A casa foi construída por *quantos tenham uma larga experiência*.

Na sentença (16), a expressão em itálico (*um moçambicano*) é um agente da passiva, que designa o ser que pratica a ação sofrida pelo elemento qualificado como sujeito (*esta carta*), sobre o qual se faz a declaração (Cunha, 1984). A oração destacada em (17) funciona como um agente da passiva, constituído por uma oração completiva substantiva (*quantos tenham uma larga experiência*), cujo objeto direto é expresso por um sintagma nominal (*uma larga experiência*), designando a totalidade de agentes que praticaram a ação sofrida pelo sujeito (*a casa*). Com efeito, os quatro complementos verbais integram um sintagma nominal na sua estrutura.

iv. Complementos da frase

Foi estudado que a frase pode apresentar, além dos termos essenciais, alguns elementos que se juntam ao nome ou ao verbo para lhes precisar o significado. Embora tragam um dado novo à oração, estes termos não são indispensáveis ao entendimento do enunciado. Daí, a razão da sua denominação de *termos acessórios*. São os termos acessórios: O adjunto adnominal; O adjunto adverbial; O aposto, o vocativo.

i. Adjunto adnominal

O adjunto adnominal é o termo de valor adjetivo que serve para especificar ou delimitar o significado de um substantivo, sem que provoque deturpação do sentido da frase, caso seja retirado. Atente-se na frase que se segue:

18. Os conflitos políticos *actuais* precisam de um *grande* entendimento entre os actores.

Na frase acima, os adjectivos *actuais e grande*, especificam os nomes que ocorrem poscedem (*políticos*) e os que precedem (*entendimento*).

i. Adjunto adverbial

É o termo de valor adverbial, que denota alguma circunstância do facto expresso pelo verbo, ou intensifica o sentido do verbo, de um adjectivo, ou de um advérbio, conforme se apresenta abaixo:

19. O Paulo deu um livro à Maria, *ontem, na turma, a fim de preparar os exercícios, com os colegas, porque amanhã terão uma prova.*

As expressões em itálico são alguns de entre os muitos adjuntos adverbiais, denotativos das circunstâncias de ocorrência da acção referida pelo agente, os quais podem ser dispensáveis na frase.

ii. Aposto

O aposto é um termo de carácter nominal que se junta a um substantivo, a um pronome, ou a um equivalente destes, com a função de explicação ou de apreciação. O aposto, enquadrado no grupo dos termos acessórios da frase, por Cunha e Cintra, é, essencialmente, um substantivo, que designa o mesmo ser representado pelo sujeito nominal, ou por qualquer um dos termos da oração a que se pospõe. Isto é, integra-se no sujeito e em outros constituintes frásicos, para explicitar a ideia destes. Vejam-se, a seguir, os exemplos por mim construídos:

20. Os moçambicanos, *um povo pacífico*, resolvem os seus desentendimentos por via do diálogo.

21. Eles, *os dançarinos*, marcaram uma viagem à Europa.

22. Aquele rapaz recebeu um bom prémio, *o melhor do ano*.
23. Os meninos eram dois: *o dos olhos verdes e o de pernas arqueadas*.
24. A mãe está preocupada com o filho mais velho, *o Geraldo*.
25. Sonhador das artes, chamavam-lhe *o artista Malangatana*.

As frases 20 e 21 mostram o aposto junto ao sujeito da oração, designando o mesmo sujeito e caracterizando-o. Por outro lado, a expressão *o melhor do ano*, da frase 22, faz a apreciação ao objecto directo (*um bom prémio*). As expressões em itálico das frases 23, 24 e 25 explicitam as ideias contidas nestes complementos frásicos.

O facto de o aposto ser de carácter nominal, designando o mesmo ser representado pelo sujeito, obriga-o a ser precedido por um determinante, como se pode notar em todos os exemplos apresentados.

iii. Vocativo

É o termo usado para invocar, chamar ou nomear, com ênfase, uma pessoa ou coisa personificada.

26. *Águas*, disse-me, aonde me levais? Nesta questão, a invocação é dirigida a uma expressão nominal “*Águas*”, mas sem determinante.

2.2.2. Lugar dos termos na frase do PE

Pelo modelo de princípios e de parâmetros da gramática Generativa de Chomsky (1985), conhecido pelo nome de Teoria da Regência e da Ligação, sobre a disposição dos termos frásicos dentro do período nas línguas de tipo SVO, as categorias que funcionam como complementos encontram-se à direita do núcleo (posição pós-núcleo) e os especificadores, à esquerda (posição pré-núcleo). Nessa base, é possível verificar-se que em frases declarativas do PE, a sequência frásica respeita a ordem direta, isto é, os termos da oração dispõem-se, preferencialmente, conforme se segue: suj + verb + ob. dir + ob. indir + termos acessórios. De facto, o SN com a função de sujeito é, preferencialmente, colocado à cabeça (esquerda) da frase, precedido de especificadores em posição pré-nuclear.

É um exemplo desta ordem a frase 1, já descrita em secções anteriores: “ O Paulo deu um livro à Maria, ontem, na turma, a fim de preparar os exercícios, com os colegas, porque terão uma prova na semana que vem.”

2.2.3. Sequência irregular dos elementos da frase em português

A teoria de Movimento de Chomsky (1986) demonstra que a Regra de Mover- α só se aplica, na sintaxe, quando é estritamente necessário. De facto, para além dos sintagmas-Qu, no Português, a regra de Mover SN é aplicada quando um SN se encontra em estrutura-P, numa posição temática que não irá receber caso estrutural. As línguas de sujeito nulo, como o Português, permitem a inversão do sujeito.

27. Ontem, o Paulo deu um livro à Maria.

Verifica-se, em certos casos, uma inversão para mudança de tópico, a fim de tornar *o foco*² de um dado discurso em *tópico*³ do discurso posterior. Isto é, o constituinte que apresentava o elemento novo numa comunicação, recebendo um acento de intensidade e constituindo o foco da informação, pode ocorrer na posição de tópico, por ser o alvo da atenção dos interlocutores (Mateus et al, 2003). É o que se verifica nas frases abaixo. Retomando o exemplo acima referido (*o Paulo deu um livro à Maria, ontem, na turma, a fim de preparar os exercícios, porque terão prova na semana que vem*), repare-se nas sequências abaixo:

28. Ontem, na turma, a fim de preparar os exercícios com os colegas, o Paulo deu um livro à Maria, porque terão prova na semana que vem.

29. Porque terão prova na semana que vem, o Paulo deu, ontem, na turma, um livro à Maria, a fim de preparar os exercícios com os colegas.

30. Na turma, ontem, a fim de preparar os exercícios com os colegas, o Paulo deu um livro à Maria.

² Foco de informação: a informação a partir da qual se difundem outras, comentário;

³ Tópico da informação: a parte da sentença sobre a qual se veicula informação; a sentença que contem a ideia principal; o tema de que se trata.

31. O Paulo deu, ontem, na turma, à Maria, um livro, a fim de preparar os exercícios, com os colegas, porque terão prova na semana que vem.

As frases (27 a 30) mostram a alteração da sequência lógica dos termos da frase/oração. O lugar que deveria ser ocupado pelo sujeito (à esquerda do verbo), naquelas frases, está ocupado por um complemento da frase, distinto do sujeito, funcionando como *tópico marcado*. Nas mesmas frases, todos os termos antepostos ao sujeito, encontram-se separados por vírgula e confirmam a possibilidade de interactividade (ocorrência de mais do que um tópico marcado). Na frase (31), os elementos essenciais (sujeito, verbo, objeto direto e o indireto), mesmo com a sequência alterada, continuam ininterruptos porque se encontram conforme a ordem direta dum enunciado lógico, de acordo com a qual, devem estar sequenciados. Já na frase (31), a alteração da ordem lógica dos termos essenciais consistiu na anteposição do objeto indireto (*à Maria*) ao objeto direto (*um livro*). Já em 30, os complementos de tempo (*ontem*), de lugar (*na turma*) e de fim moveram-se da posição de complemento para a de núcleo. Na frase 29, os elementos essenciais distanciaram-se mais, encontrando-se, de um lado, o sujeito e o verbo, e do outro, os dois objetos seguidos, mas, isolados por vírgulas, tendo sido os complementos a desencadear tal movimento. A estrutura informacional dos enunciados acima pode estar representada no seguinte esquema: *informação já apresentada__informação nova*. Quer dizer, os enunciados (28), (29) e (30) representam a função pragmática de foco de informação, podendo ser interpretados como respostas das perguntas: (28) Quando é que o Paulo deu um livro à Maria? (29) Porque é que o Paulo deu um livro à Maria?; (30) Onde é que o Paulo deu o livro à Maria? As respostas a estas perguntas estão representadas nos enunciados (28) Ontem, ... ; (29) Porque... ; (30) Na turma...

Estas estruturas confirmam o que Chomsky (1986) considera que o movimento por substituição dos termos na frase é caracterizado pelas seguintes propriedades: (i) Não há movimento para a posição de complemento; (ii) Só os complementos podem mover-se para a posição de núcleo; (iii) Só uma projeção máxima pode mover-se para a posição de especificador.

2.2.3.1. Mobilidade dos termos dentro da frase

Embora a ordem preferencial da frase no PE seja a de SUJ+VERB+OBJ, há casos em que o uso incorporou na norma a inversão dos termos da frase, passando a ser uma exigência gramatical. Diversos fatores concorrem para a inversão dos termos dentro da frase, tornando-se regulares as construções que nelas ocorrem. São eles:

i. Ênfase

Fatores de natureza estilística e poética motivam a inversão de estruturas. A a seguir, apresentam-se algumas construções da autora, que mostram a posposição dos elementos enfatizados, concorrendo para realçar o:

- sujeito, que provoca a sua posposição ao verbo:

32. *Correm as águas... Cantam as andorinhas...e fala o menino!*

- predicativo, antecipado ao verbo:

33. *justo é o Senhor!*

- objeto (direto e indireto), preposto ao verbo:

34. *“ os filhos, esses, sempre tu os terias e lhes darias o teu amor!”*

- adjunto adverbial, deslocando-o para antes do sujeito e do verbo:

35. *Daqui, da minha casa, jamais sairei! Sai tu.*

As frases acabadas de ver, produto da autora da dissertação, mostram a deslocação de termos com diferentes funções dentro das mesmas, para enfatizar a ideia nelas contida, com uma intenção estilística.

ii. Factores de natureza gramatical

Pela Teoria X-barra, de Chomsky (1985) a sintaxe apresenta dois níveis de representação: a Estrutura-P (profunda) e a Estrutura-S (de superfície). Estas são associadas por um único tipo

de regra transformacional, a regra de Mover-a, que diz: *mova-se qualquer categoria para qualquer posição sintática*. Desta feita, esta regra ocasiona inversões do tipo: *verbo+sujeito*, verificadas em:

- a) orações interrogativas Q :
36. “ *Que fazes tu de grande e bom, contudo?*” (Antero de Quental).

- b) orações imperativas:
37. *Come, rapaz! Ouve tu, saibas que não estás em bom caminho!*

- c) orações cujo verbo está na passiva pronominal:
38. “ *Na praia, formaram-se ondas gigantes*”.

- d) orações absolutas com o verbo no conjuntivo, denotando uma ordem, um desejo:
39. “ *que venham as férias!*” .

- e) Em presença de verbos do tipo: dizer, ordenar, sugerir, pedir, protestar, perguntar, responder, e outros similares.
40. “ *Traz-se-lhe as duas coisas, ___ disse o Barão afluando a cabeça no ombro da consoante, de mão na porta escura.*” (Vitorino Nermésio, MTC).

- f) Em orações reduzidas de infinitivo, de gerúndio e de particípio:
41. *Pelas tardinhas, ao começar o cantar dos pássaros, as andorinhas voam para o horizonte.*
Tendo terminado o trabalho, saímos da sala.
Chegada a hora, tocou para o início das provas.

- g) Em orações subordinadas adverbiais condicionais construídas sem a conjunção.
42. *Quisesse eu fazer justiça, não seria assim!*

- h) Em orações iniciadas por predicativo;
43. *Isto é o que eu esperava. Este é o resultado do empenho.*
- i) Pelo objeto direto:
44. *Essa atenção não me dispensou a minha mãe.*
- j) Pelo obj. indireto:
45. *A mim, impõe-se apenas a vontade dos outros.*
- k) Por adjunto adverbial:
46. *Aqui não vive ninguém.*
- l) A oração subordinada substantiva subjetiva coloca-se normalmente depois do verbo da oração principal:
47. *Parece que hoje vai chover.* / *É preciso que nos respeitem.* As orações em itálico são completivas das formas verbais *Parece* e *é preciso*, no início das frases, funcionando como sujeitos das orações cujos verbos são *parecer* e *ser preciso*. Respeitando a ordem direta seria: *‘Que vai chover parece’/ Que nos respeitem é preciso.*
- m) Certos verbos intransitivos realizam-se antepostos ao sujeito.
48. a) *Caiu muita chuva* à noite;
- b) *Surgiu o sol* quando eram 5 horas;
- c) *Correm as horas* como se de luz se tratasse.
- n) O predicativo segue normalmente o verbo de ligação. Porém, por vezes pode precedê-lo em contextos como estes:
- Nas orações interrogativas e exclamativas:
49. *Que esperto é aquele rapaz!*

- Em construções exprimindo afetividade:

50. “Emocionada com o sofrimento dos outros, *ela sempre foi!*”

o) O Particípio vem normalmente posposto às formas do auxiliar *ser*, com a frase na voz passiva, como a que se seguem:

51. Os ladrões foram penalizados / Os justos serão abençoados.

- Porém pode anteceder-las em frases afetivas e denotando um desejo:

52. *penalizados sejam os ladrões! / abençoados sejam os justos! amaldiçoados sejam os injustos!* (adaptadas de Olavo Bilac, e de José Saramago, LC, 121. , in Nova Gramática do Português Contemporâneo)

2.2.3.2. Frase e os tópicos marcados

Nos títulos anteriores, verificámos que, numa frase declarativa-activa e com tópicos não marcados, a ordem preferencial é SVO. Porém, em frases com tópicos marcados, o elemento que sintaticamente assume a função de sujeito gramatical pode não coincidir com a de tópico sentencial. A ordem superficial, nessas construções, pode ser a de (XVS), onde X é um constituinte do comentário, topicalizado, isto é, o termo do comentário, deslocado para a posição pré-verbal. É importante referir, antes, que a forma como o assunto de que se fala num dado enunciado (tópico) é seleccionado e apresentado, está relacionada ao estatuto informacional dos elementos no enunciado (Mateus et al., 2003). Sendo o tópico aquilo de que se predica alguma coisa, ele equivale ao que se designa por *sujeito psicológico*, e este deve ser referenciado antes da própria predicação.

Refira-se, no entanto, que o tópico nem sempre coincide com a função sintáctica de sujeito gramatical da oração. Por outro lado, nas orações declarativas, do português europeu, dado que a situação mais frequente é aquela em que é realizada pelo elemento *sujeito sintático*, este caso constitui o *tópico não marcado*.

A ordem sequencial dos elementos do enunciado é determinada pela predicação que se efectua em relação a algo. Normalmente, os tópicos frásicos estão limitados a expressões

determinadas (definidas) e ou substitutos anáforicos, para que o seu referente seja identificável tanto pelo locutor como pelo alocutário. São, desse modo, tópicos frásicos os nomes próprios e descrições definidas com especificadores de valor deítico. Daí, inferir que as frases não marcadas, com sujeito (- Indefinido), não têm qualquer tópico frásico nominal. A estrutura temática de construções cujo tópico coincide com o sujeito frásico é: Tópico__ Comentário. Os exemplos que se seguem são da autora:

53. O Paulo deu um livro à Maria.

Sendo o enunciado (53) uma frase declarativa, respeita a ordem canónica da frase no português europeu (SVO), dado que o tópico, em posição inicial, coincide com o sujeito frásico. Entretanto, nesta frase, o tópico é não marcado e a sua função é realizada pelo elemento sujeito da frase, um nome determinado pelo artigo definido (*o*).

Não obstante a sequência SVO, que define a ordem canónica da frase no PE, certas construções são aceitáveis, tendo em conta que as propriedades sintáticas das mesmas as situam numa escala de sintactização, conforme descrito por Duarte (1987, 1996). Os exemplos abaixo testemunham as diferentes formas de construção de tópicos na periferia esquerda e direita dos elementos nucleares da frase:

54. *Aos alunos*, o professor ofereceu um presente de fim de ano, *a eles*..

55. *Esse livro*, o professor ofereceu-o aos alunos.

56. *Quanto a mim*, a festa foi ótima.

57. *Situações dessa natureza*, Moçambique não precisa.

As frases de 54-57 são aceitáveis, visto os seguimentos em itálico constituírem *tópicos frásicos*, embora, distintos do sujeito e ocorrendo em posição inicial de frase. Nestas, os elementos do interior do predicado foram deslocados para a periferia esquerda da frase, na posição do sujeito gramatical e não apresentam a estrutura temática *tópico__ comentário*. Estas são designadas construções de *tópicos marcados*.

O enunciado (54) atesta uma co-ocorrência na frase de constituintes tanto na periferia esquerda (aos alunos) como na direita (*a eles*) o chamado antitópico). Entre o tópico (*aos alunos*) e o antitópico constituinte interno ao comentário (*a eles*), estabelece-se uma conetividade, referencial e conformidade de traços gramaticais de pessoa , número e género. Trata-se da deslocação à esquerda de tópico pendente.

Já na frase (55), apresenta-se uma construção de deslocação à esquerda clítica, que exige, de igual forma, conformidade referencial, categorial, causal e temática entre o tópico e o constituinte interno ao comentário, expresso na forma de pronome clítico (*o*).

A construção (56) representa uma estratégia de marcação de sujeito psicológico, de primeira pessoa, intenção denunciada com o recurso à expressão (*...a mim*). Esta construção não exige conformidade referencial, nem categorial, ou temática. É uma construção de tópico pendente.

O enunciado (57) confirma um tipo de topicalização que se caracteriza pelo desrespeito por algumas propriedades de subcategorização do verbo, com a ausência da preposição que deveria anteceder o tópico: “ Moçambique não precisa *de* situações dessa natureza” (*de* situações dessa natureza, Moçambique não precisa).

2.3. Sintagma nominal em Português

No Português Europeu, o SN é constituído por um nome, por especificadores e ou determinantes e por complementos do nome. Abaixo, descrevem-se os tipos de nominais existentes em Português.

2.3.1. . Tipos de nominais

A presente secção visa carterizar os diferentes tipos de nominais que ocorrem em frases do PE. Os nomes são categorias linguísticas caracterizáveis semanticamente por terem um potencial de referência, com uma função designatória ou de nomeação (Mateus, 2003).

Desta feita, os nomes podem designar uma série de entidades cuja consideração envolve, do ponto de vista cognitivo, diferentes graus de abstração e complexidade conceptual. Ou seja, os objetos nomeáveis e os nominais que os designam pertencem a tipos diferentes, podendo se distribuir em:

(i) Nominais concretos, os que designam um objeto físico, animado, localizável espaço temporalmente, com propriedades diretamente observáveis, como se apresenta abaixo:

58. O *cachorro* é belo.

O nome *cachorro* designa um objeto físico, animado e localizável, com propriedades diretamente observáveis (a beleza, cor, tamanho, etc.).

(ii) Nominais abstratos, os que designam um objeto não observável diretamente, não animado, não localizável espaço-temporalmente:

59. A *verdade* nem sempre é cómoda .

Nomes como *verdade* referem algo não observável diretamente, não animado, não localizável espaço-temporalmente, tendo por isso a propriedade abstrata.

(iii) Nomes derivados de termo base, designando uma propriedade comum a certos objetos, ou um evento, localizável espaço-temporalmente, podem ser concretos ou abstratos conforme o nível de abstração, pois o nome pode ser concreto ou abstrato num contexto linguístico apropriado.

60. A *flexidade* do Pedro ajuda-o a vencer obstáculos.

Nesta proposição, o nome *flexibilidade* é derivado de um termo-base (flexível), que designa a propriedade comum aos objectos acerca dos quais é possível afirmar que são flexíveis.

(iv) Nome próprio é designador de um único objeto identificado, pertencente à classe dos objetos do universo de referência, relativo a um dado discurso. Desta feita, um nome próprio é totalmente determinado, e, por essa razão, não admite complementos nem modificadores de valor restritivo.

61. a) * O João inteligente vive no Maputo.

b) O João, inteligente, vive no Maputo.

Sendo, o nome próprio, totalmente determinado, a frase 61 a) é agramatical por ter um modificador adjetivo (*inteligente*), como complemento restritivo. Já na b), tal adjetivo não é modificador, mas, exerce a função de aposto, que se junta ao nome para explicá-lo, e tem o mesmo valor sintático do nome. Os nomes próprios não admitem modificadores com função restritiva, já que o determinante artigo exerce essa função.

(v) Nomes comuns, não sendo designadores de um referente fixo, exprimem uma intenção quando, na sua forma singular, ocorrem sem especificador nem complementos.

62. a) Que tens no cesto? Laranja.

A resposta à questão acima é um nome comum (*laranja*) que, não designando um referente fixo, exprime a propriedade definitória do conjunto de objetos acerca dos quais é possível dizer que “ são laranjas”.

Em geral, a forma não marcada, de um nome comum apenas ocorre em entradas de dicionário, ou em enunciados definitórios:

b) Lua é um planeta.

Os nomes comuns admitem variação de número: no singular, designam, em geral, um conjunto singular definido pela intenção expressa pela forma não marcada; no plural, designam um conjunto de entidades simples ou coletivas.

(vi) Nomes contáveis

63. A *pessoa* esperada não apareceu.

Os nomes como *pessoa* referem conjuntos encarados como grandezas descontínuas, discretas: isto é, conjuntos em que é possível distinguir conjuntos singulares e conjuntos plurais, e enumerá-los. Por esse facto, são considerados nomes contáveis.

(vii) Nomes não contáveis

64. A *água* faz bem à saúde

Nomes como *água*, referem conjuntos encarados como grandezas contínuas, não discretas, isto é, conjuntos em que não é possível distinguir entidades singulares de entidades plurais e enumerá-las. Dessa forma, eles comportam-se como nomes não contáveis.

2.3.2. Constituintes do sintagma nominal no português europeu (PE)

A presente secção visa descrever a estrutura do SN no PE.

No português europeu, a estrutura do SN, quando o nome é realizado, inclui um núcleo de natureza nominal, precedido de alguns determinantes e especificadores. De acordo com as classificações de Mateus et al. (1989), à direita do núcleo, encontram-se normalmente as categorias estruturais designadas por complementos dos sintagmas nominais

(i) Núcleo do SN

No PE, o constituinte fundamental do sintagma nominal pode ser expresso em forma de nome (*próprio* ou *comum*), em forma de pronomes e, até, em forma de categoria vazia. Neste trabalho, trataremos de sintagmas nominais cujos núcleos são nomes ou expressões nominalizadas.

O SN, cujo núcleo é um nome ou expressão nominal, estrutura-se em torno de um nome ou de uma expressão nominalizada. Os sintagmas nominais em posição de sujeito contêm um nome próprio, *o Paulo* (1.a); um nome comum: *os alunos* 1.b), *os olhos* 1.d) e expressões como *o apanhado*” 1. a); “ *a demora* 1.c), *o chorar* 2. a).

65. a) *O Paulo* lê.

b) *Os alunos* da escola de Nametil fizeram uma excursão à Praia Nova de Angoche.

c) *A demora* do chefe deixou o público impaciente.

d) *os olhos* dela brilham.

Nestas frases, os núcleos dos sujeitos são: *Paulo* (65. a); *alunos* (b); *demora* (c) e *olhos*, (d). Em (a), o sujeito está representado apenas por um sintagma nominal (o Paulo). Nos enunciados de b) a d), o sujeito é constituído por um núcleo, que é o sintagma nominal e por complementos, ligados ao substantivo pela preposição (*de*), cujo sentido integra ou limita. É assim que na frase b), se apresenta um sujeito constituído de um SN (*os alunos*) e de um complemento nominal (*da escola de Nametil*), que restringe o espaço originário dos alunos. A expressão *A demora do chefe*, da frase c), integra uma expressão nominal (*A demora*) e um complemento nominal (*do chefe*), este com a função de determinativo do sintagma nominal (*a demora*). Por seu turno, a frase d) tem como sujeito o Sintagma nominal (*os olhos*) e um complemento nominal (*dela*).

Vejam-se estes excertos:

66. a) *O chorar* daquela criança é triste.

b) *O apanhado* feito pelos alunos reflete o assunto essencial da aula.

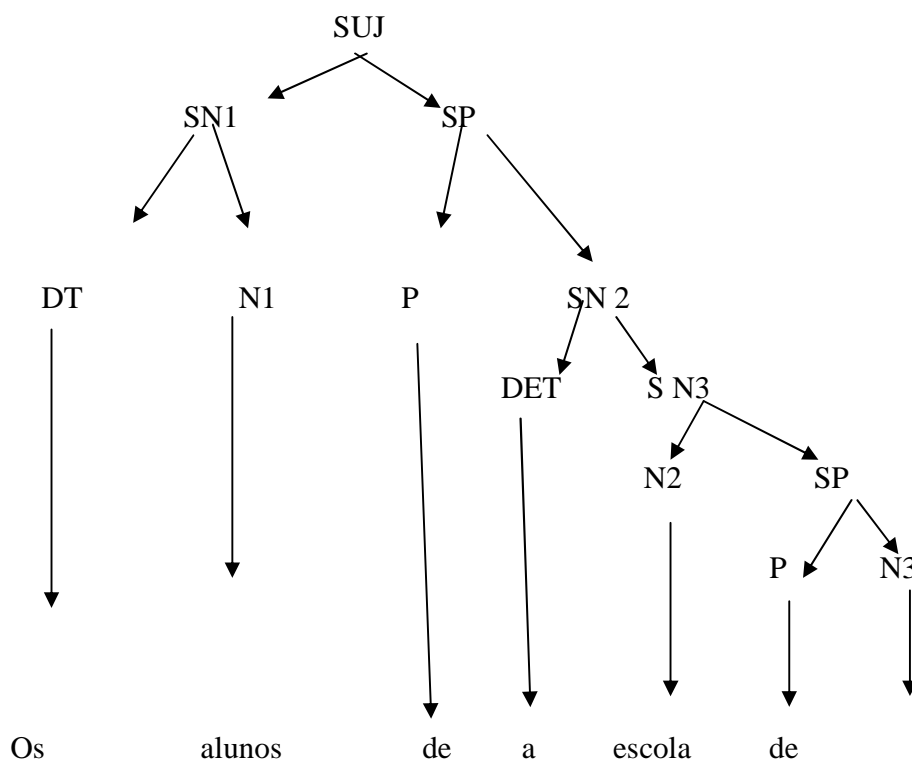
Os sintagmas nominais *O chorar* e *O apanhado*, dos enunciados (66.a) e b), evidenciam o poder transformador do artigo *o*, que permite que certas categorias gramaticais (verbo *chorar* e *apanhar*) se convertam em nome. É o mesmo que se verifica no número (c), representando o verbo *demorar* que se transformou na expressão nominalizada *A demora*.

No enunciado 65 a), a expressão nominal *o chorar* é o núcleo do SN e *daquela criança* é um complemento nominal, com a função de determinativo da expressão *o chorar*.

Como se pode constatar, os verbos *demorar* c) e *chorar* a) e o particípio passado *apanhado* b) constituem expressões, cujo núcleo resulta de um processo de “derivação imprópria” e que foram convertidos de uma classe de palavras para outra (de verbo para nome), funcionando como sujeito frásico, mercê da antecipação do artigo *o*. Estes também, constituem sintagmas nominais.

Veja-se, na figura 2., a representação gráfica do sujeito da frase (64 b), constituído de um complexo sintagma nominal:

Figura 2.



Nametil

Nesta representação, toda a expressão faz parte de um sintagma nominal.

(ii) Complementos dos sintagmas nominais

À direita do núcleo nominal, encontram-se normalmente, de acordo com as classificações de Mateus et al. (1989), as categorias estruturais designadas por complementos dos sintagmas nominais. Os complementos dos sintagmas nominais são elementos que ocorrem à direita do núcleo nominal, como argumentos e modificadores restritores e outros não restritores do sintagma nominal. Ocorrem como complementos do sintagma nominal: 1. complementos nominais; 2. orações participiais; 3. orações gerundivas; 4. orações relativas restritivas, 5. orações relativas apositivas ou explicativas; o aposto.

a) Restritores do sintagma nominal.

O complemento nominal, pelo facto de aparecer ligado por preposição ao substantivo, ao adjetivo, ao advérbio cujo sentido limita, é, dessa forma, um restritor. Veja-se como os complementos nominais realizam a restrição dos termos cujo sentido é completado por estes em frases, por nós construídas:

67. a) Os olhos *dela* brilham;

b) O João, o dono *da empresa*, chegou ontem.

Os restritores dos sintagmas nominais das frases acima estão introduzidos por diversas expressões (em itálico) com funções no sintagma. Em *os olhos dela*, 67. a), apresenta-se um complemento determinativo do pronome *ela*, enquanto no aposto *o dono da empresa* (67.b), a sequência *da empresa* é um restritor deste aposto, como sintagma nominal. A expressão *da empresa* é um complemento determinativo do nome *o dono*, e o objeto da relação (*da empresa*), completando o sentido dessa relação (*dono*) restringe-o do grande grupo dos trabalhadores da mesma empresa.

68. a) A intenção *manifesta pelos homens armados* alarma o país;

b) Os alunos *que faltaram ao jogo* foram sancionados

c) A greve, *que paralisou os serviços de Saúde*, por um mês, foi já suspensa;

A frase 68. a) apresenta um modificador sob a forma verbal participial *manifesta*. Na frase (68. b), o restritor está sob a forma de uma oração relativa restritiva *que faltaram ao jogo*. Em (68. c), há um modificador não restritivo, sob a forma de frase relativa apositiva *que paralisou os serviços de Saúde*. Como complementos dos substantivos, adjetivos e advérbios, aqueles posicionam-se depois destes últimos. O complemento nominal pode estar integrando o sujeito, o predicado, o objeto direto, o objeto indireto, o agente da passiva, o adjunto adverbial, o aposto e o vocativo, visto estes possuírem a propriedade de se juntarem a nomes, para lhes completar o sentido.

São, portanto, constituintes do sintagma nominal, além do núcleo: à esquerda: especificadores, demonstrativos, determinantes artigos; à direita: os complementos restritores: complemento determinativo, orações relativas restritivas, relativas apositivas e os participiais.

2.4. Relações gramaticais realizadas pelo SN e a sua posição na frase do P E

Foi já visto na seção anterior que, efetivamente, os sintagmas nominais ocorrem não só em sujeitos, mas também em alguns complementos destes e em complementos do verbo, bem como em certos termos acessórios da frase, onde exercem as mesmas funções sintáticas destes. Quer dizer, os sintagmas nominais, segundo Mateus et.al, integram o sujeito, o objeto, o agente da passiva, o predicativo e o Aposto, como poderemos verificar a seguir.

i. Sintagma nominal no sujeito

O sujeito das frases em análise é constituído por um nome (o núcleo) e por um especificador, com o qual forma um sintagma nominal sujeito. A frase (64) apresenta o nome *O Paulo*, como SN sujeito. Nesta posição, podem ocorrer substantivos próprios, ou comuns, assim como expressões nominalizadas, que se designam sujeito.

ii. Sintagma nominal nos complementos verbais

1. No objeto direto não preposicionado

Quando a ação expressa pelo verbo se transmite a outros elementos diretamente, isto é, sem o auxílio de preposição, trata-se de um objeto direto não preposicionado, ou seja, de complemento de um verbo transitivo direto, o que normalmente vem ligado ao verbo sem preposição e indica o ser para o qual se dirige a ação verbal. Nestes casos, ocorre um sintagma nominal na posição do objeto direto, e toma esta designação.

69. Já recebi *o livro*.

2. No objeto direto expresso por uma oração substantiva:

70. “ Não te esqueças *de que a obediência* é o primeiro voto das noviças”. Nesta construção, a segunda oração funciona como objeto direto da primeira e é introduzida por um sintagma nominal, *a obediência*.

3. No predicativo

Na frase acima, o predicativo *o primeiro voto* é também um sintagma nominal.

Também é predicativo o sintagma nominal representado por um substantivo ou expressão substantiva, como nas frases abaixo:

71. O boato é *um vício* detestável;

72. Este é *o andar* dos jovens modernos.

4. No agente da passiva

Por designar o ser (nominal) que pratica a ação sofrida ou recebida pelo sujeito, o agente da passiva integra, na sua estrutura, um sintagma nominal, como se pode ver a seguir:

73. Esta carta foi escrita por *um marinheiro americano*.

74. O jornal o País é lido por *muitos moçambicanos*.

Nas duas construções, verifica-se que o agente que pratica a ação é expresso por um SP, que compreende Prep (*por*) e SN (*um marinheiro americano* – 73; *muitos moçambicanos* – 74).

5. Sintagma nominal no aposto

Nos casos em que o aposto, como um termo de carácter nominal, é representado por um substantivo ou uma expressão substantiva, que se junta a um outro substantivo, a um pronome, ou a um equivalente destes, para explicá-los, é natural que seja constituído de sintagma nominal. Porque o aposto tem o mesmo valor sintático do termo a que se refere, comportar-se-á como sujeito, objeto direto, indireto, predicativo, agente da passiva, consoante ocorra junto destes. A seguir, apresentam-se exemplos de sintagmas nominais com a função de aposto, em diferentes posições sintáticas:

6. Aposto na posição de sujeito:

75. Eles, *os pobres desesperados*, tinham uma euforia de fantoches.
(Fernando Namora, DT, 237.)
76. Samora Machel, *um líder incontornável*, recebeu o prémio Nobel da paz.

7. Aposto no complemento nominal:

77. “João Viegas está ansioso por um amigo que se demora, *o Calisto*” . (Machado de Assis, II, 521.)

k) Aposto no objeto direto:

Jogámos uma partida de xadrez, *uma luta renhida*, quase duas horas.

8. Aposto no objeto indireto:

“Meu pai cortava cana para a égua, *sua montaria predileta*.” (Machado de Assis, OC, II, 274).

O exemplo anterior mostra que, não obstante o objeto indireto ligar-se ao verbo normalmente por uma preposição, o aposto é representado por um sintagma nominal na posição de objeto indireto.

9. Aposto no agente da passiva:

78. “ Esta frase foi proposta por Sebastião Freitas, *o vereador dissidente*, cuja defesa dos Canjicas tanto escandalizaria os colegas.”

A expressão em itálico “ o vereador dissidente”, é um SN com função de aposto, que complementa o sintagma “ Sebastiao Freitas”, exercendo a função de agente da passiva da oração.

2.5. Resumo da secção

1. Sobre a estrutura da frase:

- ✓ A frase no PE encontra-se regularmente estruturada segundo a ordem canónica que respeita a sequência: SUJ., PRED e os COMPs da frase;
- ✓ No SUJ., ocorrem normalmente: os determinantes, o nome e os complementos do nome;
- ✓ No PRED, além do verbo, podem ocorrer como complementos verbais: o objeto direto, o objeto Indireto; o predicativo; o agente da passiva.
- ✓ De entre os omplementos frásicos, existem: o adjunto adnominal; adjuntos adverbiais (de tempo, lugar, de causa, de companhia, de fim, entre outros.); o aposto e o vocativo.

2. Sobre a estrutura do sintagma nominal

- ✓ Em geral, o sintagma nominal é constituído por um nome, precedido de um determinante e que pode ser seguido de complementos do nome;
- ✓ Nenhum sintagma nominal sem determinante ocorre em posição de sujeito, salvo sob certas condições, já descritas na seção introdutória deste trabalho.
- ✓ O sintagma nominal no PE estrutura-se em torno de um nome e pode ser expresso em forma de nomes ou expressões nominalizadas, de pronomes e ou de categorias vazias.

✓ O nome é determinado pelos artigos definido ou indefinido, para além de outros especificadores (quantificadores, demonstrativos, possessivos.)

✓ O artigo ocorre sempre com sintagmas nominais, em contextos como:

i. No Sujeito;

ii. Nos complementos do verbo como em:

a) objeto direto não preposicionado;

b) objeto indireto expresso por uma oração substantiva;

iii. No predicativo;

iv. No agente da passiva e

e) No aposto.

2.6. SN e operações de determinação

Muitas línguas estabelecem uma distinção entre sintagmas nominais definidos e indefinidos. Alguns estudiosos fazem corresponder a categoria gramatical de definitude a um traço associado a expressões nominais que sinalizam se o referente da sentença é ou não identificável. Os artigos definidos são realizações prototípicas da chamada definitude, o seu uso é, em geral, indicativo de um conhecimento compartilhado acerca dos referentes, por parte dos interlocutores e uma das suas funções básicas é contrastar referentes identificáveis e não-identificáveis. Em muitas línguas do mundo, o SN é realizado com certos elementos à esquerda, designados por determinantes (Casteleiro, 1977), entre os quais, estão os determinantes e os quantificadores, com a função de estabelecer a referência desse nome, através da situação espácio-temporal, ou delimitação do seu número e género (Hermanz e Brucart, 1987).

2.6.1. Determinante Artigo

Cunha e Cintra (1984), definem o artigo como aquelas palavras que se antepõem aos substantivos para indicar que se trata de: um ser já conhecido do leitor ou ouvinte (definido), ou de um simples representante de uma dada espécie ao qual não se fez menção anterior (indefinido). Nesta perspectiva e de acordo com a norma padrão europeia, os artigos definidos (*o/a*), (*os/as*) e indefinidos (*um(a)*, *uns/umas*) são palavras que precedem os substantivos para especificá-los, determinando o seu género (masculino/feminino) e o seu número (singular/plural). Cunha (1989), considera o artigo como um dos especificadores do nome, que se coloca antes dos substantivos, para indicar o seu género e o número, tomando a função de determinante destes e que pode ser definido ou indefinido. De uma forma geral, estes autores consideram que o artigo definido denota conhecimento prévio do ser ou objecto referido pelo substantivo:

79. a) Encontraram **a** criança.

Nesta frase, supõe-se que o nome *a criança* esteja a referir-se a uma/um certa/o menor, localizável no espaço e tempo, sendo do conhecimento dos interlocutores (emissor__ouvinte / leitor).

Entretanto, o artigo indefinido apresenta o ser ou objecto designado pelo substantivo de forma imprecisa ou indeterminada:

b) Encontraram uma criança.

No presente exemplo, a criança referida é uma qualquer e não uma específica, que seja do conhecimento dos interlocutores.

2.6.2. Outros determinantes

De acordo com a classificação de Casteleiro Malaca (1977), determinantes de um sintagma nominal são todos os constituintes que se antepõem ao nome, com a função de delimitar a referência nominal. Segundo esta perspectiva, os outros determinantes do nome são: *_os*

Quantificadores, os Possessivos, os Demonstrativos, os Numerais, os Interrogativos-Exclamativos QU-.

Observe-se a frase seguinte:

80. *Todos aqueles nossos* alunos da escola de Nametil que fizeram a excursão para a praia Nova de Angoche, são praticantes de natação.

No sintagma nominal *todos aqueles nossos alunos*, o núcleo *alunos* está determinado por vários especificadores: um quantificador total *todos*; um determinante demonstrativo *aqueles* e um determinante possessivo *nossos*, situados à esquerda do nome e, de acordo com Casteleiro (1977), Hermanz e Brucart (1987), estabelecem a referência desse nome, através da delimitação do seu número (plural) e género (masculino), por isso a designação *determinantes*.

Recorrendo à terminologia de Cunha e Cintra (1989), de Mateus et al. (1983, 1989) e de Vilela (1999), que introduzem modificações na conceituação de determinantes, serão designados por especificadores todos os elementos que se encontram à esquerda do nome e que não funcionam como complementos desse nome no interior do sintagma nominal. Nesta classe encontra-se uma subclasse, que os autores designam por determinantes e são eles: Artigos Definidos; Artigos Indefinidos; Demonstrativos e Possessivos. A outra subclasse é a dos Quantificadores.

2.6.3. Sintagmas nominais sem o determinante *o* (artigo definido)

No Português Europeu, em geral, o sintagma nominal em posição de sujeito ocorre sempre com determinante, salvo em determinados contextos, como os propostos:

81. *Fruta* é um alimento indispensável à saúde.
82. *Casa* serve de refúgio para as famílias.
83. *Crocodilos* atacam mais no calor.
84. *Crianças* gostam de brincar com água.

As frases acima, podendo ser assumidas como verdades científicas, são interpretadas como *toda a fruta* é um alimento indispensável à saúde, em (81) e *toda a casa em geral serve* de refúgio para as famílias, em (82). Em (83), a ideia subjacente é *toda a classe dos crocodilos, normalmente*, ataca no tempo de calor. No exemplo (84), está inserida a ideia de que qualquer que seja a criança, de um modo geral, agrada-lhe brincar com água. Trata-se, portanto, de enunciados com valor genérico, não carecendo de determinação.

2.7. Constituintes da frase nas línguas bantu

Ngunga (2004) considera “ frase a palavra ou conjunto de palavras dispostas de uma certa ordem, de acordo com certas regras, para exprimir um determinado sentido, podendo ser verbal ou não verbal, conforme a natureza do núcleo”.

Nas línguas bantu, para o estudo da sequência de palavras na frase, são abordados grupos, ou sintagmas, enquanto sequências designadas de acordo com a natureza do seu núcleo. Assim, são estudados o grupo nominal, que inclui o núcleo, os prefixos do nome e os modificadores; o grupo verbal, que, para além do prefixo do infinitivo e do radical verbal, muitas vezes integra morfemas derivacionais concatenados ao radical, com diversas funções sintáticas e semânticas. A nossa intenção, nesta secção, é descrever a estrutura do grupo nominal, que incorpora o que se pode designar por sujeito. Para este trabalho, usar-se-á a expressão *grupo nominal (GN)* para substituir a expressão *sintagma nominal (SN)*.

2.8. Estrutura do grupo nominal em Emakhuwa

No grupo nominal (GN), o núcleo (nome) é distinto dos restantes membros do grupo, que desempenham funções de modificadores. O primeiro constituinte a ser discutido é o nome e sua composição e, a seguir, os modificadores. O grupo nominal, que é o objeto da presente dissertação, é uma sequência de palavras relacionadas umas com as outras, cujo núcleo é um nome. A seguir, apresenta-se a estrutura do grupo nominal.

2.8.1. Morfologia nominal e as classes nominais

Sobre a morfologia nominal, Ngunga (2002) afirma que, no grupo linguístico ‘macua-lómuè’, o nome, também chamado substantivo, é uma palavra constituída por duas partes fundamentais: uma, um prefixo nominal, variável conforme o número (singular/plurar), indicando a classe a que a palavra pertence e a outra, um radical (um tema nominal), que constitui a parte irreduzível do nome, ao qual se junta o prefixo.

Ngunga e Simbine (2012), verificaram que, na morfologia do nome, os nomes encontram-se rigorosamente organizados em grupos chamados *classes nominais*, marcados através de prefixos e ou padrões de concordância. À esquerda do nome no português, pode ocorrer, entre outros tipos de determinantes, o determinante artigo, que pode ser definido ou indefinido, para especificá-lo, com a função de estabelecer a referência desse nome, através da situação espácio-temporal, ou delimitá-lo em número e género, demarcando a oposição (género) masculino / feminino. Enquanto, nas línguas bantu, há inúmeros prefixos que se afixam aos nomes, tantos quantas classes nominais existem nas diferentes línguas, salvo uns raros casos em que prefixos com a mesma estrutura são usados para mais que uma classe. Tais prefixos não determinam a oposição entre o género (masculino vs. feminino), mas sim, entre o singular e o plural, como se pode apreciar nos exemplos abaixo.

85. a) *mu*-thu ‘ pessoa’ c) *e*-thu ‘coisa’ e) *mu*-ru
 ‘cabeça’
- b) *a*-thu ‘ pessoas’ d) *i*-thu ‘coisas’ f) *mi*-ru ‘cabeças’

Nos exemplos 85, os prefixos indicam as classes 1 e 2 em a) e b); classes 7 e 8 em c) e d); classes 3 e 4, em e) e f), alternados em singular e plural.

Citando: Bleek (1862); Werner (1915); Guthrie (1967) e Siteo (1984), sobre a morfologia do nome, Ngunga (2004) diz que o prefixo nominal indica uma certa realidade tal que permite afirmar que as palavras pertencem a uma determinada área semântica. Por exemplo, o prefixo *mu*-, da classe nominal 1, indica a área dos seres humanos, ou seres personificados. Isso

significa que o nome com este prefixo classifica-se como sendo da classe dos humanos, ou por outra, o ser referido, é tratado como tal. Por exemplo: *muatto* (o leão), enquadra-se nesta classe, pelo seu elevado poder aproximado aos humanos, apesar de que, segundo o fator semântico que determina a distribuição dos nomes por classes, este pertenceria à classe 7, na qual predominam nomes de coisas, animais e frutas. Os nomes são precedidos de prefixos das diferentes classes nominais:

86.	a) <i>mu</i> -thiyana	´a mulher´
	b. <i>a</i> -thiyana	´as mulheres´
	c. <i>mu</i> -khacu	´o cajueiro´
	d. <i>mi</i> -khacu	´os cajueiros´
	e. <i>e</i> -manka	´a manga´
	f. <i>i</i> -manka	´as mangas´
	g. <i>n</i> -luko	´a pedra´
	h. <i>ma</i> -luko	´as pedras´

Os nomes aqui exemplificados agrupam-se em diferentes classes: Na classe 1, com o prefixo *mu*-, indicando o singular, está a alínea a) e o seu plural é representado pelo prefixo *a*- da alínea b); a alínea c) enquadra-se na classe 3, expressa pelo prefixo *mu*- e o seu plural *mi*- da (classe 4), alínea d); as alíneas e) e f) mostram os prefixos *e*- e *i*- , das classes 6 e 7, enquanto a g) e h) exemplificam as classes 5 e 6, cujos prefixos são *ni*- e *ma*-.

Em cada um destes nomes estão destacados dois morfemas, sendo um, o radical do nome (tema nominal), precedido de um prefixo de classe, com a marca do singular (86. a, c, e, g.), e o outro do plural (86. b, d, f, h.). Os prefixos são morfemas que se afixam ao núcleo do nome e que não podem ocorrer de forma independente, senão na condição de estarem ligados a este

(núcleo). Ao nível da segmentação do nome, os prefixos escrevem-se conjuntamente, ligados aos nomes, o que não se verifica quanto à determinação de nomes com o recurso ao artigo do português, que é uma palavra autónoma e independente, que acompanha o nome. O tema é o portador do significado lexical do nome: *-thiyana-*.

Ao radical dos nomes, podem afixar-se outros diferentes prefixos e sufixos, com uma função secundária, que introduzem diferentes sentidos, continuando, mesmo assim, a funcionar como nomes. São alguns exemplos:

87.	<i>a)mwam-shi-thiana</i>	‘uma mulher pequena’
	<i>b)ashi-thiyana</i>	‘as tantas mulheres;
	<i>c) o-thiyana-wayu</i>	‘a vossa forma de ser mulher ;
	<i>d) mwam-shi-lakho</i>	‘ uma galinha pequena’

Note-se que, às vezes, o tamanho é expresso por uma sobreposição de morfemas com o mesmo valor semântico. É o caso das frases (87. a) e (87. d), onde os morfemas *mwa-* e *shi-* indicam simultaneamente, a mesma característica (pequenês), diferentemente, do que se observa no exemplo 86. b, onde o morfema *shi-* é indicativo de plural.

Acerca dos substantivos, Prata (1973), acredita que a característica das línguas bantu consiste no seu agrupamento em classes, que se distinguem entre si por prefixos próprios. Este estudioso avança com 9 (nove) classes na língua Emakhuwa.

Ngunga (2004) admite a ocorrência de 13 (treze) prefixos de classe, na língua Emakhuwa e considera classe nominal o conjunto de nomes com o mesmo prefixo e / ou o mesmo padrão de concordância. A tabela que se segue, extraída de Maho (1999), resume a complexidade dos prefixos nominais nas línguas bantu.

Tabel 1. Prefixos nominais e a Reconstituição das línguas bantu

classes	Prefixos Nominais		
	Bleeeek(1896)	Meinhof (1932)	Guthrie (1971)
1	mũ-	mu-	mɔ-
2	ba-	va	ba
3	mū-	mu-	mɔ-
4	mi-	mi-	me-
5	dī- / li-	li-	vi-
6	ma-	ma-	ma-
7	ki-	ki-	ke-
8	pi-	ṽi-	bi-
9	n-	ni-	ny-
10	thin-	li- / ni-	ny-
11	lu-	lu-	du-
12	ka-	ka-	ka-
13	tu-	tu-	tu-
14	bu-	vu-	bo-
15	ku-	ku-	ko-
16	pa-	pa-	pa-
17	----	ku-	ko-
18	----	mu-	mo-
19	----	pî-	pî-
20	----	ʏu	---
21	---	ʏi-	---
22	---	---	---
23	---	---	---

In: Introdução à linguística bantu, Ngunga (2004)

2.9. Relações gramaticais realizadas pelo GN

Nas línguas bantu, o núcleo do grupo nominal é constituído por prefixo e por radical-base e pode exercer as funções de sujeito, se ocorre no início da frase, e as de modificadores, à direita do núcleo da frase.

2.9.1. Núcleo nominal

- | | | |
|-----|---------------------------|---|
| 88. | “mulopwana (mwa) mukhani” | ‘um homem pequeno ----- adjetivo |
| 89. | “muthiyana(woo) reera” | ‘uma mulher bonita’ ----- adjetivo; |
| 90. | “mwiri (woo) wuma” | ‘uma planta seca’ ----- adjetivo; |
| 91. | “athu aronwe omutekoni” | ‘as pessoas que foram ao serviço’---- frase
relativa |

Nos grupos nominais acima, o núcleo é um outro grupo nominal, exercendo funções de sujeito: *mulopwana* (88), *muthiyana* (89), *mwiri* (90), *athu* (91). Os outros constituintes têm a função de modificadores.

2.9.2. Modificadores

Os modificadores podem pertencer a diferentes níveis de classificação (nomes, adjetivos, possessivos, determinativos, demonstrativos, frases relativas, numerais, etc.) e ou serem derivados de verbos. Os exemplos acima agrupam-se na classe de modificadores adjetivos (88,89 e 90) e nos modificadores relativos (91). Atente-se nos exemplos abaixo:

- | | | |
|-----|-------------------|------------------|
| 92. | Muthiyana thiyana | ‘mulher- mulher’ |
| 93. | Mulopwana nratha; | ‘homem- pato’ |
| 94. | Mwana khole | ‘criança-macaco’ |

Os sujeitos das frases 92, 93 e 94 são constituídos por grupos nominais (*muthiana*, *mulopwana*, *mwana*), cujos núcleos se encontram ligados a outros nomes (*thiyana*, *nratha*,

khole), com a função de comparar o sujeito a este outro ser; No exemplo 92, as características de ser mulher são reafirmadas pela repetição do mesmo nome (*mulher*).

No exemplo 88, o modificador (*mukhani*) liga-se ao nome (*mulopwana*), através do prefixo de concordância (*mu-*), que se associa à vogal (*-a*), aquilo que Ngunga (2002) designa por partícula genitiva. As frases 89 e 90 exemplificam o tipo de grupo nominal, em que o modificador se associa ao núcleo, através do prefixo dependente (*-o-*), em virtude de os nomes ocorrerem com o prefixo de classe *mu-*, próprio das classes 1 e 3. Este prefixo dependente (*-o-*), marca as relações de concordância dos adjetivos (*orera e wuma*), com os núcleos (*mulopwana, muthiyana e mwiri*). A forma *WO-* resulta da semivocalização do encontro das vogais (*-a*, do morfema “*wa*”, ligado ao prefixo *o-*, inicial do modificador: *orera, owuma*). O núcleo do exemplo 90 (*athu*), ocorrendo com o prefixo da classe 2 (*a-*), faz com que seja este prefixo a estabelecer a concordância entre este núcleo e o modificador: *aronwe*.

Ao contrário do que Ngunga (2004) afirma, quando diz que “*No SN por justaposição, o modificador não concorda com o núcleo*”, no Emakhuwa, há relações de concordância entre os elementos justapostos. Retome-se o exemplo apresentado naquele livro, onde o sintagma nominal *mwalakhu n’loko*, (=‘dez galinha (singular)), não nos parece aceitável sob o ponto de vista morfológico e semântico, visto que, em termos quantitativos, a palavra *mwalakhu* (‘galinha’) é um nome indicando o singular de *alaku* (‘galinhas’). O que seria correto é: *mwalakhu m’mosa* (‘uma galinha’). Semanticamente, este nome enquadra-se na classe 1, singular da classe 2 (*alaku*), não sendo, portanto, gramatical aquela frase (*mwalakhu mloko/n’loko*). De facto, pela sua categoria morfológica, o nome pertenceria à classe 7/8, conforme os falares do macua central de Nampula. Assim, seria:

95. *e lyakhu emosa/ mwalakhu m’mosa* (=‘uma galinha’);
96. *i lyakhu muloko/ alaku n’loko (mu-)* (=‘dez galinhas’).

Portanto, o modificador (*n’loko*, da classe 1), do texto de Ngunga, não concorda, nem semântica, nem morfológicamente, com o núcleo *alaku* (da classe 2), em virtude de pertencerem a classes nominais diferentes e distantes, já que as classes nominais se agrupam

de forma sequenciada e sistemática. Aquele modificador, (*n'loko*), um nome numeral, resulta da nasalização do prefixo *mu-* (classe 1), antes de consoante, onde foram elididas as vogais *i/u* subsequentes. Temos aqui um GN com dois nomes sendo um dos quais o núcleo e outro modificador e que não concordam um com outro. Vejam-se as palavras originais:

(singular) *mumosa* → *m'mosa* / (uma dezena) *mu/loko* → *m'loko* → *n'loko*

Na verdade, o que acontece no processo de numeração é que, a expressão *muloko*, representativa do número *dez*, é a única que se realiza de igual forma para todos os nomes do plural de todas as classes, indistintamente. Veja-se como se deveriam escrever as palavras por nós sugeridas, observando-se a concordância entre os prefixos dos núcleos nominais e os dos seus modificadores:

Como se deveria escrever

Como se deve escrever (aceitável)

Classe 2. **Atthu (a-) loko* ----- dez pessoas----- *atthu n' loko*; (mu-)

Classe 4. *Miri (mi-) loko* ----- dez plantas ----- *miri n' loko*; (mu-)

Classe 4. *miono (mi-) loko* ----- dez braços ----- *miono n' loko* (mu-)

Classe 4. *miru (mi-) loko* ----- dez cabeças ----- *miru n' loko* (mu-)

Classe 6. **Mahimo (ma-) loko* ----- dez grupos étnicos ----- *mahimo n' loko*; (mu-)

Classe 8. **ihopa (i-) loko* ----- dez peixes ----- *ihopa n' loko*; (mu-)

classe 2.* *akharamu (a-) loko* ----- dez leões ----- *akharamu n' loko* (mu-)

Os morfemas entre parênteses curvos são os de concordância, correspondentes à classe dos nomes. No entanto, resultariam em frases agramaticais se ocorressem os da esquerda (à exceção do *mi-* da classe 4), em lugar do morfema *mu-* da direita. Os morfemas entre parênteses retos são nasais silábicas que resultam da elisão de /u/ do prefixo *mu-* da classe 3.

Daí que o numeral *n'loko*, com apóstrofe, é aceite para ocorrer com os nomes plurais de todas as classes.

Porém, as outras expressões numerais (modificadores do nome), designando quantidade, concordam com o prefixo de classe do nome precedido. Tomem-se exemplos da amostra em estudo:

Classe 1. *Mutthu m' mosa* (mu-) ----- uma pessoa

Classe 2. *atthu araru* ----- três pessoas;

Classe 3. *mwiri m' mosa* ----- uma planta;

Classe 4. *miri mili* ----- duas plantas

Classe 5. *Nitata ni mosa* ----- uma mão

Classe 6. *Matata ma raru* ----- três mãos

Classe 7. *Ehopa eri emosa* ----é um peixe;

Classe 8. *ihopa iri ittharu* ----- são três peixes

Conforme o apresentado nos números anteriores, de uma forma geral, os modificadores ocorrem depois do núcleo e, a anteceder-lo, afixa-se um morfema preso, um prefixo que marca o singular ou o plural do nome e a classe a que este pertence. Veja-se uma frase da lista da variante de Nampula, bairro de Napipine: *Muwiri wanmwapuni* _____ 'a planta do vaso'. Outros sintagmas nominais com modificadores são os que se seguem nas frases abaixo:

97. a) "Mwara amwene" ----- a esposa do rei;
- b) "mwara anenene" ----- a esposa de dono
- c) "awara ashinene" ----- as esposas dos donos
- d) "kakha João" ----- Mano João

- e) “Amwene ana Mutuwa” ----- o rei Mutuwa
 f) “Waamwene wana Mutuwa” -----em casa do rei Mutuwa

Quando o modificador é nome, este é caracterizado por ser prefixado por um morfema de classe. Na frase (89), a expressão *muthiyana (wo)orera* é um sintagma nominal, constituído por um núcleo nominal (*muthiyana*) e por um modificador adjetivo (*orera*). As relações de concordância do adjetivo com o núcleo são marcadas por meio de uma partícula genitiva (*a-*), como conector entre o núcleo e o modificador, a qual é elidida pela presença de duas vogais de palavras diferentes (pela regra de resolução de hiatos), ocasionando uma outra elisão da última vogal da palavra *muthiyana*, ficando *muthiyanorera*. Veja-se o que ocorre no GN original: *muthiyana woorera* ___ *muthiyanorera*, onde se suprimiu a última vogal da palavra *muthiyana (-a-)* e a primeira da palavra *orera (o)*, bem como a semivogal (*w*), com a função de partícula genitiva, ficando a palavra *muthiyanorera*.

Verifica-se o mesmo fenómeno em outras situações similares, como as que se seguem abaixo.

Quando os modificadores do sintagma nominal ocorrem depois do núcleo, a frase dispõe-se conforme a sequência: Nome + Prefixo-vogal + modif., onde o prefixo é o elo de concordância entre o nome e o modificador, e a vogal é a partícula genitiva. Vejam-se os grupos nominais a seguir:

i. Em frases com complemento determinativo:

98. *Muthiyana wa anene* (=muthiyananene) ----- ‘a mulher de dono’;

ii. Com possessivo:

99. *Mwana wa aka* (=mwanaka) ----- ‘meu/ minha filho/a’

iii. Com adjetivos:

100. *Enupa e yorera* (=enupayorera) ----- ‘casa bonita’

iv. Com frase relativa

101. Anamwane aronwé khaphinye-----‘as crianças que foram, não chegaram’

v. Com numeral

102. Athu araru (=athuwararu) _____ ‘três pessoas’

vi. Com quantificador

103. Athu ootene ----- ´ todas as pessoas ´

104. Athu owatta ----- ´ muitas pessoas ´

O sintagma *Muthiyana anene* (98.) tem na sua estrutura um nome independente (*muthiyana*), que se justapõe a outro nome, modificador (*anene*), por um processo de complementação, tendo-se elidido o morfema de ligação e a partícula genitiva (*a-*) e se contraído as duas vogais resultantes (*muthiyananene*). No grupo nominal *mwana aka*, em (99) que foi suprimido o morfema de ligação *-wa-*, estão as seguintes sequências: o nome *mwana-* e o morfema modificador possessivo *-aka*, onde se contraem as duas vogais seguidas (a última do nome e a primeira do possessivo seguinte), resultando em *mwanaka*. No exemplo (100), o modificador (*yoreera*) concorda em número com o nome que modifica, pelo prefixo da classe 7 (e-), visto que o nome pertence a esta classe.

Contudo, dependendo da ênfase que se pretende dar ao modificador em relação ao núcleo, ou dependendo do tipo de modificador do núcleo, há contextos em que esta ordem pode ser alterada. São os casos de pronomes pessoais, de demonstrativos e de indefinidos, que ocorrem antes do núcleo, como se pode ver nas frases 105, e 106.

105. “nyuwo munna” ‘você mano’

106. “ale athu” ‘aquelas pessoas’

107. “Khuta muthiyana onnireraha vathokoni” ; ‘cada mulher cuida da casa’

Nestes casos, as palavras que constituem o grupo nominal são ditas uma a seguir a outra. Os pronomes demonstrativos e os pessoais, quando co-referentes, são deslocáveis, podendo ocorrer tanto antes como depois do núcleo, ou mesmo nas duas posições simultaneamente, por força da expressividade do mesmo, como se pode confirmar em seguida:

- | | | |
|------|---|---------------------------|
| 108. | “munna nyuwo” | *‘mano você’ |
| 109. | “amiravo ale” | * ‘rapazes aqueles’ |
| 110. | “nyuwo mun’na nyu” | ‘você mano você’ |
| 111. | “ale amiravo ale” | ‘Aqueles rapazes aqueles’ |
| 112. | “we Maria we, wareriye mesa”. ‘Tu, Maria, tu, vai preparar a mesa’. | |

Como se pode ver acima, a frase em Emakhwua é composta por um conjunto de palavras que formam grupos também chamados sintagmas. O grupo nominal pode ser constituído de um elemento ou por mais do que um elemento. De entre os elementos que podem fazer parte do grupo nominal mencionam-se os seguintes: os prefixos de classe nominal, o núcleo, os morfemas de negação, qualificadores, numerais, possessivos, ou outros nomes. Os prefixos de classe nominal funcionam para organizar os nomes em grupos, numa base semântica. Os prefixos nominais caracterizam-se pela sua alternância em singular e plural dentro da mesma classe semântica, mas não em género que opõe o feminino e o masculino. Não são equiparados a artigos que designam o feminino em contraste com o masculino, ou àquelas palavras que, antepondo-se aos substantivos, designam seres já conhecidos pelo emissor e pelo recetor, ou seres representantes de uma dada espécie, aos quais não se fez menção anterior. Independentemente de o nome ser antes mencionado ou não, o nome é dito com o prefixo da classe enquadrável. Este é o critério mais comum de especificação dos nomes.

Conforme foi referido no capítulo I, no PE, o sintagma nominal pode ocorrer em vários contextos, onde o nome preserva a sua característica de ser acompanhado do determinante artigo. No Emakhuwa, o nome é caracterizado por ser associado a um prefixo de classe, como se vai descrever em seguida.

2.10. Determinação dos nomes em Emakhuwa

Foi visto que o nome em Emakhuwa, constituído de prefixos e radical, é determinado por:

- a) à esquerda do radical:
 - i. prefixo de classe, indicador da oposição singular/plural e que marca o padrão de concordância (*mu*-thu / *a*-thu);
 - ii. morfemas com funções secundárias: (tamanho __ *mwamushi*thiyana; plural __ *ashi* thiyana).
- b) À direita do radical:
 - i) modificadores do tipo:
 - Possessivo: (mwanaka = 'o meu filho');
 - Quantificador: (athu otene= 'todas as pessoas'); (athu owatta = 'muitas pessoas');
 - modificador numeral: (athwararu = 'três pessoas');
 - Modificador complemento determinativo: (muthiyanaanene = 'a mulher de dono').

2.11. Metodologia da Pesquisa

Esta seção apresenta a metodologia de abordagem do tema, e os instrumentos usados na recolha e na análise de dados. Do ponto de vista da abordagem do tema e do objetivo do trabalho, os métodos priorizados foram fundamentalmente: a Descrição e a Comparação. Recorreu-se à Descrição, pois o trabalho visa descrever as características das línguas do grupo macua-lómuè, sobre as formas de sua determinação, comparando-as às da estrutura do PE. Outrossim, foi tido em conta o método Indutivo, que considera que o conhecimento é fundamentado na experiência. “ No raciocínio indutivo, as constatações particulares levam à elaboração de generalizações” (Gil, 1999). Nesta perspetiva, a autora, tendo observado construções frásicas,

tanto do Emakhuwa, como em produções do PE, com ausência do determinate artigo nos sintagmas nominais, concluiu, generalizando para todas as situações, de que os sintagmas nominais das línguas macua-lómuè, não se realizam com o determinante artigo. O método Fenomenológico⁴ preocupa-se com a descrição direta da experiência tal como ela é. “ A realidade é construída socialmente e entendida como o compreendido, o interpretado, o comunicado” (Gil, 1999). Nesse sentido, a pesquisadora, com base na realidade linguística de falantes não escolarizados, procedeu à descrição direta das experiências linguísticas dos diferentes falares do grupo etnolinguístico macuwa-lómuè, tal como eles falam entre si, no seu meio social.

Para a recolha de dados, foram diversos os procedimentos metodológicos tomados em conta, desde a **observação** sistemática, a **entrevista** semi-estruturada e o **questionário**. Para a concretização do objetivo definido, a autora do presente trabalho empreendeu uma pesquisa que iniciou no primeiro ano da sua formação neste Mestrado, pela observação, tendo culminado com a coleta dos dados aqui em análise. O instrumento dominante foi a entrevista, que consistiu na deslocação dos investigadores às residências dos falantes da língua Emakhuwa. Na entrevista, a autora foi coadjuvada por um outro estudante do mesmo Mestrado, que recebeu a tarefa de registar os discursos dos falantes, em áudio (fita magnética) e tirar imagens, enquanto a autora conduzia as entrevistas. De igual modo, num contexto formal de ensino (em sala de aula), a observação incidiu sobre a escrita de alunos do ensino secundário, que produziram redacções sobre um assunto da actualidade (a violência doméstica em Moçambique). Para ambas as situações, os informantes falaram livremente, não obstante terem tido um guião orientador para a produção das suas frases/ideias. Elaborou-se um questionário escrito para as entrevistas, o qual foi respondido também por escrito pelos alunos. Aos informantes não escolarizados, foi-lhes facultada uma tabela com frases do PE. Estas frases foram traduzidas para a língua Emakhuwa pelos falantes das diferentes variantes da língua em estudo, no seu local de residência, numa situação natural de comunicação. As informações daí resultantes foram analisadas e resumidas.

⁴ O método fenomenológico preocupa-se com a descrição direta da experiência tal como ela é. Toma a realidade construída socialmente e entendida como é interpretada.

Através duma entrevista que se caracterizou eminentemente qualitativa⁵, demonstrou-se, de forma indutiva, os processos que ocorrem nas frases destes grupos de línguas, descrevendo os elementos constitutivos das mesmas. Recorreu-se à entrevista não estruturada, na medida em que os informantes dissertavam livremente relativamente às questões e/ informações sugeridas pelos entrevistadores. Partindo da perceção segundo a qual o grupo linguístico macua-lómuè tem como língua-base o Emakhuwa, cujo núcleo central é falado na cidade de Nampula e distritos arredores, a pesquisa para a presente Dissertação cingiu-se à língua em referência, *Emakhuwa* (P.31), tendo abrangido falantes da variante * *Exirima*, registada nos distritos de Nampula cidade, com falantes originários dos distritos de Nampula, Murrupula, Ribáwe e Malema. Para a variante *Elomwe*: (P.32), foram entrevistados falantes dos distritos do Gilé e Alto Molócue e as suas variantes * *Emarevone*, * *Emuniga*, foram registadas em falantes de Pebane, Naburi (na prov. da Zambézia). A variante *Emetto*, do cód. (P.33) e as formas **EsaaKa* e **Enahara*), foram registadas de informantes dos bairros de Mutomote (cidade de Nampula) e dos distritos de Namapa, província de Nampula, mais dos distritos de Montepuez e Chiúre, bem como de bairros da cidade de Pemba, província de Cabo Delgado. Os dados foram recolhidos de informantes de ambos os sexos e das faixas etárias entre os vinte e cinco e os setenta anos de idade. O segundo instrumento recorrido foi o da revisão de literatura. Nesta perspectiva, foram mencionados os diferentes estudos realizados em torno da língua portuguesa e das línguas bantu.

A amostra estudada foi aleatoriamente definida no momento da entrevista, tanto dos alunos, como dos não escolarizados. Numa situação de sala de aula, 20 alunos da Escola Secundária 12 de Outubro produziram composições sobre um tema da atualidade_ “ A violência doméstica em Mocçambique”. As composições basearam-se num questionário pré elaborado pela entrevistadora, com o intuito de facilitar a organização das ideias. Estes responderam individualmente, construindo o texto. Para testar as hipóteses sobre a incompleta aprendizagem da norma do PE e sobre a falta do hábito de leitura nos alunos, um grupo de 45 alunos, sendo 35 da 12^a classe e 10 da 10^a classe, dos quais 30 do sexo feminino, foi

⁵ Designa-se pesquisa qualitativa, também chamada indutiva, a pesquisa que envolve conceitos, faz a compreensão dos fenómenos a partir de padrões resultantes da recolha de dados.

submetido a um questionário sobre este assunto (ver apêndice I). Para o segundo grupo da amostra, os falantes também responderam de forma individual. De modo a evitar-se a influência nas produções individuais de membros de grupos diferentes, os dois grupos estavam separados por uma distância de 20 metros. Com uma antecedência de um dia, foi solicitado um grupo de falantes de cada bairro das cidades e vilas municipais de Nampula, Pemba e Montepuez e das sedes distritais de Namapa, Chiuri, Alto Molocue, Pebane, Naburi e Gilé. Os inquiridos distribuíram-se, aleatoriamente, em grupos de dez pessoas para cada entrevistador, e foram conduzidas as entrevistas, num ambiente de muita abertura e familiaridade. As entrevistas foram gravadas em fita magnética para posterior transcrição e uso no presente trabalho enquanto a investigadora tomava notas num bloco previamente preparado para o efeito.

Para a análise dos dados, através de um estudo comparativo, fez-se uma confrontação entre o Português Europeu, o Português Moçambicano e as línguas do grupo Macua-Lómuè, faladas nas províncias de: i) Nampula (cidade e seus bairros, bem assim o distrito de Namapa); ii) Cabo Delgado (cidade de Pemba e distritos de Montepuez e Chiuri); iii) província da Zambézia (nos distritos do Gilé, Alto Molocue e Pebane). Exceptuando os falantes das cidades municipais, os outros entrevistados são residentes de zonas rurais, não escolarizados, pressupondo-se que sejam falantes ‘genuínos’ da sua L1, não obstante a que, nesta fase de confluências entre povos, a genuinidade seja questionável. A base do estudo foram entrevistas dos falantes destas línguas, a partir das quais foram analisados alguns fenómenos sintáticos e semânticos que ocorrem em sintagmas nominais desta variante do Português e um *corpus* de escritos de estudantes, falantes desta língua. Para tal, a pesquisa analisa e explica os constituintes da frase e dos sintagmas nominais destas línguas e respectivas variantes, a fim de verificar eventuais fatores que determinam a ocorrência de desvios no uso de artigo em construções do português, em falantes do Emakhuwa e Elomwe, como línguas maternas. O primeiro distrito escalado foi o de Montepuez, na província de Cabo Delgado, onde a pesquisadora teve contacto com falantes rurais não escolarizados.

Para o apuramento do que se pretende com a pesquisa, e com base nos questionários que se seguem, a análise dos dados teve em consideração os seguintes aspetos linguísticos, nas duas

línguas comparadas: 1. A estrutura da frase; 2. O grupo nominal e sua constituição; 3. As características do predicado e seus complementos. Como foi referenciado anteriormente, foram elaboradas três questões a serem respondidas pelos professores. O propósito que esteve na origem da elaboração de perguntas diferentes às dos alunos tem a ver com as evidências das próprias perguntas e dos objectivos que se pretendem atingir em relação ao tema em estudo. Um dos objectivos visa exactamente identificar as sensibilidades que os professores têm sobre a aprendizagem dos seus alunos. Este pensamento também influenciou para o questionário do Director Pedagógico e dos técnicos da Educação.

A fim de se testar as hipóteses da incompleta assimilação das regras do PE sobre o uso de artigo; da falta do hábito de leitura e a da fraca dedicação de professores, foram entrevistados 45 alunos, 5 professores da disciplina de Língua Portuguesa e 2 gestores do processo de Ensino/Aprendizagem (diretores pedagógicos), na escola 12 de Outubro, local de realização da pesquisa. Para o efeito, foram elaborados guiões de entrevista para os diferentes grupos de informantes, conforme se apresenta em apêndice. O foco do presente trabalho é a frase constituída de mais de uma palavra, já que a intenção é destacar o Sintagma nominal, que pode ocorrer em diversas posições dos termos da frase. Sendo o objeto do estudo a estrutura do sintagma nominal, onde, por regra, deve ocorrer o determinante artigo, procedemos à descrição da sua constituição dentro da frase, no português e na língua Emakhuwa, apresentando os constituintes fundamentais e periféricos do sintagma nominal. Para a língua Emakhuwa e suas variantes, fez-se uma reflexão sobre a morfologia nominal e a estrutura da frase.

2.12. Resumo do capítulo

O capítulo 2 tinha como objetivo apresentar o quadro referencial da dissertação, nomeadamente, o quadro teórico, os principais conceitos relacionados à determinação de nomes no Português e no Emakhuwa. O quadro conceptual adoptado é o previsto pela Gramática Generativa de Chomsky, na teoria da linguística sobre a estrutura lógica sintática (1955, 1957). A estrutura do sintagma nominal no Português está em conformidade com as classificações de Mateus et al. (1989) e a estrutura do grupo nominal no Emakhuwa segue a

proposta de Ngunga (2002).

Sobre a metodologia de recolha de dados, foi usada, basicamente, a entrevista e, para a análise dos dados, recorreu-se, fundamentalmente, a descrição dos dados linguísticos recolhidos dos informantes. Os dados consistiram em composições de alunos, escritas em Português e em frases do Emakhuwa, produzidas por comunidades falantes desta língua, traduzindo frases do Português para o Emakhuwa. A análise dos dados consistiu no uso dos dados recolhidos em ambiente natural, para o caso dos informantes das comunidades para onde a equipa se deslocou, e em ambiente formal de sala de aula, no caso das produções dos estudantes. A entrevista também trouxe informações sobre o uso do determinante artigo por alunos, falantes do Emakhuwa, através de produções por eles feitas. A revisão de literatura baseou-se na consulta de livros, artigos publicados e alguns extraídos da Internet.

Tabela 7. A constituição da amostra

Estudantes					Comunidades					Docentes e gestores de escola			Total da amostra geral
Entre 18 e 23 anos		Superiores a 23 anos		Total	De 35 a 60 anos		Superiores a 60 anos		Total			Total	
H	M	H	M	H+M	H	M	H	M	H+M	H	M	H+M	
10	30	5	-	45	120	50	70	10	250	5	2	7	
				45					250			7	302

Capítulo III: Ausência de artigo diante de substantivo no português moçambicano

Sendo o objetivo geral da presente dissertação o de estudar as regras de organização da frase e do SN no Emakhuwa, para explicar os fatores que determinam a ocorrência de desvios no uso do artigo, em construções de falantes do Emakhuwa como língua materna. Tendo sido estudado, nos capítulos anteriores, a estrutura do sintagma nominal nas duas línguas, neste capítulo, vai analisar-se o uso do artigo por estudantes, que recorrem ao português na sua comunicação quotidiana. Se bem que os desvios motivados pelo bilinguismo abrangem todos os níveis de realização da língua, este capítulo restringir-se-á ao nível da morfo-sintaxe, dando maior primazia aos aspectos do léxico e da sintaxe. Neste sentido, define-se como objetivo do presente capítulo o de descrever as estruturas fráscas de produções, escritas por alunos do nível secundário e universitário, a fim de identificar a determinação dos substantivos por artigo e a omissão deste, identificando os contextos dos desvios verificados e explicando os prováveis fatores da sua ocorrência face à norma europeia. É com a intenção de identificar o SN nos contextos descritos nos capítulos anteriores, que nos empenhamos a analisar as produções feitas pelos alunos e que nos serviram de amostra para o estudo deste capítulo.

O Português de Moçambique constitui uma variedade do Português Europeu. Esta variedade caracteriza-se por apresentar fenómenos morfológicos e sintáticos, “ estranhos” à norma europeia, dada a sua co-existência com outras línguas do grupo bantu, nas quais se registam diferenças substanciais na morfologia e na sintaxe. Este facto condiciona a ocorrência de “erros” (na acepção purista do termo) e de “ desvios”, sob o ponto de vista da descrição das línguas. Tanto Gonçalves e Stroud (1998), como Duarte et al. (1999), colocam a hipótese da existência de interferências das estruturas das línguas bantu sobre o Português. Oliveira (2001) avança, na linha de Duarte et al. (1999), com a hipótese de funcionamento paralelo de duas gramáticas, nomeadamente a gramática das línguas bantu e a do PE, na formação do Português de Moçambique.

Dos textos analisados, verificou-se que os artigos definidos são empregues num espectro de contextos muito mais amplo do que os artigos indefinidos, destacando-se o seu uso em sentido genérico, em expressões de tempo, assim como junto de nomes de pessoas e lugares, como se

pode ver nos exemplos extraídos da amostra em análise. As produções, intituladas por “A violência doméstica em Moçambique”, constituem respostas de um questionário, na forma de uma entrevista, orientado para o tema proposto, que é um assunto social e actual.

Considerando-se o determinante artigo a palavra que se antepõe aos substantivos para indicar o seu género e o número, e que pode ser definido ou indefinido (Cunha e Cintra, 1984), analisaram-se os textos propostos, à luz das regras do PE.

O emprego do artigo em produções orais e escritas é uma das áreas críticas no português de Moçambique, podendo considerar-se uma dificuldade generalizada a falantes academicamente elevados. Porque é notória uma insegurança no uso do determinante artigo pelos alunos, caracterizada por os mesmos substantivos, nos mesmos contextos, serem ora determinados por um artigo, ora ocorrerem sem ele. Para medir até que ponto tal insegurança é significativa, o presente capítulo, vai direccionar a análise das composições dos estudantes para duas grandes áreas: Uma, a de expressões ‘correctas’, que analisa excertos com a omissão do artigo em contextos aceitáveis pela norma do português europeu e a outra, com construções carecendo de determinante artigo, é a de excertos com uma omissão irregular, isto é, em situações não recomendadas pela norma para tal. Assim, foram identificadas nos textos em estudo, as situações que se seguem.

4.1. Omissão do artigo de acordo com a norma do PE

Nesta secção, apresentaremos algumas expressões nas quais os estudantes mostraram a concordância com a norma europeia no uso do artigo, porém, não de forma sistemática, verificando-se, num mesmo contexto, ora o seu recurso, ora a sua omissão, o que revela uma relativa insegurança no uso do determinate artigo. Os exemplos aqui apresentados são excertos dos textos originais (manuscritos, por isso transcritos), produzidos por alunos de nível das 10^a – à 12^a classes e dois de estudantes do 1^o ano de Ensino Superior.

Veja-se a omissão do artigo, cometida pelos informantes, em contextos onde tal se prevê, segundo a norma:

i) Antes de substantivos usados de um modo geral

113. “ pois é a falta *de diálogo* que faz com que <*os> promo <*vão> tal acto , texto 1, 2º §, 2ª linha;
114. “ ...são as que mais sofrem com o clima *de guerra* vivido em seus lares”, texto 1, 2º §, 5ª linha;
115. “ ...é um acto *de violação* dos direitos humanos”, texto 2, 1º§, 1ª linha;
116. “ (...) elas não teem *voz* no lar”, texto 8 3º § , 4ª linha;
117. “ o governo deve trabalhar (...) para podermos todos ter *paz*.”, texto 2, 9º §, 2ª linha;
118. “ grande parte da população é pouco letrada...”, texto 1, 3º §, 2ª linha;
119. “ *Violência doméstica* é um acto bárbaro...”, texto 4, 2º §, 1ª linha;
120. “A maioria das famílias praticam *violência doméstica* dando porradas...”, texto 4, 3º §, 1ª linha;

Os substantivos dos exemplos acima indicam a noção de um modo geral, na plena aceção do seu significado, de forma indeterminada. Isto é, não estão precisos os conteúdos e os limites de abrangência de (o diálogo, o tipo de guerra em questão, nem as formas de violação dos direitos humanos, e nem à submissão que as mulheres vivem sob os homens), aludidos nas frases (113), (114), (115) e (116). As frases (117) encerram uma aspiração de ‘todos’ ao direito à paz, na sua total amplitude. A frase (118) representa o caso de omissão do artigo indefinido (*uma*), antes de expressões denotativas de quantidade indeterminada (*grande*), neste caso, antecedendo um substantivo que exprime uma noção partitiva (*parte*). As frases (119) e (120) apresentam a noção de violência doméstica de um modo geral e de forma não específica, sabido que pode haver várias formas de violência doméstica, como por exemplo: a sexual, a psicológica, a física e ou a moral, etc. Verifica-se, portanto, uma correcta omissão do artigo nas frases, acima citadas.

ii) Numa sequência de nomes diferentes

Quando diferentes nomes designam um mesmo ser ou mesmas pessoas, o artigo definido é omitido:

121. “ (...) os seus filhos e educandos”, texto 6, 3º §, linha 4;

122. “ (...) devem aconselhar os seus parentes e familiares”, texto 6, 5º §, linha 2;

Na expressão (121), os substantivos *filhos* e *educandos* têm o mesmo referente, bastando, por isso, determinar o primeiro substantivo (*filhos*). De igual modo, os termos *parentes* e *familiares*, em (122), correspondem a um mesmo grupo genealógico. Daí, segundo Cunha (1984), não se repete o determinante artigo quando o substantivo designa o mesmo ser ou a mesma coisa que o primeiro.

iii) Diante da palavra casa, sem determinação ou qualquer expressão qualificativa, com um sentido de residência:

123. “ (...) praticada dentro de casa...”, texto 3, 1º §, linha 2;

124. “ (...) quando voltam a casa”, texto 8, 3º §, 3ª linha.

Omitiu-se o artigo antes do substantivo *casa* (123), por este ter o sentido de *lar* e exprimir uma ideia vaga, não particularizada e por estar desprovido de qualquer termo de qualificação, que o restringisse. Na frase 124, o antecedente do nome *casa* é a preposição *a* e não o determinante artigo definido.

iv) Substantivos comuns como expressões de enumeração:

125. “ (...) por parentesco civil (marido e mulher; sogra; padrasto) ou parentesco natural (pai; mãe, filhos e irmãos), texto 3, 1º §, liç. n. 3;

126. “As motivações mais frequentes são: necessidades sexuais, usar a mulher como instrumento de trabalho, mau entendimento entre os casais, impedir a mulher a frequentar a educação...”, texto 9, 2º §, 5ª linha.

127. “A violência doméstica é praticada de várias formas como: agressividade, não respeito aos mais novos ou pobres, agressão física...”, texto 2, 2º §, 1ª linha.

Quando, numa enumeração, se pretende obter um efeito de acumulação, omite-se o artigo antes de cada um dos substantivos em questão (Cunha, 1984). Com efeito, na frase (125), a expressão *parentesco civil* agrupa, genericamente, os elementos que se enumeram pelas palavras *marido, mulher, sogra, padrasto*; e pelo termo *parentesco natural*, os elementos enumerados são: *pai, mãe, filhos e irmãos*. Com a frase (126), enumeram-se as motivações de base para uma violência doméstica. Na frase (127), discriminam-se as várias formas da prática de violência doméstica (agressividade, não respeito aos mais novos, agressão física...).

v) substantivos comuns no plural com um sentido genérico

128. “alguns (...) levam as crianças para viverem *com pessoas rudis*”, texto 2, 2º§, linha 6;

129. “ muitas vezes fazemos *coisas* sem pensar.” Texto 2, 3º §, 1ª linha;

130. “ As que se têm exercido contra *mulheres e crianças*, texto 2, 7º §, 1ª linha;

131. “ o governo deve (...) tomar *novas leis e regulamentos*.”, texto 2, 9º §, 1ª linha;

132. “ ...que (...) é causada por *ciúmes*”, texto 1, 3º §, 3ª linha;

133. “ vitimando *crianças, órfãos, e mulheres*” , texto 2, 5º §, 4ª linha;

134. “ (...) num país em *vias de desenvolvimento*”, texto 7, 3º §, 1ª linha;

135. “...existem ainda *famílias e pessoas* que ainda não sabem sobre a violência doméstica”, texto 4, 1º §, 1ª linha;

136. “...assistimos / a / *casos de violência doméstica* (...) vitimando *crianças, órfãos e mulheres*”. Texto 2, 5º §, 3ª e 4ª linha.

A noção expressa pelos substantivos citados é apresentada de um modo geral, na plena extensão do seu significado, exprimindo a totalidade de um grupo de pessoas, ou de uma norma e prática sociais. Dos excertos (128- 136), os termos em itálico representam nomes comuns, não individualizados e usados com um sentido genérico, não carecendo, por isso, de determinação por algum artigo.

137. “ (...) que tem exercido contra *menor / es /*”, texto 3, 2º §, linha 2;
138. “ (...) entre *indivíduos* unidos por parentesco civil (...) ” texto 3, 1º§, linha 3;

O substantivo *menor (es)*, da frase (137), não está determinado por artigo, visto que não particulariza os indivíduos sobre os quais se exerce a violência doméstica, mas sim, generaliza-os, abrangendo todo aquele que tem a idade inferior a dezoito anos (lei da família moçambicana). De igual modo, na frase (138), o termo *indivíduos*, em virtude de ser um substantivo comum, usado em sentido genérico, não é antecedido de artigo.

vi) Antes de substantivos abstractos

139. “ (...) em Moçambique não há *entendimento...*”, texto 7, linha 3;
140. “ (...) num país em *desenvolvimento*”, texto 7, 3º §, 1ª linha.

Os substantivos em itálico em 139 e 140, sendo abstractos, não admitem precedência de artigo, pois exprimem uma realidade subjetiva e não uma realidade concreta e mensurável e localizável, *a priori*, cognoscível por todos os interlocutores. Exprimem, portanto, um sentido vago e impreciso, pelo que não carecem de determinação.

vii) Antes de nomes próprios geográficos

141. “ Em Moçambique ocorrem principalmente na classe média.”, texto 9, 1º §, 2ª linha.

Embora haja nomes próprios geográficos / de países / que admitem o artigo, outros há que o repelem, como é o caso de Moçambique, em que a preposição *em*, na frase 141, não está contraída com o artigo. No entanto, na frase “ o meu belo Moçambique”, texto 3, 6º §, 1ª linha, o topónimo é determinado em razão de estar acompanhado de uma qualificação e da determinação possessiva (o meu belo).

viii) Em presença de palavras indefinidas como: *diverso/s, vários, outro/s, certo/s, algum/ns, com um sentido indeterminado*

142. A violência doméstica é praticada *de várias formas.*”, texto 2, 2º §, 1ª linha;
143. “ (...) criando *certos* traumas e em *alguns* casos comportamento agressivo” , texto 1, 2º §, linha 4;
144. Há também *outros* tipos de violência no nosso país como: (...) ”, texto 2, 6§, 1ª linha;
145. “...manifesta-se em *vários* aspectos...” , texto 3, 2º §, 1ª linha;
146. “ (...) *outras* violências humanas que se praticam são:”, texto 7, 2º §, linha 9.

Omite-se o artigo antes das palavras de sentido indefinido como as que acima se destacam em itálico (de 142-146), por estas ocorrerem em contextos em que não expressam um sentido determinado. Geralmente, pela sua carga de indeterminação, estas palavras antecedem substantivos com um sentido genérico. É o caso dos substantivos comuns no plural, como os que se apresentam acima, indicando a noção de um modo geral.

ix) Antes de substantivos determinados por outras classes de palavras:

147. “ (...) uma das formas de lutarmos contra *esse* mal é...” , texto. 1, 4º §, 5ª linha;
148. “ (...) Os cônjuges promo< *vão > *tal* acto..” , texto 1, 2º §, 2ª linha;
149. “ Compatriotas *cujo* < *esses > actos sejam desagradáveis...” , texto 5, 1º §, 3ª linha;
150. “ Visto que *muitas* crianças são menores (...) ”, texto 4, 5º §, 5ª linha;
151. “ O clima de guerra vivido *em seus* lares” , texto 1, 2º §, 4ª linha;
152. “ As motivações mais frequentes são necessidades sexuais, (...), impedir a mulher a frequentar a educação e *outros* projectos de vantagens.”, texto 5, 2º §, 11ª linha.

Quando as características de género e número dos substantivos já estão claramente especificadas pelos determinantes demonstrativos (esse, este, tal, aquele, etc.), o substantivo dispensa o artigo, como se verifica nos exemplos (147-- 149). O mesmo acontece nas frases onde aquelas características já estão expressas pelo quantificativo *muitas*, frase (150), pelo pronome substantivo possessivo *seus*, frase (151) e pelo pronome indefinido *outros*, frase (152). Na frase (149), as características de género e de número estão impregnadas no

demonstrativo *esses*. No entanto, a frase torna-se anômala com a introdução do pronome relativo *cujo*, que encerra, em si mesma, os valores do *relativo* (que) e de *possessivo* (seu/sua). A introdução do demonstrativo *esses* provoca, portanto, uma redundância e ambiguidade na frase.

4.1.2. Omissão do artigo em frases onde este deveria ocorrer para:

- i) Designar o valor referencial dos nomes

Os nomes antes mencionados, ou previamente conhecidos pelos interlocutores, exigem presença do determinante artigo definido.

As frases que se seguem foram extraídas das composições produzidas por alunos, que constituem a amostra do presente estudo. Elas representam um desvio à norma europeia, em virtude de não apresentarem o determinante artigo em contextos em que era esperada a sua ocorrência.

153. * “ (...) muitas vezes (...) não costuma/ m / < * a > ter como devolver as coisas e o dinheiro *de lobolo* (...)”, texto 4, 5º §, 13ª linha.

154. * “ (...) só porque pagou lobolo e pensa que lhe comprou.” Texto 4, 7 §, 3ª linha.

155. * “ (...) não é só cadeia que vai resolver, (...)” texto 4, 6º §, 3ª linha. .

Partindo-se do princípio de que o determinante artigo definido se aplica para seres conhecidos, ou já mencionados anteriormente, as frases 153 e 154 contêm anomalias, dado que o termo *lobolo* se refere a uma prática de casamento tradicional, familiar tanto ao autor como ao seu futuro leitor, neste caso, o professor a quem se destina a composição e outros leitores do mesmo contexto cultural. Por outro lado, tendo, tal prática, sido referida nas linhas anteriores (8ª linha, 5º§), supõe-se que os interlocutores já estejam dentro do contexto e que, em momentos posteriores (10ª linha 5º § e 7º §), se esteja a retomar o termo em referência (o

lobolo). Neste sentido, o complemento determinativo *de lobolo* exigiria um especificador artigo, para determinar aquilo que é conhecido e praticado pela maioria das famílias do sul de Moçambique. Conforme o PE, e tratando-se duma prática já consumada, seria correto escrever-se: (PE=A família não tem tido formas de devolver o dinheiro *do lobolo* (154) ; (PE= ...só porque pagou *o lobolo* pensa que comprou a menina (155).

Na frase 155, a agramaticalidade da frase reside no facto de se omitir o artigo para determinar aquilo que seria o destino (*a cadeia*) dos praticantes da violência doméstica. Isto é, o nome *cadeia* é evocado como uma das várias formas conhecidas para o tratamento dos violadores das regras sociais. Porém, pela ausência de artigo, o termo aparece como um adjetivo que qualifica algo que não está lá. Os mesmos excertos acima representam diferentes contextos em que ocorreria o artigo: a) em constituintes periféricos do sintagma nominal _ em complementos verbais, 154,) e no predicativo 155).

Ainda nesta secção, são apresentados outros enunciados que evidenciam desvios no uso do artigo, que se têm registado no quotidiano dos falantes do Emakhuwa, como os que se seguem:

- 156. * A nossa casa foi construída *por papá* ____ Agente da passiva ;
- 157. * Ele, *dono da obra*, alterou a planta da construção ____ Aposto;
- 158. * cabeça de Paulo é pequena ____ Sujeito e complem. determinativo;
- 159. * filhos *de meu pai* chegam hoje *de Maputo* ____ Antes de possessivos e de topónimos convencionalmente determináveis.

Independentemente de os falantes estarem familiarizados com os contextos de produção das frases, é comum e frequente ouvirem-se construções como as que se apresentam acima, mas que são agramaticais. Isso acontece sempre quando os dois falantes se situam no mesmo espaço e com, por vezes, o mesmo grau de parentesco, portanto, conhecem os seus referentes e são tidas como aceitáveis tais frases.

ii) Distinguir, nomes de diferentes seres ou realidades

Numa mesma sequência, diferentes nomes designando diferentes seres, actos, e diferentes realidades, devem ser determinados por artigo definido:

160. *(...) como é o caso da violência sexual, violência no trabalho, violência escolar, e violência dos idosos: texto 7, 4º §, 1ª linha.;

161. * tem vezes em que os maridos e mulheres bebem..., texto 4, 3º §, 3ª linha;

162. *(...) violência (...) contra a criança e mulher..., texto 4, 5º §, 3ª e 5ª linhas;

163. * (...) homens maltrando as suas mulheres, irmãs e filhos: texto 7, 3º §, 1ª linha.

Normalmente, para se evitar ambiguidade, numa frase com mais do que um substantivo, e quando empregado o artigo antes do primeiro dessa série, este deve repetir-se nos nomes subsequentes, que designem diferentes seres. Com efeito, na frase 160, o sintagma preposicional *da violência sexual* designa uma prática, de modo preciso e particular, essa é a razão da sua determinação pelo determinante artigo definido *a*. Por seu turno, as expressões *violência no trabalho*, *violência escolar* e *violência dos idosos*, designarão outras práticas particulares, pelo que estas também deveriam ser determinadas pelo determinante artigo definido, diferenciando-as da outra, enunciada pelo nome *a violência sexual*. A agramaticalidade da frase 161 consiste em, os nomes *maridos* e *mulheres* parecerem referir-se ao mesmo ser, visto este último não ter sido determinado, funcionando, por isso, como um predicativo associado ao nome *maridos*. O correcto seria dizer (PE= vezes em que os maridos e as mulheres bebem.), por serem estes dois grupos sociais e diferentes um do outro como os principais actores da violência doméstica. O mesmo deve dizer-se em relação à frase 162, onde a criança é uma das vítimas da violência e a mulher é uma outra vítima, o mesmo se verificando na frase 163, em que se escalonam outras vítimas diferentes entre si: mulheres, irmãos e filhos. Cada um destes deverá ser determinado, para diferenciar os referentes em alusão.

iii) Marcar o grau superlativo relativo

164. “As formas mais praticadas são os abusos sexuais de menores ou *de mais crescidos*”, texto 4, 1º§, linha 2.

Por regra, o adjectivo, no grau superlativo relativo, forma-se pela anteposição do determinante artigo definido *a/o* ao comparativo de superioridade ou de inferioridade (Cunha, 2005), isto é, antecedendo o artigo, aos advérbios *mais/menos* (*indicativos de exclusividade*), seguidos do adjectivo. A expressão *de mais crescidos*, na frase em análise, não evidencia, de forma completa, a sua particularidade, uma vez que se omite o artigo *os*, que determinaria o nome implícito __ “indivíduos” __, identificando, assim a sua superioridade relativamente às outras pessoas que exercem os abusos sexuais a menores. Essa é a base da necessidade da contracção da preposição *de* com o artigo *os* na sequência _ “*de mais crescidos*” _ , ficando conforme a norma do PE (= dos mais crescidos).

iv) Determinar expressões de outras categorias gramaticais

Em Expressões com função de complemento, o artigo serve para substantivá-las:

165. * “ O motivo da violência doméstica tem sido aproveitar a força dos outros (...) ”, texto 2, 5º §, 1ª linha.

166. * “Uma das formas mais praticadas (...) são (...) acreditar-se uns ao outros. Texto 5, 2º §, 1ª linha.

167. * “uma das motivações mais frequentes são (...) usar a mulher como instrumento de trabalho (...) ”. texto 5, 2º §, 5ª a 6ª linhas.

Os exemplos acima apresentam um tipo de predicado nominal, em que ocorre um sintagma nominal, dado que é formado por uma forma verbal com carácter de ligação (*ser*) e a sua forma composta *tem sido* (165). Por essa razão, os predicados das frases 165 a 167, carecem de determinação, para especificar as acções introduzidas por verbos nominalizados, representando o acto de (*o aproveitar a força dos outros como motivo de violência_ 165*); uma das formas de violência mais praticadas (*o acreditar-se uns aos outros - 166*); e uma das

motivações mais frequentes (*o usar a mulher como instrumento de trabalho-167*), individualizando e determinando-os, de modo particular e preciso, como sendo os motivos da violência doméstica. Sabendo que qualquer palavra ou expressão anteceder de artigo se torna substantivo (Cunha, 2005), os complementos das frases em alusão carecem de artigo definido, para nominalizá-los.

4.2. Resumo da seção

As análises aqui efectuadas conduziram-nos às seguintes constatações:

Omitiu-se o artigo nos casos em que:

1. Os substantivos são empregues com um sentido genérico, no plural, pois, só por esse facto, já estão indeterminados e a norma europeia prescinde do recurso ao artigo. Daí que não careçam de determinação. Porém, quando o substantivo no singular exprime a totalidade específica de um género, de uma categoria, de um grupo, ou de uma substância, o artigo é obrigatório;
2. Os substantivos são usados de um modo geral, na plena extensão do seu significado;
3. Ocorrem, na frase, palavras de sentido indeterminado (os pronomes indefinidos), usados de um modo vago e que, por isso, não admitem acompanhamento de artigo antes dos substantivos. São os casos dos termos: outro, todo, certo, tantos, vários, etc;
4. Os estudantes usaram mais o artigo definido que o indefinido;
5. Alguns casos confundem-se do ponto de vista pragmático, são eles:
 - i. os que admitem o uso do artigo, referindo à pluralidade dos seres. Aqui o artigo é usado para indicar a espécie inteira.
 - ii. os casos de omissão do artigo junto a substantivos usados de um modo geral. Estes, indicando um sentido geral, também podem indicar a espécie inteira.

4.3. Resumo do capítulo

No início do estudo, pareciam generalizados os desvios na utilização do artigo, sobretudo, o definido, mas, no final, com base nas composições feitas, verifica-se que a omissão não é tão descontextualizada como parecia. O estudo sobre o real conhecimento da gramática do PE mostra que os alunos desconhecem as regras normativas. Verificou-se, em todas as produções dos alunos que, dum maneira geral, nas construções envolvendo o emprego de artigo, este foi omitido em contextos em que deveria ocorrer. Verificou-se ainda que os estudantes omitiram-no em frases em que, por regra, se recomenda a omissão. Este panorama revela uma ambiguidade e mostra que os estudantes têm algum conhecimento sobre as regras de uso de artigo e, em certos casos, mostram dúvidas. Realmente, o tipo de omissões anómalas identificadas, mostra que os desvios registados estão ligados à incompleta aprendizagem das regras do PE no uso de artigo.

Da análise feita ao corpus da amostra de estudantes, pode-se apreciar os resultados nos quadros abaixo.

Nos quadros, leia-se o seguinte:

S _____ Satisfaz;

SP _____ Satisfaz Pouco;

NS _____ Não satisfaz

Tabela 2. Informação relativa ao conhecimento de regras da gramática do PE

No da pergunta	RESPOSTAS						Total de alunos
	S	%	SP	%	NS	%	
1	14	31	22	49	9	20	45
2	4	9	4	9	37	82	45

3	9	20	0	0	36	80	45
4	2	4	10	22	33	73	45
5	0	0	3	7	42	93	45

O que se pode perceber com este quadro é: sobre a pergunta 1, dos 45 alunos entrevistados, 14(31%) , responderam satisfatoriamente em relação aos constituintes essenciais da frase/oração; enquanto 22 tiveram respostas pouco satisfatórias, quer dizer, não acertaram totalmente na questão e apenas 9 responderam de forma incorreta. Estes resultados mostram que um número pequeno de alunos (31%) conhece os elementos essenciais da oração, embora a maioria (49%) com alguma insegurança. Uma pequena percentagem (20%), indica que os alunos não conhecem os constituintes da frase.

A partir da segunda resposta em diante, com 82%, 80%, 73% e 93%, os alunos revelam que não sabem qual é a constituição do sintagma nominal (resposta 2), nem conhecem o elemento que ocupa a posição inicial da frase (resposta 3); não sabem relacionar o artigo e o sintagma nominal com o qual ocorre (respostas 4 e 5). Portanto, não conhecem a função do artigo nem os contextos em que este deve ocorrer. Desta feita, fica corroborada a hipótese do desconhecimento da norma do PE sobre o uso de artigo.

Tabela 3.

Informação relativa ao hábito de leitura

No da pergunta	RESPOSTAS						Total
	S	%	SP	%	NS	%	
1	0	0	42	93	3	7	45
2	31	69	0	0	14	31	45
3	31	69	0	0	14	31	45

4	31	69	0	0	14	31	45
---	----	----	---	---	----	----	----

O quadro acima mostra alguma insegurança na resposta sobre o hábito de leitura, pois, os alunos não preenchem o espaço das horas em que a leitura é realizada. Por essa razão, o maior número dos alunos é aquele que recebeu a classificação de Satisfaz Pouco. Para as respostas 2, 3 e 4, porque não passíveis de confirmação da sua veracidade, atribuiu-se a avaliação de S (satisfaz), àqueles que a tiverem simplesmente respondido. Tiveram a avaliação de NS (não satisfaz) aqueles que nada tiverem respondido.

Pelo que se nos dá para ver, pode-se concluir que os alunos responderam afirmativamente que têm o hábito de ler, porém não responderam sobre a hora do dia em que realizam tal leitura, o nos leva a concluir de que o fizeram para, simplesmente, deixar uma boa imagem. Na verdade, eles não têm esse hábito, pelo que fica confirmada a hipótese de falta do hábito de leitura, uma das razões que leva os alunos a não conhecerem as regras de uso do determinante artigo.

1. Informação relativa aos professores da disciplina de português

Respostas:

- a. Em relação à pergunta sobre as dificuldades dos alunos no uso do determinante artigo, todos os professores entrevistados afirmaram verificarem omissão do artigo antes de substantivos;
- b. As causas apresentadas pelos professores foram:
 - i. Falta de ensino da gramática no ensino primário;
 - ii. predomínio de uso contextualizado dum determinante numa frase;
 - iii. Influência das línguas maternas no Português, dado que nestas, não se usa o artigo;

- iv. Fraco desempenho dos alunos na leitura e escrita, pois só lêem e escrevem quando tal tarefa lhes é exigido pelos professores;
 - v. Influência do português brasileiro;
 - vi. Na sala de aula, é apenas o professor de língua que corrige os erros de construção, os restantes professores ignoram-nos.
 - vii. Existência de currículos de ensino que não privilegiam o ensino da gramática.
- c. As propostas de soluções apresentadas pelos professores são as que se seguem:
- i. Estudo de temas como as funções sintáticas dos elementos da frase;
 - ii. Demonstrar a importância do uso do artigo na frase;
 - iii. Realização de diversos exercícios relativos ao uso do artigo;
 - iv. Leitura e análise comparativa de textos de autores portugueses e brasileiros.

A hipótese segundo a qual a omissão do artigo é condicionada pela falta do hábito de leitura pelos alunos foi validada.

Ao relacionarmos os contextos em que se verifica a omissão do determinante artigo, e porque é maior o número de omissões em contextos aceitáveis do que nos que produzem agramaticalidade da frase, acreditamos que a omissão não seja consciente, revelando fraco conhecimento prático da norma de emprego do artigo, o que se sanaria se os alunos tivessem o contacto visual e escrita com construções frásicas gramaticalmente aceites. Esta constatação é fundamentada pelo facto de os alunos somente lerem os próprios apontamentos, muitas vezes mal registados, por que tomados em aulas expositivas dos professores. Para o desenvolvimento de salutar hábitos de leitura e escrita nos alunos, julgamos necessário o professor motivá-los para isso, orientando-os para livros de reconhecida qualidade literária, e estabelecendo uma forma de controlo desta atividade. A escola pode conceber um horário para leitura, em aulas de reforço, fora das horas letivas.

Um outro factor de insucesso dos alunos relaciona-se com o facto de os professores de outras áreas disciplinares nada fazerem em relação a aspectos de língua. Realmente, é notório que, na sala de aula, apenas o professor de língua corrige os erros de construção, os restantes professores ignoram-nos. Para um trabalho de interdisciplinaridade, seria aconselhável uma sensibilização a todos os professores, baseada na necessidade da melhoria da qualidade de ensino, o que implicaria que todos ficassem atentos aos desvios linguísticos e, com base nos instrumentos de correção de erros, disponíveis no departamento de línguas, os professores motivassem os alunos para ultrapassarem as suas dificuldades.

2. Informação referente aos gestores do processo

No que toca à pergunta número 1, os entrevistados responderam que as áreas mais apontadas pelos seus professores, como sendo as de maior dificuldade, referem-se à leitura, escrita e expressão oral.

Em relação à pergunta 2, foi reafirmado que os alunos omitem o artigo em frases orais e escritas, em contextos onde se espera sua ocorrência.

Quanto à terceira pergunta, os gestores afirmam que os professores fazem o máximo para resolver o problema da omissão do artigo em frases feitas pelos alunos, embora reconhecendo haver professores que não são tão zelosos no cumprimento das suas obrigações como mediadores do processo ensino-aprendizagem. Sobre as prováveis causas da omissão do determinante artigo definido, pelos alunos, os gestores apontam como tendo origem nas classes iniciais e nas línguas maternas dos alunos e discriminam-se os seguintes factores:

- i. falta de ensino da gramática no nível primário;
- ii. uso das línguas maternas (do grupo bantu);
- iii. insuficiente material didático para o professor;
- iv. desinteresse dos alunos pelos estudos;

Todos os informantes (professores e gestores) afirmam que os professores da disciplina fazem o seu máximo, os alunos são os que não correspondem. A percepção que os professores têm é

que se acha que todos os alunos do nível secundário sabem ler, daí que os professores não se apercebem desta lacuna.

Dentre as soluções apresentadas, muitas apontam para a necessidade de se dar aos alunos muitos exercícios de gramática, em TPCs, e muitas actividades de leitura e de escrita.

Capítulo V. Ausência de artigo no Emakhuwa

Com o fim de se proceder à comparação da estrutura da frase do PE com a do Emakhuwa e explicar os fundamentos dos desvios verificados no capítulo IV deste trabalho, o presente capítulo tem por objetivo identificar a organização da frase nesta última língua e descrever as leis que comandam a forma de falar dos “*amakhuwa*”, destacando os constituintes da mesma e os seus aspectos semânticos, sintáticos e pragmáticos. Para observar a sequência da frase no grupo linguístico macuwa-lomwe, analisaram-se os excertos da entrevista conduzida a falantes deste grupo de línguas e observou-se que a frase pode ser constituída conforme se pode ver nos exemplos retirados da variante Emetto, falada no distrito de Namapa. Nesta parte, inventaria-se e classificam-se os morfemas das classes nominais. Procura-se relacionar a determinação dos nomes nesta língua com a do PE, fazendo uma confrontação da estrutura dos sintagmas nominais nas duas línguas. O capítulo apresenta os fundamentos teóricos das Línguas Bantu e procede à análise dos dados colhidos das pesquisas efetuadas junto de falantes das zonas rurais das províncias do Norte de Moçambique.

5.1. Organização da frase em Emakhuwa

Ngunga (2004) considera a frase como sendo “uma palavra ou conjunto de palavras dispostas numa certa ordem, de acordo com certas regras, para exprimir um determinado sentido, podendo ser verbal ou não verbal, conforme a natureza do núcleo”. Ainda de acordo com este

autor, frase verbal é aquela cujo núcleo é uma forma verbal. A frase verbal, incluindo um verbo na sua estrutura, pode ser representada por aglutinação ou por uma sequência de palavras, como as que se seguem abaixo. Neste capítulo, os exemplos do Emakhuwa, que estiverem em parêntesis retos são da nossa autoria, os restantes são do corpus analisado e podem ser visualizados nos apêndices I.

168. a) [aholumana] _____ ‘morderam-se’
 b) *muthiyana tonakhapelela anamwane* _____ ‘a mulher é que cuida das crianças.’

A maior parte das palavras, em Emakhuwa, é formada por aglutinação de afixos não decomponíveis em morfemas. Um exemplo disso, está a palavra/frase *aholumana* (168. a), da variante Emetto), constituindo uma aglutinação dos seguintes morfemas: *a-* (prefixo da classe 2, marca de sujeito de 3ª pessoa do plural); *-ho-* marca de tempo (passado); *-lum-* radical do verbo *oluma* (=‘morder’); *-a-* vogal temática; *-na-* morfema de extensão indicativo de reciprocidade, o equivalente ao pronome reflexivo recíproco *se*, do português. Esta frase, constituída de uma só palavra que compreende muitos afixos aglutinados a um núcleo (*-lum-*) pode ser expressa, em Português, por mais do que uma palavra (‘eles morderam-se’). Denominam-la, por isso, *palavra-frase*, exprimindo um sentido. Nesta frase 168 a), há um único sintagma cujo núcleo é o verbo *-lum-*, acoplado de morfemas gramaticais (prefixos e sufixos), com funções específicas. Em 168. b), há três sintagmas, com um núcleo em cada um deles. No sintagma nominal sujeito, o núcleo é o nome *muthiana*, constituído pelo radical *-thiana-* e pelo prefixo *mu-*. No sintagma nominal objeto direto (*anamwane*), pode ler-se o radical *-mwan-*, o prefixo *ana-* e o sufixo *-e*. Na forma verbal *tonakhapelela*, encontram-se aglutinados os radicais (*-lum-* e *-khapel-*) com os morfemas exercendo funções semânticas, que caracterizam o grupo de nomes que ostentam o mesmo prefixo, o que será estudado mais adiante. Em a), o sujeito é marcado pelo prefixo inicial *a*, marca do plural de primeira pessoa gramatical (da classe nominal 2). Este prefixo não deve ser entendido como determinante artigo, mas como uma marca com uma função semântica que caracteriza o nome como pertencente à classe de seres humanos. Em b), o sujeito está expresso pelo nome comum *muthiyana*, ligado à esquerda a um prefixo, *mu-*, da classe 1, designando seres humanos. A seguir ao nome, ocorre a forma verbal (*tonakhapelela*), que incorpora, na sua constituição,

morfemas gramaticais que serão estudados em outras ocasiões. A seguir ao verbo, ocorre o objeto direto no plural (*anamwane---* classe 2), um nome formado pelo radical *-mwana-* e pelo prefixo *ana-*, marca de plural da classe de seres humanos.

Nestes nomes, não é visível nenhum elemento que se designe artigo. Na sua estrutura, identifica-se um radical e prefixos com funções semânticas, designando a classe de nomes a que pertencem (dos seres animais, humanos, plantas, objetos...) e não necessariamente uma função sintática.

A frase não verbal é aquela que compreende estruturas sintáticas em que o predicado e o predicador são ambos nomes, como se pode ver a seguir:

- | | | |
|------|-------------------------|-------------------------|
| 169. | a) “muthiyana thiyana” | ‘mulher que é mulher’ |
| | b) “mulopwana lopwana” | ‘o homem de verdade’ |
| | c) “mulopwana n’rattha” | ‘o homem é como o pato’ |
| | d) “muthupi kokorikhó” | ‘o galo faz cocorico’ |

Os exemplos (169 a), b) e c) apresentam frases que, no lugar de formas verbais, exibem nomes nas posições onde se poderiam encontrar verbos. Este tipo de frases é considerado não verbal nominal. Na (169 d), no lugar do nome ou do verbo, ocorre um núcleo ideofónico (um som onomatopaico). A este tipo chama-se frase não verbal ideofónica. Na estrutura de frases não verbais/ nominais, identificam-se nomes e modificadores. Os nomes são constituídos por radical e por prefixos, com funções semânticas, designando a classe de nomes a que pertencem (dos seres animais, humanos, plantas, objetos...) e não exercendo necessariamente uma função sintática. O sujeito constituído por grupo nominal, tem as mesmas funções do sujeito em Português. Ele é expresso por nome nos exemplos 169. a) muthiyana; b) e c) mulopwana e d) muthupi.

5.2. Sintagma nominal em Emakhuwa

O Sintagma nominal, designado grupo nominal para o estudo das línguas bantu, pode ser representado por nomes, por expressões nominais, por pronomes de 1ª, 2ª e de 3ª pessoas gramaticais, que podem exercer funções de sujeito e de objeto direto, ou ainda, podem ocorrer, na frase, morfemas aglutinados ao núcleo verbal, com marcas de sujeito. A seguir, apresentam-se grupos nominais, com diferentes formas de sujeitos no Emakhuwa, registados da amostra em estudo:

- | | | |
|------|--------------------------------------|-------------------------------------|
| 170. | a) “muthiyana thon´reriha” | ‘A mulher é que cuida do lar’ |
| | b) “mulopwana khan´reriha” | ‘o homem não cuida do lar’ |
| | c) khan´reriha etthoko | (eles?) Não cuidam do lar |
| | d) <i>miyo</i> kinnireriha ethoko | ‘eu cuido da casa’; |
| | e) <i>hiyo</i> ninkhapelela ethoko | ‘nós é que cuidamos do lar’; |
| | f) <i>nyuwo</i> mwinkhapelela ethoko | ‘você / vocês é que cuidam do lar’; |
| | g) <i>aleé</i> annikhapelela ethoko | ‘ele /eles cuida /m da casa’ |

O grupo nominal é representado por nomes nos exemplos: 171 a) e b). Em c), ocorre anexado ao radical do verbo, o morfema *ni-*, onde ocorreu a elisão da vogal *i*, resultando em (n´), com marca de sujeito, enquanto de d) a g), são pronomes pessoais que representam o grupo nominal sujeito (*miyo*, *hiyo*, *nyuwo*, *aleé*).

5.3. Morfologia Nominal do Emakhuwa

A presente secção que tem como objectivo descrever a estrutura e o funcionamento do nome em Emakhuwa, está dividida em duas partes, a saber: a primeira apresenta a organização dos nomes em classes e por prefixos; a segunda parte descreve os prefixos de concordância com o sujeito, com os possessivos, bem como as marcas de sujeito, objecto, de negação e os pronomes de cada uma das classes nominais na língua em estudo. As frases que se seguem, extraídas do “corpus” em análise, testemunham a estrutura do nome em Emakhuwa:

171. a) muthiyana t'onreriha vathokoni 'a mulher é que cuida do lar'
- b) athiyana ari owani 'as mulheres estão em casa'
- c) miri siri m'mwapuni si ohuuma 'as plantas do vaso secaram'

Do nome *muthiyana*, da frase 171. a), distinguem-se duas partes: o prefixo *mu-*, da classe (1) e um radical (*-thiyana*). O morfema *mu-* indicativo da classe nominal a que a palavra pertence (fundamentalmente a dos seres humanos), marca o número singular e o género neutro, isto é, não pretende distinguir o sexo (nem masculino, nem feminino). O segundo nome desta frase é *vathokoni* (lar). O radical da palavra é *-thoko-*, que significa 'lar', e nele encontra-se afixado o prefixo *va-* da classe 16, locativo situacional, e o sufixo *-ni*, que também exprime uma locativização situacional. Está-se, por isso, diante de um processo de locativização por prefixação e sufixação, simultaneamente. Pelo facto de os prefixos locativos *va-* e *o-* indicarem lugar, mostram que alteram a semântica dos nomes que antecedem e consideram-se prefixos secundários. A alínea b) apresenta como nome *athiyana*, prefixado pelo morfema da classe 2 (*a-*), plural da classe 1. O seu radical é o mesmo da alínea a). O segundo nome desta frase é *owani*, constituído do prefixo *o-* locativo situacional e pelo radical *-wa-*, ligado ao sufixo *-ni*, com valor locativo situacional. Como se vê, a locativização situacional pode ser marcada pelos morfemas- prefixos *va-* e *o-* e pelo morfema *-ni*, que se sufixa ao nome locativo. Por seu turno, a alínea c) tem como nome *miri* ('plantas'), cujo prefixo é o morfema *mi-* (plural de *mu-*), classes 3 e 4 e o radical é *-ri*. O segundo nome desta expressão é *mwapu*, com o prefixo *mu-*, onde a vogal *u* dá lugar à semivogal *w*, pela assimilação dos traços do *a* ali presente. Nota-se que o nome apresenta o sufixo *-ni*, que exprime uma locativização situacional. O plural deste nome é *mi-apu*, que, pela mesma regra de semivocliação, passa a *myapu*, cujo radical é *-apu*.

5.3.1. Classes e Prefixos nominais do Emakhuwa

Como acontece noutras línguas bantu, os nomes da língua Emakhuwa encontram-se organizados em classes e prefixos nominais, como principais características das línguas bantu (c.f. Ngunga 2004, Maho 1999). Ngunga (2004), considerando classe nominal o conjunto de

nomes com o mesmo prefixo e/ou padrão de concordância (Guthrie 1967), admite a ocorrência de 13 classes nominais. Ainda segundo este estudioso, um prefixo de concordância é qualquer elemento que serve para desencadear o sistema de concordância gramatical entre o nome, o verbo e o objeto direto. Não obstante algumas divergências no número de classes nestas línguas, apresenta-se, abaixo, a lista que representa as classes nominais que ocorrem na língua Emakhuwa. Os prefixos são os mesmos nas diferentes variantes do Emakhuwa, onde as diferenças substanciais se localizam ao nível fonético em alguns fonemas. O quadro abaixo sintetiza os 13 prefixos de classes nominais, reconstituídos por Ngunga (2004).

Tabela 4. Quadro dos prefixos nominais em Emakhuwa

Classe	prefixo	classe	prefixo	classe	prefixo
1	mu-	7	e-	13	-
2	a-	8	i-	14	ma-
3	mu-	9	-	15	o-
4	mi-	10	-	16	va-
5	ni-	11	-	17	o-
6	ma-	12	-	18	mu- / m´

Ngunga (2004) in: Introdução à linguística Bantu

Da lista em apêndice, apresentada aos inquiridos, foram identificadas palavras de todas as possíveis classes nominais existentes no Emakhuwa, extraídas das diferentes variantes do Emakhuwa, língua falada no norte de Moçambique, conforme se pode verificar adiante. As frases que se seguem constam da lista (amostra) submetida aos inquiridos. Os nomes do primeiro grupo da lista pertencem à classe 1 e são eles:

172. a) *mu / n'thiyana tonshuka citthu cavathokoni* _____ 'A mulher é que se dedica à família e à casa'
- b) *n'lopwana wom'mara nteko uwoo* _____ 'O homem trabalha mais fora da casa'
- c) *n'tthu wohana onphentaka n'thu n'kwawe* _____ 'A pessoa deve amar ao próximo';
- d) *n'wanola nthiyana* _____ 'esta criança é do sexo feminino'.

Os nomes acima apresentados mostram alguma diferença no morfema da classe 1, que, em lugar do prefixo *mu-*, ocorre *n'*. A razão assenta-se no facto de, na variante Emetto, se registarem diferenças fonológicas na realização de fonemas de algumas palavras, devido ao contexto. Com efeito, a classe 1 /'mu-'/ por vezes toma a forma fonética de [*n'*], que é seu alomorfe.

As frases deste grupo têm como substantivos aqueles que se enquadram semanticamente na mesma classe nominal, onde o singular toma o prefixo *mu-* e o plural ostenta o prefixo *a-*, pertencentes às classes 1/2 (indicando fundamentalmente classe de seres mais humanos ou personificados).

Nota-se que, em todas as palavras deste grupo, o morfema *mu-* é substituído pela consoante nasal *n-*, com apóstrofo, em virtude da elisão da vogal *u* na sílaba *mu-*, prefixo da classe nominal 1 a que pertencem os nomes deste grupo. Por regra, a nasal silábica *mu-*, antes de consoantes, escreve-se *m'* que depois passa a escrever-se *n*, por assimilação do traço da consoante seguinte (alveolar). É esta a estratégia fonética, inerente às construções orais dos informantes da variante Emetto. Nas outras variantes analisadas, tal realização não foi evidente, sendo geral o recurso ao morfema *mu-*, para se pronunciarem todas as palavras deste grupo. Contudo, numa fala corrente, foi possível perceber-se este comportamento da consoante nasal *m'*, que, no início da palavra, passa para *n'*.

O plural de todas as palavras acima é constituído, em todas as línguas descritas, com recurso ao prefixo *a-*, da classe nominal 2, independentemente da variante em estudo. Os plurais das frases abaixo foram extraídos do Emetto. As diferenças com as das outras variantes consistem na realização fonológica dos morfemas prefixos locativos e no uso de termos diferentes nos mesmos contextos (*vathokoni*, *vate*, *vapuwani* = 'lar'), que são sinónimos nestas línguas.

a) athiyana tanshuka cithhu ca vatthokoni _____ ´ as mulheres cuidam dos bens do lar´;

b) alopwana tam´mara ntekowoo _____ ´ os homens é que trabalham fora de casa´;

c) atthu anawaphenta athu akwaya _____ ´ as pessoas amam o próximo´;

d) anamwane ala athiana _____ ´ estas crianças são do sexo feminino´.

As vogais altas semivocalizam-se antes de outras vogais como estratégia de resolução de hiatos. É o que se verifica em todos os contextos onde ocorre o *w* e o *y*, pois as palavras iniciais mostravam presença de duas vogais seguidas. São alguns exemplos, onde ocorrem duas ou mais vogais seguidas, sendo que a vogal alta transforma-se em semivogal *w* ou *y*:

174.

a) alopuana (= ´ homens ´), que passou para: alopwana;

b) atthu *anamuaphenta atthu a kuaia*, que resultou na frase: atthw *anamwaphenta atthwakwaya* (= ´ as pessoas amam outras pessoas / o próximo ´).

Na frase b), para além da regra de semivocalização, ainda nestes exemplos, processa-se o fenómeno de elisão nos contextos em que o asterisco indica ausência de vogal. É o que se verifica na expressão: * atthw () anamwaphenta atthw () akwaya.

Como exemplos das classes 3/4 (*mu-/mi*), (indicando predominantemente plantas), foram consideradas as frases abaixo, do texto em análise:

175. a) mwiri ori ´mwapuni ohuma _____ ´ a planta do vaso secou´ ;

b) monoaka onokiwereya _____ ´ o meu braço doi-me´ ;

e) muru wamwam´miravo mulupale _____ ´ a cabeça do miúdo é grande´;

- f) mukhasu/cu Khorere wiima _____ ‘o cajueiro está muito carregado’.
- g) ntthili _____ ‘árvore de chanfuta’
- h) ndjelele _____ ‘tronco de sisal’

As que se seguem correspondem ao seu plural:

176. a. Miri *si/ ciiri* m’mwapuni si ohuma _____ ‘as plantas do vaso secaram’;
- b. Miyono *sa/ caka si/ cinokiwereya/*; _____ ‘os meus braços doem-me’;
- c. Miru *sa/ ca* anamiravo *su/ culupale*; _____ ‘as cabeças dos miúdos são grandes’;
- a. mikhaso/cu khairere wiima. _____ ‘os cajueiros estão muito carregados’.
- b. mitthili _____ ‘árvores de chanfuta’
- c. midjelele _____ ‘troncos de sisal’

Já antes foi dito que entre o Emetto e as outras línguas aparentadas, a grande diferença encontra-se na realização fonológica dos fonemas (pronúncia dos sons). É o que se nota nas sílabas em itálico (*si=ci*; *sa = ca*; *so= cu*), que têm a mesma função e mesmo valor sintático, mas com diferenças fonéticas, pois se trata de *fonas*, como variantes contextuais produzidos num certo contexto fonológico.

Recorrendo ao que se diz em Ngunga (2004), que as classes 5 e 6 indicam sobretudo animais e frutas, verifica-se que, na língua Emakhuwa, estas classes agrupam coisas de diferentes áreas semânticas, assumindo os morfemas *ni-/ma-*, para prefixos de classe, enquanto as classes 7/8 integram, predominantemente, nomes de animais e frutas.

Os nomes que se seguem referem-se a coisas de diferentes áreas semânticas, enquadráveis nas classes 5 / 6 e representadas pelos prefixos *ni-* e *ma-*.

177. a) nipuro (´ lugar´) / mapuro (´ lugares´);
- b) nikuwa (´ riacho´) / makuwa (´ riachos´)
- c) nihiku (´ dia´) / mahiku (´ dias´);
- d) n´cipo (´ canção´) / madjipo (´ canções´);
- e) n´thukumano (´ reunião´) / mathukumano (´ encontros, reuniões´)

Para verificar as classes 7/8, reportando basicamente nomes de coisas, animais e frutas, introduzidos pelos prefixos *e-/i-*, indicaram-se os substantivos abaixo, referindo:

Coisas:

178. a) ethuto / ithuto _____ (´ flor / flores´);
- b) ettheneri / ittheneri _____ (´ estrela / estrelas´);
- c) ewarakha / iwarakha _____ (´ papel / papéis´);
- d) ekakhana / ikakhana _____ (´ pulseira / pulseiras´);

Animais:

179. a) ehopa / ihopa _____ (´ peixe / peixes´);
- b) ekhala / ikhala _____ (´ caranguejo / cajueros´)
- c) enowa / inowa _____ (´ cobra / cobras´);
- d) emompe / imompe _____ (´ boi / bois´);
- e) elakhu/iyhakhu _____ (´ galinha / galinhas´);
- f) epuri / ipuri _____ (´ cabrito / cabritos´);

Frutas:

180. a) erarandje / irarandje _____ (´laranja / laranjas´);

b) epaphayi / ipaphayi _____ (´papaia / papaias´);

c) enika /inika _____ (´banana / bananas´);

d) ekolé/ikolé _____ (´coco / cocos´).

Os nomes acima mostram que as classes 7 e 8 são essencialmente, representadas pelos morfemas *e-*, prefixo do singular da classe 8 e pelo prefixo *i-*, para o plural da classe 7, onde se encontram palavras que designam diversos seres e entidades. De facto, os nomes como: mwalapwa / alapwa (cão / cães); mwalakhu / alakhu (galinha / galinhas) e mukharamu / akharamu (leão / leões), estes dois, pertencendo à variante do Emakhuwa da cidade de Nampula, morfologicamente parecendo da classe 1/2, resultaram da drenagem da sua original classe (7/8) para a classe 1/2, com a substituição do seu prefixo original, mercê da sua investidura de faculdades humanas, ganhas em contextos de fábulas.

Não foram encontrados, durante o estudo, nomes correspondentes às classes 9 / 10. Com efeito, pela sua morfologia, no Changana, ostentam o prefixo N- e estas classes incluem nomes de seres do reino animal que, no Emakhuwa, se enquadram nas classes 7 e 8. Repare-se em alguns exemplos do Changana e nos seus correspondentes no Emakhuwa:

Tabela 5 As classes nominais

Singular			Plural		
Changana	Emakhuwa	Português	Changana	Emakhuwa	Português
<i>ngùlùvè</i>	<i>ekuluwe</i>	porco	<i>tìngùlùvè</i>	<i>ikuluwè</i>	porcos
<i>mbuti</i>	<i>epuri</i>	cabrito	<i>tìmbuti</i>	<i>ìpuri</i>	cabritos
<i>nguènyà</i>	<i>ekonya</i>	crocodilo	<i>tìnguènyà</i>	<i>ikonya</i>	crocodilos

Pelo que se nos dá para ver, os nomes da classe 9, que no Changana exibem o prefixo N- (*n*), no Emakhuwa, actualizam-se com o prefixo *e-*, da classe 7, enquanto os da classe 10, no Changane (*tin*), têm como correspondente no Emakhuwa, o prefixo *i-* da classe 8.

Posto isto, pode afirmar-se que as classes 9 e 10 não são produtivas na língua Emakhuwa.

A classe 11, noutras línguas é associada semanticamente a coisas longas, a membros do corpo humano e a pares. Em Changana, é representada pelo prefixo *li-* e o seu plural forma-se com o prefixo da classe 10 (*tiN-*). Em Emakhuwa e sob o ponto de vista semântico, este grupo de nomes enquadra-se na classe 5 e 6, expressos pelos prefixos *mu-* / *n'* e *ma-*. Apresentam-se alguns exemplos:

181. a. *n'rupò* ----- 'intestino' ; *'marupò'* ----- 'intestinos' ;
b. *nikuwa* ----- 'riacho' ; *'makuwa'* ----- 'riachos'
c. *n'loko* ----- 'grupo étnico' ; *maloko* ----- 'grupos étnicos'
d. *n'lume* ----- 'língua' (órgão) ; *malumi* ----- 'línguas'.

Indicativo de coisas longas, estão os exemplos 181. a) e d), representando partes do corpo humano, enquanto b) e c), embora indicando também coisas longas, integram-se noutros grupos semânticos. Desta feita, assim como as classes 9 e 10, a classe 11 não é produtiva no Emakhuwa e os nomes desta classe realizam-se com os prefixos da classe 5 e 6.

A classe 14 integra substâncias incontáveis e nomes abstratos, com um único prefixo *ma-*, sem carecer da desagregação em número (singular / plural): *mase* (= 'água'); *makhurwa* (= 'óleo'); *makha* (= 'sal'); *mahele* (= 'mapira'); *mattuvi* (= 'amendoim'), *mawiku* (= 'nuvens'). Talvez se possam inserir, nesta classe, nomes como *mihyava* (= 'areia'); *nakhuwo* (= 'milho'), com os prefixos *mi-* e *na-*, em virtude da não desagregação em plural/singular e do seu carácter não contável.

A classe 15 é representada pelo morfema *O-*, precedendo nomes verbais e o infinitivo verbal, com uma única conjugação (1ª, terminados pela vogal *a*), não obstante corresponderem a verbos portugueses de diferentes conjugações, como se pode apreciar abaixo:

182. a) *Okusha* _____ ‘levar’ (1ª conjugação);

b) *Olya* _____ ‘comer’ (2ª conjugação);

c) *Orowa* _____ ‘ir’ (3ª conjugação).

Em 182, estão patentes formas verbais antecedidas pelo prefixo *O-*, marcando o infinitivo verbal de diferentes conjugações. Através destes exemplos, pode ver-se que no grupo Makhuwa- Lomwe, o prefixo marcador do infinitivo verbal *O-* marca a diferença das línguas deste grupo com outras moçambicanas, onde esta classe apresenta para prefixo verbal o morfema *ku-*, como se sabe do Changana, por exemplo: *Kurila* (‘chorar’); *Kulhuma* (‘conviver’), *Kuhleca* (‘rir).

A classe 16 tem o morfema *va-* para locativo situacional. Este morfema *va* indica a circunstância de lugar. Vejam-se os exemplos seguintes:

183. a) Ori *vate* (=‘está fora’);

184. ori *vatakwhuani* (=‘está no meio do mato’);

185. ori *vasulo va* mwiri (=‘está por cima de árvore’).

Na classe 17, o morfema *O-* indica o locativo direcional e ocorre com um verbo de movimento (ir e vir):

186. a) ale arowa omatta (‘ele/eles foi /foram à machamba’);

b) mi kinrowa owani (‘vou para casa’);

c) apapa ahorwa wo omutekoni (‘o papá já veio / chegou do serviço’).

O morfema da classe 18 é *mu-* e indica o ‘locativo, com sentido de interioridade, como se vê abaixo:

187. mwana ori *mu* ‘mpani / m’pani (= ‘a criança está dentro de casa’).

A palavra *m’pani* é uma aglutinação do morfema *mu-* (locativo de interioridade) e o nome *empa* (‘casa’), sufixado o morfema *ni-*, de interioridade. A palavra resultante seria *muempani* = *dentro de casa*. Sendo a raiz do advérbio *muempani* a palavra *empa* (casa), para chegar à forma *mpani*, passou por vários processos: contracção da vogal *u* do prefixo *mu-* com a vogal inicial *e* da palavra seguinte, originando-se a palavra (*mepani*); houve, ainda, nasalização do *m* (*me’pani*) e, em seguida, a supressão do *e*, o que resultou na palavra *m’pani*.

5.3.2. Prefixos de concordância com o sujeito, objeto e possessivo

O prefixo é, por vezes, parte integrante do nome, como nos exemplos anteriores, e noutras vezes, elemento que estabelece a relação de concordância entre o nome e as palavras chamadas sintaticamente dependentes.

Diferentemente do que acontece no PE, onde o SN pode ocorrer em variados contextos da frase, no Emakhuwa, o grupo nominal ocorre no início da frase, com a função de sujeito e depois do verbo, com a função de OD. Nos outros contextos, ocorrem morfemas gramaticais, que não constituem sintagma, no conceito de grupo de elementos lexicais, mas ligam-se ao radical da palavra (aos morfemas livres), para marcar, entre outras, as mais diversas funções: objeto, tempo, aspeto, negação e a relação que se estabelece entre o nome e os outros elementos.

No grupo nominal, constituído pelo nome (o núcleo) e pelo modificador, este concorda em número com o nome que modifica, pelo prefixo da classe desse nome. Repare-se nas frases:

188. a) *muru* wamwana *mulupale* _____ ‘a cabeça do miúdo é grande’.

b) *miru* sa anamwane *su lupale* _____ ‘as cabeças das crianças são grandes’.

A frase 188. a) exemplifica a concordância entre o sujeito e o adjetivo, em que o prefixo *mu-*, da classe do nome (*muru*), concorda com o do adjetivo (*mu-lupale* = 'grande'). O plural do adjetivo toma o prefixo *su-*.

Cada prefixo de uma classe nominal rege o padrão de concordância das unidades lexicais sob o seu domínio. Com efeito, o prefixo da classe 1 determina que os nomes sob o domínio do núcleo nominal devem obedecer ao padrão de concordância dessa classe. Assim, os prefixos com função secundária podem afixar-se tanto a nomes completos como a temas nominais e alteram a semântica nuclear do tema.

No grupo verbal, a concordância é estabelecida entre o sujeito e as outras palavras sintaticamente dependentes, como: forma verbal, numeral, adjetivo, possessivo, demonstrativo, etc.

A seguir apresentamos alguns exemplos de prefixos de concordância por classe nominal com o verbo e as marcas de sujeito, objeto e possessivos:

(i) Concordância com o sujeito

O prefixo da classe do nome (sujeito) concorda com a marca de sujeito na forma verbal, antes do prefixo do infinitivo (*o-*).

189. a) *muthiyana t'ó* nakhapelela *anamwane*----- 'a mulher é que cuida das crianças'

b) *athiyana ta n'khapelela* vapuwani ----- 'as mulheres é que se dedicam ao lar'

c) *emanka eyomora* ----- 'a manga caiu'

d) *imanka soomora* ----- 'as mangas caíram'

e) *mwiri owan'mwapuni ohuma* ----- 'a planta do vaso secou'

Como se pode observar, o prefixo de classe de cada um dos nomes concorda com o prefixo da forma verbal (em itálico), com a marca de sujeito. Em 189. a), o nome *muthu*, prefixado por (*mu-*), da classe 1, concorda com o morfema *o-*, marca de primeira pessoa do singular do verbo *olya*. Enquanto na frase b), o prefixo do nome *athu* (*a-*), da classe 2, plural da classe nominal 1, concorda com o prefixo da classe 2 (*a-*) da forma verbal *olya*. Assim em c), o prefixo da classe 7 (*e-*), indicativo de coisa ou objetos, é o mesmo da forma verbal. Por outro lado, o exemplo d) representa a classe nominal 8 (*i-*), plural da classe 7, que corresponde, na forma verbal, ao prefixo plural (*so-*) por plural. Em *mwiri*, singular da classe 4, toma-se como correspondente o prefixo do singular (*o-*), que, por regras de semivocalização, passou a (*wo-*). As frases f) e g) apresentam como sujeitos um nome (*muthiyana* e *athiyana*). Entretanto, as formas verbais têm, na sua estrutura, morfemas também com marcas de sujeito. É como se pode ver nas alíneas f) e g), onde as formas verbais *onakhapelela* / *anakhapelela* apresentam os prefixos: (*o-*), morfema de 3ª pessoa gramatical do singular e (*a-*), morfema de 3ª pessoa gramatical, plural, ambos das classes nominais 1 e 2 respectivamente. Estes concordam em número com os nomes *muthiana* (singular) e *athiyana* (plural), com a função de sujeito das frases.

(ii) Concordância com pronomes pessoais sujeito

A pessoa gramatical do pronome (sujeito) concorda com a marca de sujeito na forma verbal (*ni-*), antes do prefixo do infinitivo.

190. a) *hiyo ni* n' *nireriha* ethoko _____ 'nós cuidamos da casa'
- b) *nyuwo mu* n' *niwehaweha* vapuwani _____ 'vocês/vós cuidais do lar'
- c) *miyo ki* n' *khapelela* vapuwani _____ 'eu é que cuido do lar'
- d) *ale t'a* *nriha* vapuwani _____ 'ele é que cuida do lar'

As frases acima apresentam, como sujeitos, pronomes pessoais absolutos (*hiyo*, *nyuwo* e *miyo*), em (a, b, c). Na forma verbal *ni'nireriha* (a), o primeiro morfema *ni-* (1ª pessoa do plural), é coreferente da marca de sujeito plural (*hiyo*= 'nós'). Assim como o morfema *mu-*, de 2ª pessoa do plural da forma *mun'niwehaweha* (b) é coreferente do sujeito (*nyuwo*=

‘você’) e o morfema *ki-* (1ª pessoa do singular) da forma verbal *kinkhapelela* (c) é equivalente ao pronome que antecede e exerce a mesma função de sujeito da frase. Em d), o prefixo *a-* da forma verbal *anreriha* aparece para estabelecer a concordância com o demonstrativo *ale*, referente ao nome da classe, que é sujeito da frase.

Para efeitos de comunicação normal, em que o contexto já se tenha construído previamente, o sujeito é muitas vezes dispensado na frase, sobretudo quando este é um pronome pessoal absoluto, e passa a ser representado por um prefixo da pessoa gramatical, com as características idênticas às do pronome. Vejam-se os exemplos a seguir:

191. “*kiholya*” ‘comi’:

Na forma verbal *Kiholya*, o radical do verbo é *-ly-* e os restantes morfemas são prefixos e, no final, é a vogal temática (*-a*). O prefixo *ki-* é um morfema que representa a função de sujeito que, por regra, ocupa a posição inicial da estrutura verbal. Este morfema apresenta as características de número do que se subentende ser o sujeito, sendo pronome pessoal de 1ª pessoa gramatical (*miyo*).

192. “*aholya*” ‘eles comeram’:

Nesta palavra/frase, o prefixo (*a-*) é morfema da classe nominal 2, plural da classe 1 (*mu-*), ocupando a posição inicial da estrutura verbal e marcando o sujeito da frase.

193. “*nin’nilyaka*” ‘costumamos comer’.

O prefixo *ni-* é de concordância com o pronome de 1ª pessoa do plural (*hiyo= ‘nós’*), que, apesar de não ocorrer na frase, se entende perfeitamente, por apresentar as características deste, e funcionar como marca de sujeito. O segundo morfema (*n’*) é marca do tempo presente, o 3º *ni-* é a marca de objeto e o último morfema *ka* é a marca do aspeto habitual.

(iii) Concordância com o objeto

Tal como acontece no sujeito, o morfema marca do objeto é coreferente do objeto absoluto, na estrutura da forma verbal e vem acoplado na posição adjacente à esquerda do radical verbal. Vejam-se os exemplos:

194. a) *momukusha mwana?* ‘você levou o bebê?’
b) *iina, koomusha mwana / Komusha.* ‘Sim, levei-o!’
c) *n’ nari, n’ kimukunshe mwana / n’ kimukunshe.* ‘Não, não o levei!’

Nas palavras exemplificadas em 194 a), o morfema *o-* é marca do infinitivo do verbo *kush*, enquanto *mu-* é marca do objeto, que estabelece a co-referência com o nome *mwana*, que é objeto direto. O *mu-* nestas palavras é, portanto, o prefixo de concordância da classe nominal 1.

A pergunta tem como objeto o nome *mwana*. Este é repetido na resposta, onde já aparece marcado pelo morfema *-mu-*, pois a mesma resposta podia ter sido dada simplesmente por ‘*iina, komusha*’ e seria percebida a presença do objeto naquela posição. A mesma operação pode ocorrer na resposta negativa, como se pode ver nos exemplos que se seguem:

195. a) *mi n’ kimukunshe muana _____* ‘eu não levei a criança’
b) *khakunshe ikuwo _____* ‘ele não levou a roupa’.
c) *n’ kikunshe ethu _____* ‘não levei nada’.

Reparem-se nas frases declarativas com marcas de objeto direto:

196. a) *amama amukusha mwana -----* ‘a mãe levou a criança’
b) *amama ahakusha anamwane -----* ‘a mãe levou as crianças’
c) *amama akusha ekuwoo -----* ‘a mãe levou uma capulana’

Em 196. a), o objeto direto é um nome da classe 1 (*mwana*), e é retomado na forma verbal pelo morfema da classe 1, no singular (*mu-*), marca de objeto direto, inserido entre o radical do verbo (*-kush-*) e o prefixo da classe 2 (*a-*). Assim também, em b), a marca plural de objeto (*-ha-*), inserido entre o radical verbal e o prefixo da classe (*a-*), concorda com o próprio objeto direto no plural (*anamwane*). Já na frase c), o objeto direto (*ekuwó*), exibindo um prefixo da classe 7 (*e-*), concorda com o verbo pelo prefixo da classe zero (a (*0*) *-kusha*), isto é, a forma verbal não incorpora nenhum morfema com marca de OD.

iii. Concordância com o possessivo

197.

- a) ehopa **aka** _____ ´o meu peixe´
- b) ihopa (**sa**) ka _____ ´os meus peixes´
- c) mwana *aka* _____ ´o meu filho´
- d) wetta *waka* _____ ´o meu andar´
- e) mwiri *yaka* _____ ´a minha árvore´
- f) orupa waka _____ ´a minha forma de dormir´
- g) ikuwo ti(sa) *waka* _____ ´as roupas são minhas´
- h) muthiyana *awe* _____ ´a mulher dele´
- i) Enupa *aya* _____ ´a casa deles´
- j) muthiyana **wanene** _____ ´mulher de dono´.

Os exemplos 197, acima, de a) a g), mostram que todas as classes nominais recorrem, para concordância, o mesmo morfema possessivo (*-aka-*), para a primeira pessoa do singular e plural (meu/s, minha/s). O objeto no singular (*ehopa*) concorda com o prefixo (*a-*), marca do objeto direto junto do possessivo (*aka*). O seu plural toma como correspondente o prefixo do plural (*sa-*) junto do possessivo (*aka*). A posse é marcada pelo processo de genitivização. As expressões de h) a j) apresentam a concordância entre o nome de 3ª pessoa e o objeto possuído por um morfema de 3ª pessoa gramatical (*-wa / -we*).

5.4. Resumo da secção:

Inventariados os nomes desta secção, conclui-se que os nomes em língua Emakhuwa, são precedidos de morfemas de classe nominal e não apresentam nenhum elemento com funções de determinante artigo, da espécie do artigo definido do PE.

- Entre os falantes das línguas do grupo macua- lómuè, da região norte de Moçambique, verifica-se um distanciamento da norma europeia do Português, no que diz respeito ao uso do artigo nas suas produções orais e escritas. Relativamente a estes fenómenos, vários estudos como os de Gonçalves e Stroud (1998), Duarte et al. (1999), admitem a hipótese de interferência das estruturas das línguas bantu sobre o Português, considerando um funcionamento paralelo de duas gramáticas: a gramática das línguas bantu e a do Português Europeu (Oliveira. 2001). Em relação ao assunto, outros teorizadores estudaram a constituição dos sintagmas nominais das línguas bantu, no geral e a do Emakhuwa, em particular.
- Nas línguas bantu, o sintagma nominal encontra-se estruturado em dois elementos: sendo à esquerda, um núcleo (de carácter nominal), antecedido de um morfema de classe; à direita, um modificador, que pode ser um adjetivo, um outro nome, um possessivo, demonstrativo, etc. Esta estrutura difere da do Português, onde, à esquerda, ocorrem os determinantes ou especificadores do núcleo;
- Regra geral, os modificadores ocorrem sempre à direita do nome em Emakhuwa;
- Os nomes organizam-se de acordo com os seus prefixos que indicam tanto a classe a que o nome pertence, como o número (singular/plural), mas não indicando o género (no sentido da oposição feminino vs. masculino);
- À esquerda dos nomes, apenas ocorrem os prefixos nominais de classe, cujo valor semântico é o de marcar o grupo ou a classe a que o nome pertence e estabelecer as relações de concordância com os modificadores e com o verbo que se lhe segue, diferentemente do que acontece na Língua Portuguesa, em que à esquerda do nome, podem ocorrer diversos elementos designados por especificadores (Mateus et. al,

1989), funcionando como determinantes de género, de número e marcando o carácter definido ou indefinido do nome;

- Desta maneira, o lugar do determinante artigo é uma categoria vazia;

5.5. Resumo do capítulo:

Da análise feita neste capítulo, ficou visto que a sequência dos morfemas no grupo verbal não é fixa, podendo alterar a posição dos mesmos, conforme o contexto frásico.

- Em Emakhuwa, os nomes organizam-se de acordo com os seus prefixos que indicam tanto o valor semântico associado ao nome, como o número (singular vs. plural) e nunca o género no sentido da oposição feminino vs. masculino;
- Na posição inicial dos nomes e ou sintagmas nominais ocorre um morfema de classe nominal, designado *prefixo nominal*, marcado por padrões de concordância singular/ plural;
- A característica de *definitude* ou *indefinitude*, própria do Português, não se leva em conta nestas línguas;
- O sintagma nominal encontra-se estruturado em dois elementos, sendo um núcleo (de carácter nominal) e um modificador, que ocorre à direita do nome, com várias funções: possessivo, adjetivos, demonstrativos, etc.;
- Os prefixos nominais comandam ou seleccionam os prefixos de concordância;
- O prefixo de concordância verbal, indicando a marca de sujeito, ocorre sempre na posição inicial da palavra, na primeira posição da estrutura verbal. Por isso, muitas vezes, o sujeito é dispensado na frase, sobretudo, quando este é pronome pessoal absoluto;
- As línguas bantu, não possuindo artigos, têm os nomes devidamente determinados através dos prefixos de classe, associados aos nomes, e pelos modificadores.

Já foi visto que os nomes, em Emakhuwa, são caracterizados por se apresentarem precedidos de morfema de classe, preso ao radical do nome, e variável, que se distingue do determinante

artigo, embora sejam ambos morfemas gramaticais, mas com diferentes funções. Havendo quem coloque a probabilidade de o prefixo nominal das LB corresponder ao morfema designado por artigo no PE, apresenta-se, abaixo, um quadro, resultante das reflexões da autora, que estabelece a distinção entre os morfemas de classe e o determinante artigo do Português e respectivas funções.

Tabela 6. O que distingue o determinante artigo do prefixo de classe nominal

Determinante artigo	Morfema / prefixo de classe
É palavra, um signo, um morfema livre .	Não é palavra, é um morfema preso . Não tem autonomia sintática.
Exige a presença de outro morfema livre, com o qual se associa em sintagma.	Morfema ligado a unidades lexicais ou ao morfema lexical (nome), constituindo um grupo nominal.
Antepõe-se ao nome, numa escrita disjuntiva .	É parte integrante da palavra (nome) à qual se afixa, numa escrita conjuntiva .
Designa um ser conhecido pelos interlocutores ou já antes mencionado.	Indica que um dado nome pertence a um certo agrupamento semântico, de seres do mundo real, concreto ou abstrato (humanos, animais, do reino vegetal, objetos, etc.). Não designa, necessariamente, um ser conhecido ou antes mencionado.
Não modifica o sentido lexical	Modifica o sentido lexical
É uma palavra que introduz o substantivo, indicando-lhe o género , o número , sem alterar o sentido lexical .	Afixa-se ao nome, caracterizando o número e o grupo de nomes, alterando a semântica lexical da palavra .
Tem a propriedade de converter qualquer unidade lexical na categoria de nome (torna verbos em expressões nominalizadas).	Não tem a propriedade de converter qualquer unidade lexical na categoria sintáctica de nome.

Pode estar totalmente ausente, em nomes sem o determinante artigo	A sua ausência não é total, mas resulta de operações morfo – fonológicas.
Qualquer palavra ou expressão antecedida de artigo torna-se sempre substantivo.	Precede todas as classes de palavras (verbos, adverbiais, substantivos, nomes) sem convertê-las noutra categoria gramatical.

O quadro apresentado mostra as diferenças substanciais entre o morfema de classe nas LB (prefixo nominal) e o determinante artigo no Português. O quadro também evidencia a impossibilidade de ocorrência do determinante artigo nas LB.

Posto isto, e retomando a hipótese sobre transferência das estruturas e hábitos da L1 dos falantes para a língua portuguesa, sintetiza-se esta informação nos seguintes termos:

Considera-se confirmada esta hipótese, visto que muitos dos falantes deste grupo linguístico falam e escrevem em Português tal qual falam nas suas línguas. Este problema atinge mesmo os letrados, quando falam ou escrevem sem muita atenção. Não tendo sido encontrado, nas línguas do grupo Makhuwa, qualquer morfema com as funções de artigo (que distinga o género feminino do masculino), pode-se concluir que a omissão deste determinante em construções do PM, pode demonstrar, embora não seja um fator único, uma transferência daquelas estruturas. Sobre esta percepção e para a resolução deste tipo de problema, Denis Girard (1975), no seu ensaio *Linguística Aplicada e Didáctica de Línguas*, considerando uma das maiores dificuldades no ensino de uma língua estrangeira / segunda o facto de o aprendiz ter já desenvolvidas as estruturas da sua língua materna, aconselha os professores a *combater nos alunos hábitos linguísticos já fortemente enraizados que são os da língua materna. (o famoso problema das interferências)*. Esta é, em nosso entender, uma errónea concepção, pois, deste ponto de vista, este autor considera código inferior a língua nativa (materna) e código superior a língua segunda. É nossa opinião que, sendo a língua nativa representativa da cultura do aprendiz e porque, para o aluno compreender um certo conteúdo, precisa de se socorrer de aspectos culturais para a construção do conhecimento científico, o professor, em lugar de aculturar os alunos, procure estratégias de inclusão, que

irão valorizar a língua, a cultura e a comunidade onde a escola se insere. Portanto, não deve combater os hábitos linguísticos da L1, mas confrontá-los no código em aprendizagem, de forma que o aluno possa melhor e facilmente assimilar esta segunda língua.

Capítulo VI: Conclusões e Recomendações

Com base em dados de entrevistas orais, dirigidas a falantes do Emakhuwa, em alguns distritos das províncias de Nampula, Cabo Delgado e Zambézia, bem como a partir de produções escritas por estudantes do ensino secundário da Escola 12 de Outubro, na cidade de Nampula, analisou-se a omissão de artigo em sintagmas nominais tanto do português do norte de Moçambique, como das línguas do grupo Macua-Lómuè, faladas nesta região do país. O presente estudo surgiu da observação que atesta uma frequente ocorrência de ‘desvios’ relacionados com a omissão do artigo no PM, sustentando a hipótese de uma provável interferência da estrutura da língua Emakhuwa no português falado nesta zona de Moçambique. A base desta hipótese reside numa outra que nos remete para uma categoria vazia do artigo no sintagma nominal na língua Emakhuwa, sabendo que, no Português Europeu, os substantivos se caracterizam por serem determináveis e atualizáveis pelo artigo e por outros tipos de determinantes. Para explicar algumas das causas do não uso do artigo e admitindo a provável inexistência de artigo na língua Emakhuwa, comparou-se a sequência dos constituintes do sintagma nominal no Português Europeu com a do Emakhuwa, falado nas províncias do norte de Moçambique, fazendo-se a análise das estruturas frásicas, para verificar a presença ou não de artigo. Para isso, descreveu-se a estrutura da frase e os constituintes dos sintagmas nominais nas duas línguas. Para a efetivação do trabalho, foram recolhidos materiais orais e escritos de estudantes e de outros falantes da língua Emakhuwa, trazendo amostras das províncias de Cabo Delgado, Nampula e da Zambézia, do grupo Macua-Lómuè, zona P.30, (Guthrie. 1967-71), onde a língua vernacular é o Emakhuwa e variantes desta língua. A partir da análise estrutural do grupo nominal na língua Emakhuwa e das suas variantes, os dados mostram uma categoria vazia no lugar que deveria ser ocupado pelo

elemento com a função de artigo. Desta feita, confirmou-se que o lugar que, na estrutura do português, é reservado para o artigo, na língua Emakhuwa, é ocupado por morfemas de classe, os chamados prefixos nominais, indicativos de uma certa realidade que permite afirmar que tal palavra pertence a uma determinada área semântica, e não necessariamente, por designar o género masculino ou feminino, como no Português. Com o presente estudo, demonstrou-se a constituição da frase no Emakhuwa e explicaram-se algumas das causas da omissão de artigo e da indecisão no seu uso no PM, falado na zona norte de Moçambique, concretamente nas províncias de Nampula, Zambézia e Cabo Delgado. A pesquisa concluiu, ainda, que a ausência de artigo em construções do Emakhuwa é uma variação paramétrica do princípio geral da Gramática Universal (GU) e tal não impede que os sintagmas nominais/ grupos nominais tenham várias interpretações: de descrição definida, de descrição indefinida, específica ou não específica, de descrição genérica, etc. Para essas diferentes interpretações, contribuem os fatores contextuais, como as informações temporais e aspetuais, os morfemas possessivos; a presença ou não da marca de negação; ou de um pronome pessoal; os tipos de predicados verbais, entre outros. Na verdade, o estudo confirmou a não ocorrência do determinante artigo definido nas línguas locais do grupo Macua-Lómuè. Daí que, no Português falado nesta região do país, haja uma tendência para que os artigos não estejam presentes nos seguintes casos: para especificar o género dos nomes; para acompanhar os possessivos e alguns quantificadores indefinidos; para serem seleccionados pelos quantificadores totais e duais. Com efeito, admite-se que a interferência da língua Emakhuwa no Português seja muito forte.

Recomendações

Cientes desta característica do Emakhuwa, sugere-se que a actividade pedagógica seja bastante criteriosa, de modo a permitir uma separação dos códigos (o da L1 e o da L2 (língua em aprendizagem)). Assim, propõem-se as estratégias que se seguem, distribuídas para diferentes áreas de abrangência.

- i. Ao nível de planificação

O professor deve ter em vista actividades adequadas para os diferentes momentos da aula: Não há nenhum professor que já tenha dominado todas as lições, para já não precisar de planificá-las (como se os planos de todas as lições já estivessem automatizados no seu ‘computador psíquico’ e como se todos os alunos em todos os anos e nas diferentes realidades fossem homogéneos). Todo o professor deve planificar em cada aula que vai leccionar, evitando improvisos, para que ele possa prever cuidadosamente actividades interessantes e conducentes à superação das insuficiências já identificadas nos alunos. Um bom professor, que aspira ter uma boa didáctica, necessita aprender a cada dia como lidar com a subjectividade dos alunos, com a sua linguagem, com as suas percepções, com a sua prática de vida. Sem esta disposição, será incapaz de colocar problemas, desafios, perguntas relacionadas com o conteúdo, condição para se conseguir uma aprendizagem significativa. Pretende-se afirmar com isso que a aprendizagem deve ser planificada e o professor deve prever as actividades de aprendizagem tendo como elemento central do processo de ensino e aprendizagem o aluno concreto e o seu mundo envolvente, pois são as condições de vida do aluno que ou facilitam, ou dificultam o processo de aprendizagem. Aulas não planificadas são aulas improvisadas que não garantem a sequencialização da aprendizagem. Algumas das estratégias de planificação consistem em:

- i. Elaborar um diagnóstico das necessidades e expectativas dos estudantes. Esta avaliação diagnóstica prévia visa adequar toda a planificação de ensino aos anseios da sociedade, contemplados no Projeto Educativo da escola, considerando-se que os desejos e experiências dos alunos são decisivos para o desencadeamento do processo cognitivo da aprendizagem;
- ii. Reflectir com os alunos sobre os objectivos e a planificação das actividades, para que a aprendizagem seja orientada para tarefas concretas ou para resolução de problemas reais;
- iii. Selecionar conteúdos significativos para os estudantes. A avaliação diagnóstica poderá fornecer-nos valiosas pistas sobre as áreas críticas e interesses dos alunos, assim podemos utilizar tais *feedbacks* na busca de conteúdos adicionais que tenham relação direta ou indireta com as discussões dos conteúdos programados que sejam de relevante interesse para o grupo;

ii. Ao nível da execução de aulas

➤ Sobre o uso de meios didáticos:

Um dos fatores considerado relevante nas dificuldades dos alunos relaciona-se com *insuficiente material didático* para o professor realizar as aulas. É realmente preocupante a questão instrumental, caracterizada pela insuficiência de materiais de ensino na sala de aula, denotando uma ignorância dos professores sobre o poder do *manuseamento* para a aprendizagem. Na verdade, a área de metodologia de ensino de língua é uma das mais deficientes neste processo. No entanto, os professores, durante a sua formação, adquirem estratégias apropriadas e adequadas para o ensino. É nossa opinião que a dificuldade resida na aplicação destes instrumentos e no hábito de seguir os métodos tradicionais de ensino, baseados em exposições, onde o aluno se torna um mero ouvinte. Face a isso, sugerimos que haja um controle mais eficiente pelos gestores do processo de ensino e aprendizagem e que seja revitalizada a prática de produção de material didático ao nível dos Departamentos Disciplinares de cada escola. Com efeito, deve dar-se uma grande importância a este assunto e o professor deve sempre levar, para as aulas, materiais para o manuseamento do aluno durante o processo de Ensino/Aprendizagem: objectos reais, representações destes, como sejam mapas, quadros comparativos, esquemas, diagramas, slides, entre outros.

➤ Sobre a metodologia a adotar numa aula:

Estratégia 1 ____ Separar os códigos:

O professor, na pedagogia moderna, não é mais aquele que ensina, mas quem instiga o interesse dos alunos para produzir a aprendizagem. Assim, o professor deve valorizar a discussão e solução dos problemas em grupo.

Para a aula de oralidade, por exemplo: o professor pode admitir comparação de expressões / estruturas da L1 e da L2, com o fim de estabelecer diferenças e semelhanças e distinguí-las,

para que os alunos não as misturem. Tome-se, para ilustração, os exercícios abaixo, com base na tabela 9:

Comparação de estruturas do Português e do Emakhuwa

NO	Frases da L2			Frases da L1		
	artigo	expressão	género	artigo	expressão	género
1	a	A mulher dá banho á criança	fem.		muthiana on´murapiha mwana	
2	O	O homem conduz um carro	masc.		mulopwana onettiha ekaro	
3		As mulheres dão banho às crianças			athiyana anarapiha anamwane	
4		Os homens conduzem carros			alopwana anetthiha ikarro	
5		A planta secou			mwiri ohuma	
6		A galinha está a chocar			mwalakhu onoorela	
7		A manga caú			emanka yoomora	
8		A Maria deu uma laranja ao Pedro			aMaria ahavaha erarandja aPeturo	
9		O lugar está limpo			nipuro tinoveliwa	
10		A água ferveu			mase aviluwa	
11		O óleo entornou-se			makhura ahittheya	

12		Ele vive no lar do Idoso			...vatthokoni vaatokwene	
13		O menino foi à escola			...oorowa oshikola	
14		A flor está dentro do vaso			...eri m´mwapuni	

Exercício1:

1. Coloque dentro do quadrado o determinante artigo do nome (à esquerda) e o género (à direita) de cada expressão;
2. Sublinhe o morfema que indica a área semântica dos nomes em Emakhuwa;
3. Distinga se há uma distinção de género, marcada por tal morfema (sublinhado).
4. Apresente uma conclusão sobre uma provável ocorrência do determinante artigo nas expressões em Emakhuwa.

Tabela 10.

Sintagmas nominais do Português sem o determinante artigo e seus correspondentes em Emakhuwa

NO	Frases da L2			Frases da L1		
	artigo	expressão	género	artigo	expressão	género
1	—	crianças gostam de brincar com água	fem.		anamwane wasivela orukuneya ni mase	
2	—	crocodilos atacam mais no calor	masc.		ikonya simpharasha elimwé	

3		casa de madeira e caniço é fresca			empa ya miri ne malashe oryiriyela	
4		menores de idade estão vedados ao consumo d. álcool			anamwane akhotthiherywa owurya sowawa	
5		água morna não mata a sede			mase oviha khaniva ntthona	
6		chuva miúda é boa para a sementeira			epula ehinadjerya tinreriya sowaliwa	

Exercício2: Tendo verificado ausência do determinante artigo nos nomes em Português,

1. Explique porquê os SNs (sujeitos), no português, não são determinados por artigo;
2. Sublinhe o morfema ligado aos nomes em Emakhuwa;
3. Indique uma relação entre tais morfemas e a falta de determinação dos nomes em português.

Estratégia 2___ Valorização do código 1:

Uma vez já conhecidas as características da língua Emakhuwa, que mostra uma categoria vazia na posição do DET, e já que uma qualquer língua não pode ser vista como estática, sugere-se a aceitação de expressões dos falantes da língua Emakhuwa como formas típicas desta língua, sem considerá-las erros. De acordo com BERNSTEIN (1971), na sua teoria sobre os códigos linguísticos, a escola não deve usar apenas o código mais elaborado, em detrimento do código usado pelos alunos e pelas suas famílias. A razão disso reside em que nenhum destes dois códigos deve ser visto como superior nem inferior, mas como diferentes e que se podem complementar. Daí que a escola não possa usar apenas um deles. Assim, numa sala de aulas, o professor pode recorrer ao uso das línguas locais e permitir que os alunos se apoiem nas suas línguas maternas para explorar um certo texto, socorrendo-se de aspectos culturais

constantes no mesmo. E para uma melhor compreensão de uma expressão/texto, o professor pode permitir sua tradução para a língua do aluno e encontrar as diferenças.

Para o desenvolvimento do hábito de leitura, devem ser dinamizadas aulas específicas para leitura de diferentes textos: livros recomendados; artigos de revistas e jornais devidamente seleccionados, depois da qual os alunos devem proceder ao resumo das partes lidas, identificando possíveis desvios relacionados ao uso do determinante artigo.

iii. Ao nível do controlo e avaliação

O professor deve ter previstas actividades para consolidação, fornecendo exercícios em sala de aula e como TPC, com estruturas do código em aprendizagem, comparadas às estruturas da L1 (como os exemplos da tabela 9). Os TPC devem ser corrigidos diariamente, de modo a que os alunos possam identificar os problemas prevaletentes e possam corrigí-los.

Com a incompleta assimilação das regras do PE pelos falantes, que têm fossilizados os hábitos linguísticos das L1 (maternas) e com a falta da cultura de leitura, abre-se um campo onde a interferência da língua materna local para o Português é inevitável. O hábito de leitura permitiria anexação e assimilação das estruturas do PE, assim como a sua consolidação. Com efeito, olhando para aquilo que foi apresentado pelos docentes nas entrevistas, sobre aquelas que se consideram as principais causas do desconhecimento da norma do PE, diríamos o seguinte:

a) Em relação à aludida falta de ensino de gramática no nível primário, considera-se uma justificação não sólida e, portanto, invalidada, visto que isso é da responsabilidade do professor. É, pois, o professor quem tem o papel determinante na preparação de exercícios, envolvendo todos os contextos de ocorrência de artigos e outros casos previstos para a sua omissão, conforme a norma do PE. O que se pode dizer é que certos professores limitam o ensino da gramática à prática de memorização mecânica de normas / preceitos, isolando do contexto as categorias gramaticais. Esses professores não aplicam o ensino consciente de uma

gramática de texto, que contextualize as categorias numa frase, que reflita uma realidade concreta do ambiente social do aluno.

b) O modelo de funcionamento cognitivo, sustentado pela abordagem construtivista de Jean Piaget (1896-1980) prevê que, quando não ocorre adequação entre a realidade e os conhecimentos actuais do aprendente, por insuficiência destes, torna-se necessário alterá-los, a fim de adaptá-los às características da situação (que geralmente é desfavorável). É assim que surgem mudanças. Os mecanismos para que isso aconteça são identificados pelo professor e consistem na selecção de actividades que problematizem a situação (desfavorável) do real, de modo que os aprendentes procurem soluções. Quando o professor prevê actividades que desenvolvem no aluno o pensamento crítico, quando abre espaço para o raciocínio à procura de respostas do real intrigante, deixando de lado o hábito de reprodução dos conhecimentos, está a promover a mente do aluno, ou seja, o desenvolvimento de competências no aluno. Este é que é o caminho para uma aprendizagem consciente.

c) Desta feita, é nossa sugestão que sejam replicados programas de capacitação aos professores para esta forma de tratamento de gramática, que não tem sido valorizada pelos principais actores do processo Ensino/Aprendizagem. Acerca desta realidade, achamos que acções relevantes devem ser desenvolvidas como sejam: formação profissional permanente dos professores, como chama atenção MAGALHÃES (1998), alertando para a necessidade de capacitação necessária dos profissionais para o trabalho com a diversidade dos educandos. O professor deve ser capacitado para tratar da gramática contextualizada, que permite ao aluno identificar os elementos linguísticos num contexto frásico, que espelhe a sua realidade cultural. Quer dizer, os textos a serem selecionados para o estudo, devem representar um contexto familiar pelos alunos. O professor deve organizar exercícios para os alunos treinarem as estruturas da L2, em aprendizagem, possibilitando estabelecer uma comparação das estruturas das duas línguas. Por exemplo, preencher fichas de exercícios com frases em que os sintagmas nominais exigem artigo e outras que não o exigem.

Seguindo-se estes procedimentos, conseguir-se-á que o aluno possa separar o seu código ___ L1 da L2, aprendendo conscientemente esta segunda língua, sem confundi-la com a sua

materna (L1). Por sua vez, o professor, seguro dos seus conhecimentos sobre esta segunda língua, poderá melhor conduzir a aprendizagem da língua segunda, numa forma clara e objectiva, visto que, também o professor não tem consciência sobre estas características, apesar de também falante da língua. Neste sentido, sugere-se que os resultados deste estudo sejam divulgados para as escolas, em seminários, de modo a que os professores tomem conhecimento do estudo e passem a considerá-lo durante as suas planificações.

Bibliografia:

1. Atanásio, Nicolau (2002), Ausência do Artigo no Português de Moçambique, Faculdade de Letras, Porto. Trabalho não publicado.
2. Bresnan, Joan (Ed). (1982), “ The Mental Representation of Grammatical Relations” . Cambridge. The Mit Press.
3. Brito, A. M. (1999), “ Estudos de Sintaxe Generativa em Portugal nos Últimos Trinta Anos”, Braga, Associação Portuguesa de Linguística, Coleção Para a História da Língua em Portugal.
4. Câmara Jr. M. (1970), Estrutura da Língua Portuguesa. Vozes. Petrópolis, Rio de Janeiro.
5. Campos, Maria Helena Costa e Maria Francisca Xavier (1991), *Sintaxe e Semântica do Português*, Universidade Aberta.
6. Cartens, V. (1993), “On Nominal Morphology and DP Structure” in Mchomo, S. A. (org) (1993) *Theoretical Aspects of Bantu Grammar*, California.
7. Casteleiro, M. (1977), *A sintaxe na Didática do Português como Língua Estrangeira*, in Actas do 1º Encontro Nacional para a Investigação e Ensino do Português, CLUL, CLUP.
8. Chomsky, Noam (1957), *Syntactic Structures*, in “ Logical Structure of Linguistic Theory”, (1955).
9. Chomsky, Noam (1965), *Aspect of the Syntax*, MIT Press, Cambridge.
10. Chomsky, N. (1994), *A Minimalist Program for Linguistic Theory*, Cambridge.

Mit Press.

11. Chomsky, N. (2000), *A Minimalist Program for Linguistic Theory*, Cambridge.
12. Cunha, Celso e Lindley Cintra (1984,), *Nova Gramática Do Português Contemporâneo*. Edições João Sá da Costa, 18ª edição, Lisboa.
13. Duarte, et al. (1999), “ Áreas de variação tendênciaMudança no Português de Moçambique” , in Actas do XIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de ica, Vol. I, Braga.
14. Girard, Denis (1975), *Linguística Aplicada e Didáctica das Línguas*, Editorial Estampa, Colecção Técnicas de Educação, 2ª edição, Lisboa.
15. Gonçalves, Perpétua (1986), 2 “ Tipologia de Erros do Português Oral de Maputo”.
16. Gonçalves, Perpétua et.al. (1998), “ Estruturas Gramaticais do Português: Problemas e Exercícios”, in Gonçalves, P e Stroud, C. Panorama do Português Oral de Maputo, V. III, INDE, Maputo;
17. Guthrie, Malcolm. 1967/71. “ Comparative Bantu: an introduction to the comparative linguistics and prehistory of the Bantu languages” , 4 vols. Letchworth UK & Brookfield VT: Gregg International.
18. Hernanz, M. e Brucart, (1987), " El Sintagma Nominal", in La Sintaxis, Editorial Crítica, S. A., Barcelona.
19. Kaplan, Ronald M (1994), “ Questões formais em Gramática Lexical-Funcional” , Mry Dalymple, Univ. Stanford.
20. Longobardi, G. (1994), " A Theoria of Movimento in Syntax and Logical Form " , in Linguistic Inquiry, Vol. 25, Number 4, The Massachusetts Institute of Technology.
21. Maho, J. F. (1999), " A Comparative Study of Bantu Noun Classes", Swedn, Acta Universitatis Gothoburgensis.
22. Mateus, M.H., Brito, A. M. Duarte, I & Faria, I. H. (2089). “ Gramática da Língua Portuguesa” . Caminho, 2ª edição, Lisboa.
23. Mateus, M.H., Brito, A. M. Duarte, I & Faria, I. H. (2003). “ Gramática da Língua Portuguesa” . Caminho, 2ª edição, Lisboa.

24. Mwitu, Juliana Cornélio (1999), *Situação Linguística de Moçambique, Levantamento das línguas faladas em Moçambique*, Maputo.
25. Neves, José C. P. Manuel & LOPES, Maria do Céu Vieira (1998) “ Gramática do Português Moderno” , Plátano Editora, Lisboa.
26. Siteo, B. & Ngunga A. (Orgs.) 2000. “ Relatório do II Seminário Sobre a Padronização da Ortografia das Línguas Moçambicanas”, Universidade Eduardo Mondlane, Maputo.
27. Ngunga, Armindo (2002), “ Elementos de Gramática da Língua Yao”, Imprensa Universitária, UEM, Maputo.
28. Ngunga, Armindo (2004), “ Introdução à Linguística Bantu”. Faculdade de Letras e Ciências Sociais – Imprensa universitária, UEM. Maputo.
29. Ngunga, Armindo. 2004. “ Introdução à Linguística Bantu”, 1ª ed. Imprensa Universitária, UEM, Maputo.
30. Ngunga, Armindo (Editor) (2009), *Lexicografia e Descrição de Línguas Bantu*. Centro de Estudos Africanos (CEA) – UEM, Maputo.
31. Ngunga, Armindo e Názia N. Bavo. (2011), “*Práticas Linguísticas em Moçambique*”, Centro de Estudos Africanos (CEA) – UEM, Maputo.
32. Ngunga, Armindo e Osvaldo G. Faquir (2011), *Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas*. Coleção As Nossas Línguas III., Centro de Estudos Africanos (CEA), UEM, Maputo
33. Ngunga, Armindo e Simbine, Madalena Citia (2012), *Gramática Descritiva da Língua Changana*”, Centro de Estudos Africanos (CEA) – UEM, Maputo.
34. Oliveira, F. (2001), " A questão dos Artigos em Português Europeu e Português de Moçambique", v. Homenagem ao Professor Herculano, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
35. Prata, A. P. (1990), “*Dicionário Macua-Português*”, Instituto de Investigação Científica Tropical, Lisboa.
36. Prata, António Pires (1973), “*Dicionário Português-Macua*”, Escola

Tipográfica das Missões, CUCUJÃES, Lisboa.

37. Prata, P. António Pires (1973), *Gramática da Língua Macua*, Escola Tipográfica das Missões, CUCUJÃES, Lisboa.

38. Raposo, E. P. (1992), “A Teoria da Gramática”, A Faculdade da Linguagem, Lisboa, Editorial Caminho, S. A.

39. Silva, Emídio & António Tavares, (?) “Dicionário Dos Verbos Portugueses” *Conjugação e Regências*, Porto Editora, LDA. Portugal.

40. Vilela, Mário (1999), *Gramática da Língua Portuguesa*, “*Gramática da Palavra*”, *Gramática da Frase*, *Gramática do Texto/ Discurso*”, Livraria Almedina, Coimbra, 2ª edição.

41. Vitorino, Aníbal. 1995. “Estudo comparativo fonolófição das variantes do Emakhuwa”: implicações ortográficas. Dissertação licenciatura. UEM, Maputo.

Outras Referências

42. Instituto Nacional de Estatística, (2007), Sinopse dos Resultados Definitivos do 3º Recenseamento Geral da População e Habitação, Moçambique, Nampula;
43. Basílio, Margarida, Teoria Lexical, TYPE: Adobe Acrobat Document: Size: 441 KB
44. http://wbcache.googleusercontent.com/search?hl=pt-PT&gbv=2&rlz=1W1ADRA_enMZA...4/7/2912
45. <http://www.ciberduvidas.pt/pergunta.php?id=578> . 4/7/2012
46. http://webcache.googleusercontent.com/search?hl=pt-PT&gbv=2&rlz=1W1ADRA_enMZA...4/7/2012
47. http://www.webbusca.com.br/idiomas/ingles/aula_artigos_definidos.asp.4/7/2012
48. http://wbcache.googleusercontent.com/search?hl=pt-PT&gbv=2&rlz=1W1ADRA_enMZA... 4/7/2012
49. <http://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:xM3y9uDDQEJ:SCHOLAR.GOOGLE.C...> 11/23/2012
50. http://G:\NEIDLE GEL _ files\translate_c.html 10/17/20014

Apendices:

1. Guião de entrevistas a alunos, docentes e gestores da escola

Questionário para alunos e docentes

Para a recolha de dados na Escola Secundária 12 de Outubro, o questionário submetido contou com as seguintes perguntas para os alunos:

I. Informação relativa ao conhecimento de regras gramaticais

1. Numa frase, quais são os elementos essenciais?
2. Em termos morfológicos, qual a constituição do Sujeito?
3. Qual dos elementos ocupa a posição inicial?
4. Em que posições da frase pode ocorrer o Sintagma Nominal?
5. Quais os constituintes do Sintagma Nominal?

II. Informação relativa ao hábito de leitura

Coloque as horas no espaço correspondete à atividade:

6. Que atividades têm ocupado o seu dia? Aulas ___ jogos de campo ___ filmes ___ novelas ___ conversas com amigos ___ leitura ___coloque outras _____
7. Se a atividade de leitura tem lugar no seu dia a dia, coloque um *S* no espaço correspondete à sua opção:
Que tipo de livros lê com frequência? Romances ___; Literários ___ científicos _____ policiais ___ banda desenhada ___ Outros _____
8. Quantas páginas lê por semana? Uma ___ duas ___ três ___ quantas?
9. Que período do dia prefere dedicar-se à leitura?

III. Perguntas aos professores

1. Sr. Professor, quais têm sido, na sua observação, as grandes dificuldades no uso do artigo para a estruturação de uma frase pelos alunos?
2. Que acha que poderão ser as principais causas dessas dificuldades?
3. Quais têm sido as soluções recorridas por si?

IV. Questionário aos gestores da escola:

6. Sr. Director, durante o seu acompanhamento do processo E/A, quais as principais áreas críticas na disciplina de Língua portuguesa que lhe têm chegado?
 7. Tem notado que os alunos omitem o artigo definido em frases orais e escritas? Qual é a sua percepção em relação a este problema?
 8. Acha que os professores da (s) Escola (s) que dirige fazem o máximo para resolver os problemas identificados? Que constrangimentos eles enfrentam?
 9. Sendo um problema também da escola e ou do setor que dirige, que soluções tem sugerido para os seus professores?
 10. Tem mais alguma informação para dar?
2. Guião para a produção das composições sobre a violência doméstica
1. O que entende por violência doméstica?

2. Quem são os promotores desta prática?
3. Quais têm sido as motivações mais frequentes?
4. Quais as principais vítimas?
5. Que formas de violência doméstica têm sido usadas?
6. Conhece outras formas de violência humana?
7. Qual o número de frequência em Moçambique?
8. Quem são os maiores cúmplices destes actos dentro das famílias?
9. Como se pode reverter esta situação?
10. Que conselhos daria às famílias para se ultrapassar esta situação?
11. Qual deve ser o papel do governo diante deste fenómeno?

Faça uma composição à volta deste questionário, organizando o texto em períodos e parágrafos, conforme a apresentação das ideias acima enumeradas.

Anexos 2.

1. Textos manuscritos sobre a violência doméstica;
2. Imagens visuais ;
3. Imagens sonoras.

Lista de Frases de Acordo com a Classe Nominal

Província de Nampula – Municipio de Nmpula/Bairro de Mutawanha

Classe Nominal	Frases em português. (PE)	Classe Nominal	Frases Emakhuwa
1	A mulher é dedicada à família e à casa	1	Muthiyana tonhala vatte
	O homem trabalha mais fora da casa		Mulopwana tonvara muteko ottaywene
	A pessoa deve amar ao próximo		Muthu ohana omutitimiya mukhawe
	A criança é do sexo feminino		Mwana ola muthiyana
2	As mulheres são dedicadas à família		Athiyana tonakhapelela omusiawe
	Os homens trabalham mais fora da casa		Alopwana tovara muteko ottawene
	As pessoas devem amar ao próximo		Atho towiwanana namusi
	As crianças são do sexo feminino		Anamwane axithiyana
3	A planta do vaso secou		Mwiri ori nwapuni ohuma
	O meu braço dói-me		Mono aka onokiwereya

Prov. de Nampula ___ Munic. Nampula. Bairro de Mureveia

	O gato fugiu		Quato otthyawa Pakha otthyawa
	A perna do rapaz		Muetto wamwammiravo ohinteya Muetto wammiravo ohinteya
	A perna da mesa partiu-se		Muettho wamesa ohinteya
6	As laranjas estão na mesa		Erarance eri wa mesa Erarance eri vasulu vamesa
	As mangas caíram		Imanka soomora
	Os gatos fugiram		Aquato athyawa
	As pernas dos rapazes partiram-se		Metto saamiravo sehinteya
	As pernas das mesas partiram-se		Metto sa imesa sohinteya
7	A pedra bateu na janela		nluku nomana e janela
	A flor não tem valor entre os moçambicanos		Ethutu khi erina murarelo namosampikano Efolore khi erina murarelo namosampikano
	O Emakhuwa é uma língua bantu		Emakhuwa elavulelo ya atho anoripe

Prov. Zambézia ___ Distrito de Pebani

9	O leão devorou o coelho		Mwatto onphara namarokolo Mwatto onphara namarokolo
	O crocodilo atacou as costas o rapaz		Ekonya emphara munhahuma ottuli Ekonya onphara mwanamwane nmakhatani
	A galinha voou da capoeira		Mwanakhu okhuma mwibilini avavaka Mwalakhu ovava mwipilini (ehiili) genérico (epili)
	O cão está a ladrar		Mwanabwa onahuwa Mwalapwa wiwula (ohuwa)
10	Os leões devoraram o coelho		Amwatto annphara namarokolo
	Os crocodilos tomaram as costas do rapaz		Ikonya inphara mwana ottuli
	As galinhas voaram da capoeira		Anakhu akhuma mwibilini avavaka
	Os cães estão a ladrar		Anabwa anawuwa
14	O óleo entornou-se		Makhura ahitheya musuphani
	A água já ferveu		Maaddi aviluwa Maaddi aviluwa
	O ar existe à nossa volta		Ethego erivavala naruhu/etthego ediginha muttaygo

Prov. de Cabo Delgado ____ Distrito de Montepwês

Classe Nominal	Frases em português. (PE)	Classe Nominal	Frases Emakhuwa
1	A mulher é dedicada à família e à casa	1	Muthiyana tinlokhiha ou tinlokiha etthoko Nthiyana onawivahererya na amudje ni watthokoni Nthiyana nikurumisa nimiteko so vapuwani ni wa thonkadja attho wo wapuwani Muthiyana osikisanya
	O homem trabalha mais fora da casa		Mulopwana tonivara muteko okathi owani Nlopwana navara nteko djenene uta wo vatthokoni Nlopwana nvara nteko ottayi no vapuwani Nlopwana novara nteko uta
	A pessoa deve amar ao próximo		Muthu ohona omphenta onamutattamanawe Nthu afenteke mwattamananawe Nthu amphenteke mwattamanuwawe Nthu oyana afentaka mwattamwanyawe
	A criança é do sexo feminino		Mwana mamuthiyana Mwana mwaanthiyana Mwana oyo nthiyana Mwanhima mwanthiyana

1. Guião de entrevistas a alunos, docentes e gestores da escola

Questionário para alunos e docentes

Para a recolha de dados na Escola Secundária 12 de Outubro, o questionário submetido contou com as seguintes perguntas para os alunos:

I. Informação relativa ao conhecimento de regras gramaticais

1. Numa frase, quais são os elementos essenciais?
2. Em termos morfológicos, qual a constituição do Sujeito?
3. Qual dos elementos ocupa a posição inicial?
4. Em que posições da frase pode ocorrer o Sintagma Nominal?
5. Quais os constituintes do Sintagma Nominal?

II. Informação relativa ao hábito de leitura

Coloque as horas no espaço correspondente à atividade:

6. Que atividades têm ocupado o seu dia? Aulas ___ jogos de campo ___ filmes ___ novelas ___ conversas com amigos ___ leitura ___ coloque outras _____
7. Se a atividade de leitura tem lugar no seu dia a dia, coloque um *S* no espaço correspondente à sua opção:
Que tipo de livros lê com frequência? Romances____; Literários___ científicos _____ policiais ___ banda desenhada _____ Outros _____
8. Quantas páginas lê por semana? Uma ___ duas ___ três ___ quantas?
9. Que período do dia prefere dedicar-se à leitura?

III. Perguntas aos professores

Como foi referenciado anteriormente, foram elaboradas três questões a serem respondidas pelos professores. O propósito que se optou pela elaboração de perguntas diferentes às dos alunos tem a ver com as evidências das próprias perguntas e dos objectivos que se pretendem atingir em relação ao tema em estudo. Um dos objectivos visa exactamente identificar as sensibilidades que os professores têm sobre a aprendizagem dos seus alunos. Este

pensamento também influenciou para o questionário do Director Pedagógico e dos técnicos da Educação.

1. Sr. Professor, quais têm sido, na sua observação, as grandes dificuldades no uso do artigo para a estruturação de uma frase pelos alunos?
2. Que acha que poderão ser as principais causas dessas dificuldades?
3. Quais têm sido as soluções recorridas por si?

IV. Questionário aos gestores da escola:

1. Sr. Director, durante o seu acompanhamento do processo E/A, quais as principais áreas críticas na disciplina de Língua portuguesa que lhe têm chegado?
2. Tem notado que os alunos omitem o artigo definido em frases orais e escritas? Qual é a sua percepção em relação a este problema?
3. Acha que os professores da (s) Escola (s) que dirige fazem o máximo para resolver os problemas identificados? Que constrangimentos eles enfrentam?
4. Sendo um problema também da escola e ou do setor que dirige, que soluções tem sugerido para os seus professores?
5. Tem mais alguma informação para dar?

2. Guião para a produção das composições sobre a violência doméstica

1. O que entende por violência doméstica?
2. Quem são os promotores desta prática?
3. Quais têm sido as motivações mais frequentes?
4. Quais as principais vítimas?
5. Que formas de violência doméstica têm sido usadas?
6. Conhece outras formas de violência humana?
7. Qual o número de frequência em Moçambique?
8. Quem são os maiores cúmplices destes actos dentro das famílias?
9. Como se pode reverter esta situação?
10. Que conselhos daria às famílias para se ultrapassar esta situação?
11. Qual deve ser o papel do governo diante deste fenómeno?

Faça uma composição à volta deste questionário, organizando o texto em períodos e parágrafos, conforme a apresentação das ideias acima enumeradas.

3. Textos sobre a Violência Doméstica em Moçambique

A violência doméstica em Moçambique

Em Moçambique o índice da violência doméstica tende a aumentar a cada dia, crime este que consiste na agressão psíquica ou física da parte de cada um dos cônjuges no seio dos seus lares.

Infelizmente no nosso país opta-se mais pela agressão do que pelo diálogo, pois é a falta de diálogo que faz com que os cônjuges promovam tal acto no seio do seu lar e como consequente, afectam directamente as crianças (os filhos), pois elas são as que mais sofrem com o clima de guerra vivido em seus lares, e desta forma, criando certos traumas e em alguns casos comportamento agressivo por parte das mesmas.

Por vivermos num país em vias de desenvolvimento, grande parte da população é pouco letrada, razão esta que faz com que ignorem o diálogo e optem para a violência como forma de aliviarem-se da raiva, que geralmente é causada por ciúmes e o machismo da parte dos homens, por ainda acreditarem que as mulheres são inferiores a eles, e que elas não têm voz no lar, servindo desta forma apenas para trabalhos domésticos.

Infelizmente em Moçambique, ainda hoje violam-se alguns direitos humanos, como a liberdade de expressão e outros, mas as que mais sofrem com a violação dos seus direitos são as crianças e as mulheres (pouco letradas). Mas uma das formas de lutarmos contra este mal é optarmos mais pelo diálogo do que a violência, e eu acredito que essa forma que possa ser revertida é necessário que a educação parta de casa, pois é de preferência que se foque o pai, e evitando as desavenças na frente das crianças também pode contribuir para que no futuro sejam homens mais pacíficos.

A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA EM MOÇAMBIQUE

A violência doméstica é um acto de violação dos direitos humanos praticado ~~por~~ homem para homem no nosso dia-a-dia.

A violência doméstica é praticada de várias formas como: agressividade, não respeito aos mais novos ou pobres, agressão física às mulheres nos seus lares, o mau trato das crianças ~~por~~ seus parentes e alguns até forçadamente levam as crianças ~~para~~ viver com pessoas ruins.

Os promotores da violência somos nós que em muitas vezes fazemos coisas sem pensar no nosso próximo.

As principais vítimas da violência doméstica são as crianças quem em muitas vezes não tem o poder de dizer não à certas coisas mães e as mulheres e os orfãos.

Frequentemente o motivo da violência doméstica tem sido aproveitar a força dos outros, o álcool, as drogas excessivas consumidas no nosso país. O nível de frequência deste acto é ~~maior~~ maior no nosso país porque frequentemente ouvimos, lê-mos, assistimos casos de violência doméstica e muitas vezes vitimando crianças, orfãos e mulheres.

Há também outros tipos de violência no nosso país como: violação de menor (abuso sexual) e outros como a violação dos idosos.

→ As que tem se têm exercido contra mulheres e crianças são: o abuso sexual, abuso psicológico, mau trato dos homens às suas mulheres.

Este problema só será revertido se todos nós soubermos tratar os nossos próximos com respeito e termos a justiça conosco e com todas as famílias tendo em conta que todo o cidadão tem direito à vida.

→ O governo deve trabalhar com a justiça e paz, tomar novas leis e regulamentos para podermos todos ter paz.

O conselho que eu daria a sociedade no geral de forma a mudar este problema é que todos os pais e encarregados das crianças evitem das crianças de uma boa forma contando que ela sente dor e tem coração. E aos maídos dizer que "o respeito faz bem e não mata ninguém" respeitar as mulheres porque ela convive consigo e dá o último conselho é o seguinte "só com a justiça conseguimos a paz".

A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

3

A violência doméstica é a violência, explícita ou velada, literalmente praticada dentro de caso ou âmbito familiar, entre indivíduos unidos por parentesco civil (marido e mulher; sogra; padasto) ou parentesco natural (pai, mãe, filhos, irmãs), incluindo diversas práticas, como a violência e abuso sexual contra as crianças, maus tratos contra idosos, e violência contra as mulheres e contra o homem geralmente nos processos de separação litigiosa além da violência sexual contra o parceiro. Com a informação acima citada os actores principais da violência doméstica são as crianças e mulheres; porém geralmente as vítimas de violência doméstica são as mulheres e as crianças, e há caso em que são os idosos, e o nível de referência de violência doméstica em Moçambique é de 24 advoca~~ções~~ das comunidades e 13 constrangimentos, porém a violência mais destacado é da rua e os mas cúmplices dentro da família são as mulheres, mas disso não significa que os maridos são necessariamente maçar a parceira, mas sim em manter o poder e controle sobre a vítima ou para forma de tranquilise o marido pode tomar ^{parte} da família.

Quanto as outras formas de violência humana que ^{tem} exercido contra menores e são do tráfico de menores e esfaquiamento, e falando da parte do sexo feminino são agredida intencionalmente através de força, e com isso é um problema social e de saúde pública que atinge todas as raças, etnias, religiões e classes sociais.

Com tudo o governo deve priorizar os casos para que haja justiça penal ou direitos.

Mosambique é um país que está em vias de desenvolvimento. sendo hon
isso existem ainda famílias e pessoas que ainda não sabem sobre a
violência doméstica, não sabem que é um acto bárbaro.

Violência doméstica é um acto bárbaro, cruel que a maioria das famílias

Mosambicanos praticam sem saber das consequências.
A maioria das famílias praticam violência doméstica dando porradas ou batendo
as suas mulheres e maridos, em as vezes com objectos cortantes ou de risco. existe
também a violência doméstica psicológica que tem vezes em que as maridos e mulheres
beliegem e quando voltam a casa comungam a insultar as suas mulheres por vezes
em frente das filhas, e elas começam a apertar o coração que aquele acto que
participam em caso é um acto normal. A violência doméstica não é só praticada
pelos homens ou só pelas mulheres, mas sim em ambas sexos e com isto as
primeiras vítimas no caso de violência doméstica são as filhas e muitas das
vezes as mulheres quando os homens e que praticam mais a violência.

Na maioria das vezes quando chegamos ao caso de querer saber as motivações,
muitas famílias alegam que é por ciúmes ou por vezes o homem vê que
a mulher é uma analfabeta e se aperceita de facto que ela não pode fazer
nada por medo de voltar à casa dos seus pais e sofrer consequências de fama
com as filhas e mais, e por esses e outras motivações o nível de frequência
está cada vez mais alargado e a percentagem sabe cada vez mais.

Não existem só a violência doméstica por porradas e batidas, tem também
a violência sexual, psicológica, física e mais. Mas as vítimas violentas mais
exercidas contra as maiores vítimas que são as mulheres e as crianças são
as crianças e mulheres. visto que muitas crianças são mortas e violadas
sexualmente e as mulheres também sofrem com este problema, elas são
violadas sexualmente e psicológicamente por homens, do pai e não só, também
pelos seus maridos, em casa e fora de casa. esta situação é preciso que
em Mosambique haja um galimatias de atendimento e aconselhamento a
pessoas que praticam a violência doméstica e também na questão das
labala, muitas famílias mosambicanas aceitam labalar as suas filhas
e depois disso, os maridos homens que podem fazer o que quiser com elas.
Batem nelas, insultam achando que são donas delas, quando muitas das
vezes as familiares não costumam a ter como devotadas as coisas e o
dilema de labalar e isso é vender a família ou as filhas. e para a
família exercer este problema de evitar fazer labala nas suas
filhas, incentivam as suas filhas a estudarem para que tenham
um futuro melhor quando esses casos são mais feitos quando a mulher
é uma analfabeta e não trabalha e não tem nada para sustentar a sua família
e as suas filhas.

Como já disse o governo deve se comprometer em construir ou realizar
galimatias centros e formar mais psicólogos para ajudarem e atenderem
as pessoas que praticam este acto, não é só pedir que vai acabar, as vezes
há de ser um problema psicológico de parte do violador e precisa de muita ajuda.
por vezes esses violadores entram na prisão e quando saem voltam a
realizar essas violências domésticas. e as crianças também ficam
traumatizadas de ver os pais a espancarem brutalmente as mães.

é muito duro saber que ainda existem pessoas que vivem a violência doméstica.
como algo normal que se pode praticar nas famílias só quando é o
mulher ou só quando fazem labala e pensa que não é normal.

A violência doméstica, em Moçambique

A violência doméstica, é um acto agressivo físico de certas pessoas para outras dentro, determinada sociedade.

Em Moçambique as formas mais praticadas dessa violência, manifesta-se em vários aspectos, entre os quais são: agressiva física das mulheres e crianças (baterias), formas moral, a gravidade em palestras.

No nosso país a violência doméstica é mais promovida pelos homens maltrata-tando as suas mulheres, irmãos e filhos e as mulheres maltratando os seus filhos ou os menores. Para este acto, existem as motivações mais frequentes que são: Os homens maltratam as suas mulheres por não terem a capacidade de cui-darem os seus lares, seus filhos até o próprio marido e as mães maltratam os seus filhos e educantes por não quererem nos trabalhos domésticos, por falta de educação dos mesmos e indisciplina e esse sistema de violência e cada vez mais elevado.

Para além da violência doméstica, existem também outras formas de violên-cias como é o caso da violência sexual, violência no trabalho, violência escola-r e violência das igrejas. Mas mais frequente e que exercida contra mulher-es e crianças é a violência sexual.

Para reverter esta situação depende de toda sociedade evitando com as violências e vivendo num país de paz. Para a família devem aconselhar os seus parentes e familiares que nada se resolve com a violência a não trazer proble-ma e para o governo ele pode evitar esta situação fazendo palestras, a nunciando nas rádios, nas televisões e fazendo alguns manuais.

O Conselho que dou para o meu belo Moçambique e a sociedade em geral é de não fazerem a violência doméstica porque está esvaziando a nossa popu-lação, as nossas mães trabalhadoras e nossos futuros ministros, engenheiros e mais, que podem desenvolver a nossa nação. Eu e você gritemos "abaixo a violência doméstica".